



Elides Junio Macharete Fonseca

O Resgate da Centralidade Cristológica no Culto
Uma análise teológico-prática das igrejas batistas
litorâneas fluminenses

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Abimar Oliveira de Moraes

Rio de Janeiro
Abril de 2015



Elildes Junio Macharete Fonseca

O Resgate da Centralidade Cristológica no Culto: uma análise teológico-prática das igrejas batistas litorâneas fluminenses.

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada:

Prof. Abimar Oliveira de Moraes

Orientador

Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof. Luiz Fernando Ribeiro Santana

Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof. Cesar Augusto Kuzma

Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof. Israel Belo de Azevedo

Prof. Valtair Afonso Miranda

Faculdade Batista do Rio de Janeiro

Prof^a. Denise BerruezoPortinari

Coordenadora Setorial de Pós-Graduação e Pesquisa do
Centro de Teologia e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 15 de abril de 2015.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

Elildes Junio Macharete Fonseca

Graduou-se em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, em 2003, e em Licenciatura em Letras (Português/Grego) pela Universidade Federal Fluminense, em 2007. Concluiu o Mestrado em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, em 2008. É pastor batista (Convenção Batista Brasileira), desde 2004, e professor em seminários de confissão batista.

Ficha Catalográfica

Fonseca, Elildes Junio Macharete

O Resgate da Centralidade Cristológica no Culto: uma análise teológico-prática das igrejas batistas litorâneas fluminenses / Elildes Junio Macharete Fonseca; orientador: Abimar Oliveira de Moraes. – 2015.

174 f. ; il. (color.) ; 30cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2015.

Inclui referências bibliográficas.

1. Teologia – Teses. 2. Culto. 3. Liturgia. 4. Igrejas Batistas. 5. Centralidade Cristológica. I. Moraes, Abimar Oliveira de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

À Thaís Caetano de Miranda Fonseca,
meu grande amor.

Agradecimentos

Ao Deus de Jesus Cristo, razão da minha existência e devoção.

À minha esposa, Thaís, companheira fiel, alegre e determinada, cuja convivência leve e saudável foi essencial para vencer mais uma etapa acadêmica.

À minha filha, Elisa, cujo nascimento alegrou singelamente os últimos meses da redação deste trabalho tão almejado.

Aos meus pais, Elildes e Maria, presenças mais do que valiosas, verdadeiros “mestres em educação”.

Ao meu avô, Leôncio, por manter-se um referencial de valor inestimável.

Aos meus sogros e cunhada, Gelson, Claudia e Thayná, por somarem de forma maravilhosa.

A todos os meus familiares e amigos, pelo afeto que tanto faz bem.

Às igrejas por onde passei e aos pastores que me acompanharam (Terceira Igreja Batista em Cabo Frio, Primeira Igreja Batista em Alcântara e Primeira Igreja Batista em Cabo Frio).

À Primeira Igreja Batista no Bairro São João, onde tenho a honra de servir, neste tempo, como pastor.

Ao Pr. Matheus Dutra Rebello e ao M. M. Josinei Silvério da Costa, companheiros na equipe ministerial, que tem colaborado para que os ideais deste trabalho sejam colocados em prática na nossa comunidade de fé.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Abimar Oliveira de Moraes, pela competência, habilidade e amizade.

À PUC-Rio e ao CNPq, pelos auxílios concedidos.

Ao Departamento de Teologia da PUC-Rio e todos os docentes, funcionários e colegas de curso, pela convivência agradabilíssima nessa jornada.

A todos que, de alguma forma, me incentivaram na caminhada acadêmica e, por isso, são parte integrante dessa história vitoriosa.

Resumo

Fonseca, Elildes Junio Macharete; Moraes, Abimar Oliveira de. **O Resgate da Centralidade Cristológica no Culto: uma análise teológico-prática das igrejas batistas litorâneas fluminenses**. Rio de Janeiro, 2015. 174p. Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

As igrejas batistas possuem características singulares, como o princípio da autonomia da igreja local. Cada congregação é uma unidade autônoma, ligada às demais pelo vínculo denominacional, através da Convenção Batista Brasileira, Convenções estaduais e Associações regionais. A autonomia da igreja local favorece a diversidade cültica, pois cada igreja é livre para adotar o seu estilo. Embora seja um belo e essencial princípio batista, a autonomia favorece a pluralidade litúrgica, muitas vezes com a daninha influência de elementos que comprometem a centralidade cristológica no culto, como a liturgia neopentecostal, as literaturas de mercado e a ausência de reflexão teológica. O conhecimento da Teologia do Culto Cristão, mesmo em tradições diferentes, que até mesmo antecederam à tradição batista, é um caminho necessário para o resgate da centralidade cristológica no culto. Esse resgate das riquezas da tradição cültica em diálogo com as igrejas batistas permitirá uma leitura justa e coerente da denominação batista, oferecendo respostas para os possíveis problemas de esvaziamento da centralidade cristológica no culto. Uma vez que o universo batista brasileiro, ou até mesmo fluminense, é muito amplo, para fins de análise da realidade litúrgica das igrejas batistas, com dados advindos de momento empírico na pesquisa, fez-se um corte geográfico na região litorânea fluminense, focando a pesquisa exclusivamente com as igrejas vinculadas à Associação Batista Litorânea Fluminense. A pesquisa, que alcançou membros de aproximadamente 90% das referidas igrejas, além de pastores e seminaristas (estudantes de Teologia), revelou realidades que confirmam a necessidade da proposta de resgate da centralidade cristológica no culto, sendo fonte de pesquisa e reflexão para as igrejas batistas.

Embora as igrejas batistas não adotem nenhum calendário ou manual litúrgico, mesmo diante do princípio de autonomia de cada congregação local, há uma “fé batista”, há uma tradição que perdura gerações. Seria um prejuízo às igrejas batistas e seus cultos “virarem as costas” ao assunto. O objetivo não é uniformizar o culto batista, até mesmo porque isso feriria frontalmente o “jeito batista de ser”. Pelo contrário, o objetivo é oferecer respostas, é dar subsídio para uma reflexão teológica consistente, capaz de fomentar valores imprescindíveis para o culto verdadeiramente cristológico e expurgar influências negativas.

Palavras-chave

Culto; liturgia; igrejas batistas; centralidade cristológica.

Abstract

Fonseca, Elildes Junio Macharete; Moraes, Abimar Oliveira de (Advisor). **The Christological Centricity Rescue at Services: a practical theological analysis of Baptist churches in Rio de Janeiro coastal cities.** Rio de Janeiro, 2015. 174p. Doctoral Thesis – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Baptist churches hold unique characteristics, like the autonomy principle of local churches. Every single congregation is an autonomous unit, bound to the other ones by the denominational tie, through Brazilian Baptist Convention, state Conventions and regional Associations. The local church autonomy benefits the service diversity since each church is free to adopt its own style. Although it may be a beautiful and essential Baptist principle, the autonomy favors liturgical plurality, often with harmful influence elements that puts into risk the christological centricity at services, like the neopentecostal liturgy, the gospel literatures available on the market and the lack of theological reflection. The knowledge of the Christian service theology, even in different traditions, including those ones that preceded the Baptist tradition, is a necessary way to rescue the christological centricity at services. This rescue of the service tradition wealth together with the Baptist churches will allow a fair and coherent reading of the Baptist denomination, offering answers to the possible problems of the emptying in the service christological centricity. Once the Brazilian Baptist universe, or even the Rio de Janeiro one, is very wide, with the purpose of analysing the liturgical reality of Baptist churches, with data resulted from an empirical moment in the research, it was made a geographical cut in the coastal region of Rio de Janeiro, focusing exclusively on the churches linked to the Baptist Association of Rio de Janeiro coastal cities. The research, that reached members of nearly 90% of those churches, besides pastors and seminarists (Theology students), revealed realities that confirm the necessity of the proposed rescue of the service christological centricity, becoming source of research and

reflection to Baptist churches. Although Baptist churches do not adopt any calendar or liturgical manual, even in the face of the autonomy principle of each local congregation, there is a "Baptist faith", there is a tradition that lasts generations. It would be a loss to Baptist churches and their services to ignore the matter. The objective is not to uniform the Baptist service, even because this would completely harm the way of being Baptist. On the contrary, the objective is to offer answers, to give support to a solid theological reflection, capable of fomenting essential values to a true christological service and expurgate negative influences.

Keywords

Service; liturgy; Baptist church; christological centrality.

Sumário

1 Introdução.....	14
2 Teologia do Culto Cristão: um resgate histórico-teológico da liturgia	22
2.1. Culto Cristão e História da Salvação	24
2.2. Dimensões Teológicas do Culto	26
2.1.1. Dimensão cristológica	26
2.2.2. Dimensão salvífico-escatológica	29
2.3. Necessidade do Culto	30
2.3.1. A instituição crística do culto	31
2.3.2. Ação do Espírito Santo.....	32
2.3.3. Culto como um dos meios de efetivação da história da salvação	33
2.3.4. Proclamação do Reino de Deus no culto	33
2.3.5. Deus: principal oficiante do culto.....	34
2.4. Liturgia: lugar de encontro da <i>lex orandi, lex credendi e lex vivendi</i>	35
2.5. Culto Protestante no Brasil.....	37
2.6. Primeiro Culto Protestante no Brasil	39
2.7. Pluralidade Litúrgica	40
2.8. Música na Bíblia, Música na Liturgia	41
2.8.1. Música no Antigo Testamento	41
2.8.2. Louvor e Adoração no Antigo Testamento	42
2.8.3. Louvor e Adoração nos Salmos	43
2.8.4. Música no Novo Testamento.....	45
2.8.5. Louvor e Adoração no Novo Testamento	46
2.8.6. Músicos ou Levitas?	47
2.8.6.1 Quem são os Levitas?.....	47
2.8.6.2. Temos Levitas hoje?	48

3. Culto Cristão e Igrejas Batistas	51
3.1. A Liturgia das Igrejas Batistas	51
3.2. Reflexos na Prática Litúrgica.....	55
3.2.1. Influência (neo)Pentecostal	55
3.2.2. Literaturas no Mercado	58
3.2.3. Ausência de Reflexão Teológica	64
3.3. O Legado Batista.....	66
3.3.1. A Ênfase na Evangelização.....	70
3.3.2. Uma Nova Forma de Culto.....	71
4. Um Retrato da Prática Litúrgica das Igrejas Batistas Litorâneas Fluminenses	77
4.1. Entrevistas com Pastores.....	77
4.2. Entrevistas com Membros	89
4.3. Entrevistas com Seminaristas	97
5. Verso um Culto Cristológico: linhas teológico-práticas para as igrejas batistas litorâneas fluminenses.....	109
5.1. Apresentação do Deus de Jesus Cristo	111
5.1.1. Ênfase nos feitos de Deus como resposta cültica ao Deus de Jesus Cristo	112
5.1.2. Culto integral ao Deus de Jesus Cristo	116
5.1.3. A responsabilidade pastoral na orientação teológico-doutrinária do culto.....	118
5.2. Atualização das Palavras e Gestos Salvíficos de Jesus Cristo	120
5.2.1. Resgate dos Símbolos Cristãos	121
5.2.2. Liturgia como forma de ensino das palavras e gestos salvíficos de Jesus Cristo.....	123
5.2.3. Unidade da mensagem no culto.....	125
5.3. Condução pelo Espírito de Cristo.....	125
5.3.1. Presença do Espírito de Cristo na celebração cültica	126
5.3.2. O perigo da ausência do referencial pneumatológico no culto	126
5.3.3. Uma pneumatologia doutrinariamente saudável	127

5.4. Reunião da Membresia Redimida em Cristo	127
5.4.1. Liturgias mais coletivas e menos individualizadas	128
5.4.2. Compromisso com o ensino das doutrinas batistas	129
5.4.3. O valor do culto e sua liturgia para a membresia redimida em Cristo	131
5.5. Algumas Sugestões Práticas Para a Dinâmica do Culto Batista	132
5.5.1. Música na Liturgia	132
5.5.1.1. Harmonia Entre Crença e Canto	133
5.5.1.2. Revisão de Hinos e Cânticos	134
5.5.1.3. Composições.....	135
5.5.2. Capacitação de Dirigentes de Culto	136
5.5.3. Postura no Púlpito	137
5.5.4. Horário.....	138
5.5.5. Sonorização	139
5.5.6. Iluminação	139
5.5.7. Produção Gráfica	140
5.5.8. Anúncios.....	140
5.5.9. Prelúdio e Poslúdio	141
6. Conclusão.....	142
7. Referências Bibliográficas	148
8. Anexos	160
8.1. Entrevista com Pastores.....	160
8.2. Entrevista com Membros.....	163
8.3. Entrevista com Seminaristas.....	166
8.4. A Confissão de Fé da Guanabara	169

*“Prestem culto ao Senhor com alegria. Se ofereçam
em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus;
este é culto espiritual de vocês.”*
(Salmo 100.2; Romanos 12.1)

1.

Introdução

A denominação batista possui características peculiares que a destaca das demais denominações históricas protestantes, especialmente, o princípio da autonomia da igreja local. Cada congregação local, uma vez organizada e reconhecida como igreja batista, é autônoma em suas decisões, inclusive para definir declaração doutrinária, vinculação ou não às demais igrejas batistas, através da Convenção Batista Brasileira¹, e prática litúrgica.

Regra geral, ao ser organizada uma nova igreja batista há uma “igreja mãe” (ou “igrejas mães”), ou seja, uma igreja que promove o concílio organizador, publicamente convocado, quando são verificadas questões doutrinárias e vínculo denominacional; mas, mesmo assim, uma vez organizada, a novel igreja é autônoma, justamente por seguir o modelo administrativo democrático-congregacional praticado pelos batistas.

O princípio da autonomia da igreja local, embora seja uma das preciosidades batistas, possui um lado negativo, pois pode comprometer a unidade denominacional. Essa possibilidade tem sido real em alguns casos. Como se diz popularmente, o princípio da autonomia da igreja local coloca os batistas diante “da cruz e da espada”. O mais “belo” princípio denominacional, por vezes, é o que abre as portas para as páginas mais “feias” da história de algumas igrejas batistas².

Perder o princípio da autonomia local da igreja é comprometer a essência, o “jeito batista de ser”. Esse não é o caminho, nem será uma proposta neste trabalho. O conflito permanecerá. É no meio dele que a contribuição que será dada pretende-se fértil e útil às igrejas batistas do Brasil.

¹ Organização que agrega as igrejas batistas do Brasil com ela cooperantes, por pedido voluntário de ingresso, assumindo o compromisso de seguir e defender a sua Declaração Doutrinária.

² Alguns exemplos de igrejas no Estado do Rio de Janeiro, onde foi feito o corte geográfico da tese, que sofreram/sofrem com querelas eclesiais e jurídicas: Igreja Batista do Fonseca; Primeira Igreja Batista em Jacarepaguá; Primeira Igreja Batista em Cambuci; Primeira Igreja Batista em Nilópolis; Igreja Batista Central em Jardim América; Primeira Igreja Batista em Ipanema; Igreja Batista em Jardim Guanabara de Bangú; Igreja Batista do Barreto; Igreja Batista em São Francisco Xavier; Primeira Igreja Batista em Cachoeiras de Macacú; Igreja Batista em Parque Eldorado; Segunda Igreja Batista em São Pedro da Aldeia; Primeira Igreja Batista em Nova Friburgo.

Dentre os possíveis problemas num contexto de autonomia da igreja local, um dos mais notáveis está na “questão litúrgica”. No culto, a comunidade de fé está reunida e expressando suas crenças. O ajuntamento solene, a celebração litúrgica coletiva, revela quem a comunidade é, principalmente em termos teológico-doutrinários. A teologia que fica para a igreja como um todo é a teologia apreendida no culto.

Uma vez que o culto é o “lugar” por excelência onde a comunidade vivencia a fé (noutras palavras, onde se faz a experiência de salvação cristã), requer-se prioritária dedicação ao tema; razão pela qual o assunto foi escolhido por este autor.

A pluralidade litúrgica, mesmo dentro de uma mesma denominação, é percebida facilmente, principalmente na atualidade. Essa realidade litúrgica plural é uma virtude inegável e não será combatida por este autor, que reconhece que há beleza e proveito nela, entretanto, por outro lado, também reconhece que há margem para possíveis perdas de raízes históricas de uma tradição litúrgica. Essas raízes têm sido perdidas em muitos casos, deixando um lastro de perda de identidade e distanciamento denominacional em algumas comunidades, com assumidas divisões e litígios, inclusive. A pluralidade é bem-vinda, porém, requer-se reafirmar, de contínuo, que a liturgia que uma comunidade cristã realiza demonstra a sua identidade. A pluralidade litúrgica não deve ser razão para comprometer princípios e doutrinas batistas, porque uma coisa não acontecerá, necessariamente, em detrimento da outra. Há um caminho que preserva ambos.

Mesmo sabendo que assumidamente a denominação batista não segue nenhum manual litúrgico ou algo do gênero, há uma identidade litúrgica denominacional, há uma “fé batista”, pelo fato de se preservar entre as gerações linguagens comuns à liturgia, como elementos presentes nos encontros celebrativos, seleção musical e formatação do ambiente litúrgico.

É possível afirmar que essa falta de padronização litúrgica é parte responsável pela pluralidade litúrgica, inclusive com a atual influência do neopentecostalismo, por exemplo. Regra geral, a prática tem mostrado³ que as igrejas batistas

³ Os anais da Convenção Batista Brasileira, das Convenções estaduais e das Associações regionais registram fatos nessa direção. Há igrejas que ficaram mais de 20 anos aguardando decisão judicial para retorno ao templo (patrimônio, como um todo), que estava ocupado pelo grupo que aderiu a

que aderem ao estilo cúlrico neopentecostal passam a ter ênfase litúrgica mercadológica, com profundos prejuízos à liturgia de tradição batista, que tem a centralidade cristológica em sua essência. Como fruto dessa adesão, é maculado o compromisso com uma liturgia centrada na cristologia, em privilégio à ênfase emocional dos seus encontros, com a utilização de elementos do Antigo Testamento, por exemplo, como a sarça ardente, a arca da aliança, levando seu público ao sentir, mesmo sem a assimilação desse sentimento.

Essa “liturgia de mercado” deixa de ter Cristo e seus atos na comunidade como centrais. A essência cristocêntrica é minorada – e até mesmo desprezada – e o indivíduo, como consumidor, passa a ser o centro. Acontece, portanto, uma relação de clientelismo na celebração litúrgica. A pessoa vai ao templo para consumir um produto litúrgico, caso não se agrade, procura outra comunidade que atenda aos seus anseios pessoais. Nessa mentalidade, não é mais o indivíduo que se molda a Cristo, mas o Cristo que se molda ao indivíduo, como produto comercializado pela igreja.

Faz-se importante destacar que há pontos positivos nas práticas litúrgicas pentecostais e neopentecostais e que possivelmente até ajudariam a firmar valores da fé batista, assim como há pontos que precisam ser revistos na prática litúrgica histórica das igrejas batistas, que será chamada de tradicional. Esta pesquisa se propõe a ajudar nesta conduta equilibrada de reconhecer pontos negativos e positivos.

Este trabalho surge, basicamente, porque é preciso pensar sobre este tema, na esperança de que sejam alcançados resultados de consciência e de prática entre os batistas, que não tem tradição na reflexão e produção na área.

Entre os batistas, culto e liturgia têm sido temas debatidos timidamente, em momentos esparsos. Geralmente, quando surgem movimentos doutrinariamente condenáveis e que afetam o culto, há uma mobilização pontual. Mas, não há uma Teologia do Culto, propriamente dita, que sirva de aferidora para identificar e tratar “questões litúrgicas”. Algumas poucas obras, sobre culto cristão, foram publicadas por autores batistas brasileiros, mas são sintéticas em relação à Teologia do Culto, por terem outros objetivos estabelecidos pelos distintos autores. Outras

doutrinas e princípios diferentes dos seguidos pelos batistas. Esse foi o caso da Primeira Igreja Batista em Jacarepaguá, citada na nota anterior.

fontes históricas não foram analisadas, o que enriqueceria, ainda mais, àquelas produções. Como resultado, os batistas são carentes em publicação nesta área, por questões históricas inclusive, que vão além dos batistas e atingem o protestantismo como um todo.

O comportamento anti-católico assumido pelos movimentos de evangelização com a chegada dos missionários ao Brasil fez com que alguns temas, como o da liturgia e seus matizes, ficassem literalmente escondidos⁴. São perceptíveis as questões neste tema e, dentro delas, é possível ver e considerar uma hipótese de trabalho, para a qual esta tese se lança.

Como batista, este autor pode afirmar a importância do resgate da Teologia do Culto Cristão, visitando, inclusive, fontes que são de outras tradições. Esse resgate será uma fonte de pesquisa valiosa para a denominação, pois, entre os batistas brasileiros, por questões históricas, há uma carência urgente em se conhecer, com a devida profundidade histórica, a Teologia do Culto Cristão e o que é uma liturgia e como esta deve ser desenvolvida, com o ideal de realmente identificar a denominação e, essencialmente, o genuíno culto cristão.

O primeiro *insight* provocador do interesse do pesquisador pelo tema foi acontecido num encontro sobre liturgia ministrado pela doutora Denise Cordeiro de Souza Frederico. Mas, esse momento foi apenas um prenúncio.

O autor, que entende que o culto é o momento áureo da comunidade cristã, defende que o tema deve ser central na vivência da igreja. Somos igreja enquanto reunidos diante do mistério pascal, na celebração litúrgica. Essa é uma questão essencial, que será desenvolvida, com a finalidade do resgate da centralidade cristológica no culto.

Se o caminho do resgate é possível, se há uma boa e sólida doutrina batista, especialmente sobre cristologia, a que se deve o esvaziamento da centralidade

⁴ Há um clássico da literatura batista que demonstra bem essa visão anti-católica do ponto de vista da liturgia: “Algumas igrejas são litúrgicas. Como por exemplo, citamos a Católica Apostólica Romana, a Luterana, a Episcopal. Outras são semilitúrgicas, como a Presbiteriana e a Metodista. A Igreja Batista, os Discípulos de Cristo, a Igreja de Cristo, os “Holiness” etc. não usam liturgia no culto. Realizam o culto bem simples, mas com ordem e reverência. Algumas igrejas realizam um culto com muita ostentação, mas não apresentam vida. Quanto mais as igrejas batistas se conservarem afastadas da liturgia, do ritualismo oco, tanto mais fortes serão. Igrejas litúrgicas são agonizantes. São como vela que já se queimou” (FERREIRA, Ebenézer Soares. *Manual da Igreja e do Obreiro*. 10 ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1995. p.65). Mesmo compreendendo que a intenção do autor da obra citada era “condenar” o ritualismo vazio de sentido, a utilização do termo “liturgia” como sinônimo desse “culto sem vida” é um exemplo de como o termo é deixado de lado na denominação batista, logo, o estudo da liturgia é algo distante, desprezado.

crisológica na liturgia batista, gerando o problema na concepção teológico-litúrgica de toda uma tradição cúlrica que a antecede, e como recuperá-la? Como hamonizar o caríssimo princípio da autonomia da igreja local com uma vivência cúlrica saudável? Como ser contemporâneo de tradições cúlricas que podem influenciar negativamente sem macular a centralidade crisológica, embora dialogando?

Para responder a essas questões, a tese seguiu uma lógica de apresentação, como segue: o segundo capítulo apresentará esse resgate histórico-teológico da Teologia do Culto Cristão. Se um povo é identificado pelos seus costumes, uma igreja demonstra a sua crença e fé através dos seus costumes; e um deles, de suma importância, é o culto. O culto identifica a comunidade de fé. É indispensável conhecer, com consistência, a Teologia do Culto Cristão.

A partir do famoso adágio de Próspero de Aquitânia, “*lex orandi, lex credendi*”, pode-se estabelecer a mútua dependência entre celebração e teologia: aquilo que se canta, por exemplo, reflete aquilo que se crê, e vice-versa. Costas afirmou que

a liturgia é um índice das atitudes, do estilo de vida, da cosmovisão e da participação social do povo [...] porque reflete um comportamento psicossocial definido, repleto de imagens socioculturais, com um conteúdo étnico concreto e com uma clara visão da igreja e da sociedade.⁵

Portanto, majoritariamente, é a prática litúrgica de uma igreja que mostra quem ela é. As raízes do movimento de evangelização protestante no Brasil estabeleceram uma cultura anti-católica e, por conseguinte, a desvalorização de toda uma tradição cúlrica, nascida muito antes da própria denominação batista. Essa busca pela diferença, com fins de evangelização, comprometeu e gerou problemas na concepção teológico-litúrgica entre os batistas, refletindo na atualidade um esvaziamento da centralidade crisológica, afastando-se do referencial do mistério pascal e da economia da salvação, de Eucaristia e Palavra, culminando com uma Liturgia indiferente à Eclesiologia. Assim sendo, influências são facilmente adotadas, como tem sido o caso do neopentecostalismo, que tem imprimido uma prática cúlrica quase adotada integralmente pelas igrejas batistas, principalmente nos chamados “momentos de louvor”.

⁵ COSTAS, Orlando. *El protestantismo en América Latina hoy: ensayos del camino*. San José: INDEF, 1975. p.8.

Uma análise séria e coerente e propostas modestas, mas profundas, bem embasadas, ajudam na recuperação de uma caminhada litúrgica que não está perdida. A presente tese estará motivada pela esperança do resgate da centralidade cristológica. Seu olhar será realista, mas, acima de tudo, otimista, positivo.

O terceiro capítulo será dedicado a promover o diálogo dessa riqueza da tradição cristã acerca do culto com as igrejas batistas. Esse capítulo será essencial para se entender a prática litúrgica das igrejas batistas e será ponto fundamental para o quarto capítulo.

O universo batista brasileiro é muito extenso, por isso, será feito um corte geográfico para a produção da tese, tendo como campo de análise as igrejas batistas vinculadas à Associação Batista Litorânea Fluminense.

Desde julho de 2007 (exceto o período de julho de 2011 a julho de 2013), o autor tem estado na diretoria da Convenção que agrega as igrejas batistas no Estado do Rio de Janeiro (Convenção Batista Fluminense), sendo o atual mandato de primeiro vice-presidente, e também está, desde maio de 2013, presidente da Associação Batista Litorânea Fluminense (que agrega as igrejas batistas dos municípios de Cabo Frio, Arraial do Cabo, Araruama, São Pedro da Aldeia, Armação dos Búzios, Iguaba e Saquarema), o que favorece o acesso às informações e o conhecimento experiencial da prática litúrgica das igrejas.

Mesmo num contingente relativamente pequeno de igrejas batistas, como é o caso da região litorânea fluminense, a diversidade de práticas litúrgicas é grande e a tendência ao estilo antilitúrgico ou de liturgia livre é perceptível.

Para a elaboração da pesquisa, foram consultadas obras sobre liturgia, e, para traçar um panorama da realidade litúrgica das igrejas batistas no campo litorâneo fluminense⁶ foi desenvolvida uma pesquisa de campo, obtendo o total de 171 respostas, distribuídas da seguinte maneira: 84 respostas vieram de membros de igrejas batistas litorâneas fluminenses⁷; 25 respostas vieram de pastores do

⁶ Para esta análise, foram consideradas apenas as igrejas batistas cooperantes com a Associação Batista Litorânea Fluminense e, por sua vez, ligadas às Convenções Batistas Fluminense e Brasileira.

⁷ Num universo de 74 igrejas (número exato de igrejas batistas cooperantes com a Associação Batista Litorânea Fluminense, conforme informação publicada na última assembleia anual da mesma, realizada em maio de 2014), foram atingidos membros de aproximadamente 90% das mesmas.

referido campo⁸; 62 respostas vieram de estudantes de Teologia dos dois seminários de confissão batista existentes na região⁹ (38 respostas de alunos do STM-BL¹⁰ e 24 respostas de alunos do STBRLagos¹¹). As referidas pesquisas possibilitaram informações básicas e suficientes para delinear uma média da concepção e prática da liturgia¹². As entrevistas foram realizadas através de um formulário, com perguntas diretamente voltadas ao tema da liturgia.

Obtido esse retrato da realidade do culto batista litorâneo fluminense, a pesquisa chegará ao quinto e último capítulo. Todo esse caminho será necessário para oferecer respostas, dando suporte para uma resposta central antiga, mas sempre atual: um culto cristológico.

Uma resposta que, mais uma vez, comprova a relevância desse trabalho para os batistas. Existem várias obras sobre liturgia, mas, especificamente sobre a prática litúrgica das igrejas batistas litorâneas fluminenses, empiricamente falando, à luz da análise da Teologia do Culto Cristão, salvo engano do autor, não há publicação.

Esta tese proporcionará uma análise da liturgia nas igrejas batistas litorâneas fluminenses, auxiliando na melhor compreensão deste assunto e oferecendo aos batistas e aos pesquisadores em geral uma importante e confiável fonte de informações. Além do prioritário foco teológico, contribuindo para que a liturgia das igrejas batistas litorâneas fluminenses seja centrada na cristologia, o quinto capítulo também oferecerá algumas sugestões de caráter prático para o culto batista, a partir das igrejas batistas litorâneas fluminenses.

⁸ Há 92 pastores no campo litorâneo, mas nem todos são pastores presidentes das igrejas, ou seja, pastores no exercício do ministério pastoral como líder da igreja local. Todas as 25 entrevistas realizadas foram com pastores que estão na liderança efetiva de alguma igreja batista litorânea fluminense.

⁹ Uma vez que os estudantes formados nessas instituições, em sua grande maioria, expressam vocação para o ministério pastoral batista e acabam permanecendo nas igrejas da região, o autor entendeu válido alcançar separadamente os membros das igrejas que são seminaristas (estudantes de Teologia).

¹⁰ Seminário Teológico Ministerial Batista Litorâneo. É o seminário mantido pela Associação Batista Litorânea Fluminense, que funciona nas dependências de uma igreja batista com ela cooperante.

¹¹ Seminário Teológico Batista da Região dos Lagos. Instituição mantida pela Associação Educacional da Região dos Lagos, que também funciona nas dependências de uma igreja batista cooperante com a Associação Batista Litorânea Fluminense. Embora na mesma região, as duas instituições não possuem vínculo.

¹² Considera-se, obviamente, a margem de erros que uma pesquisa pode apresentar, nas suas variações percentuais. Destaca-se também que os resultados percentuais em algumas demonstrações necessariamente não serão acumulativos.

Logicamente, esta pesquisa não vai e nem tem como propósito esgotar o assunto. Por questões de tempo e espaço, não terá por objetivo ser exaustiva e, além das citações históricas, se limitará à análise da realidade das igrejas batistas litorâneas fluminenses¹³, ligadas à Convenção Batista Brasileira. Foram utilizadas referências selecionadas que ajudarão a entender o básico sobre o assunto em epígrafe. Os momentos empíricos, como foi demonstrado anteriormente, não atingiram todas as igrejas batistas litorâneas fluminenses, mas, obviamente, uma quantidade suficiente para validá-los e autenticar a sua demonstração.

A referência teórica foram livros acadêmicos sobre o assunto, observando textos, inclusive, de autores brasileiros e, em alguns casos, também batistas; pois, mesmo havendo um momento empírico, a pesquisa foi teórica e de revisão bibliográfica.

O objetivo é claro: resgatar a centralidade cristológica para que um culto seja verdadeiramente reconhecido como cristão, abordando o mistério pascal, a economia da salvação, a Eucaristia e a Palavra como centrais na celebração litúrgica.

¹³ Este autor entendeu, no desenvolvimento da pesquisa, a necessidade de delimitar este conceito, fazendo um corte geográfico na região litorânea, pois a experiência brasileira, ou até mesmo a fluminense, é muito extensa.

2.

Teologia do Culto Cristão: um resgate histórico-teológico da liturgia

Um passo inicial imprescindível é a conceituação de termos. Segundo Nelson Kirst, “culto é o encontro da comunidade com Deus e liturgia é o conjunto de elementos e formas através dos quais se realiza esse encontro”.¹⁴ No entendimento de Kirst, culto é a essência, liturgia, a forma, os elementos. Sendo a liturgia, portanto, secundária em relação ao culto.

Faz-se uma proposta de definição, a partir de Kirst: culto é o encontro da comunidade com Deus, e esse encontro se realiza através das expressões da liturgia. Culto e liturgia são conceitos que se equivalem em essência. Com isso, os elementos da liturgia é que são secundários em relação ao culto/liturgia.

“Liturgia” é uma expressão neotestamentária aplicada à adoração de Cristo (Hebreus 8.6) e ao culto da igreja (Atos 13.2)¹⁵. A Liturgia da Igreja é “o cume para o qual se dirige a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte donde emana toda a sua força”¹⁶. “A liturgia é a celebração da alegria do Pai”¹⁷ e “não se reduz àquilo que dela celebramos”. Na verdade, a perene liturgia “é celebrada sem cessar de junto do Pai por Cristo no Espírito Santo”¹⁸.

Ao se referir à liturgia, Valentini Neto também a enfoca como sendo um encontro, visto que, “a liturgia sempre reúne pessoas. No mínimo com outra pessoa. A liturgia é, pois, um encontro. Um encontro familiar.”¹⁹

A palavra “liturgia”, empregada hoje em relação ao culto, tem uma pré-história ligada à sua etimologia na língua grega. Liturgia vem da raiz grega *leit* (de *leós-láos* = povo), que significa geralmente “público – pertencer ao povo” e de

¹⁴ KIRST, Nelson. *Nossa liturgia: das origens até hoje*. São Leopoldo: Sinodal, 2003, p. 11.

¹⁵ VON ALLMEN, J. J. *O Culto Cristão: teologia e prática*. São Paulo: Aste, 2005, p. 16.

¹⁶ SC n. 10.

¹⁷ CORBON, J. *A fonte da liturgia*, Lisboa: Paulinas, 2004, p. 46.

¹⁸ *Ibid.*, p. 88.

¹⁹ VALENTINI NETO, Antônio. *Liturgia: fonte vital da comunidade*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 13.

érgon (*ergózoimai* = agir, operar) no sentido de “ação – obra”, com significado direto de “obra-ação-empresa para o povo”.²⁰

O culto não é do pastor²¹, mas da comunidade. Não são as pessoas da comunidade que ajudam o pastor a celebrar o culto; é o celebrante que ajuda a comunidade a celebrar o culto. É uma ação da coletividade.

Guimarães afirma que “a liturgia não é um ato individual. É uma ação comunitária e uma resposta coletiva de amor a Deus que nos chama à sua intimidade, por meio de Jesus Cristo.”²²

Para Denise Frederico, “fazer liturgia é como projetar uma casa”²³ e sugere imaginar-se como um arquiteto que vá desempenhar um projeto para um cliente. Uma das necessidades primeiras é conhecer bem o cliente. Se a condição financeira for boa, o arquiteto poderá até projetar uma casa grande, mas, se não for, será colocado no papel o mínimo essencial. Logo, assim como no processo de construção de uma casa, na construção de uma liturgia há coisas que poderão ser descartadas e outras não. “A liturgia serve para moldar o culto cristão, ou seja, ‘desenhar’ o culto”.²⁴ Dela fazem parte todos os elementos que são usados para se ordenar o culto.

No seu início, a Igreja não possuía uma forma de culto, uma vez que não tinha se destacado do judaísmo. Mas, os cristãos foram criando formas próprias de culto, ao mesmo tempo em que frequentavam o templo. O culto acontecia nas casas. Nelas os cristãos se reuniam para a liturgia, em celebração da aliança com Cristo, através da ceia. A Bíblia era o único livro litúrgico utilizado (parte do Antigo Testamento e, mais tarde, o Novo Testamento, que teve sua redação entre os anos 55 a 100 d.C.). Entre os primeiros cristãos não havia regras litúrgicas precisas. Apenas era mantida uma tradição comum. Entre as comunidades variavam os costumes. A partir dessa originalidade inicial, a liturgia da Igreja vai se estruturando e conhecendo algumas fases.²⁵

²⁰ NEUNHEUSER, B. et. al. *A Liturgia – momento histórico da salvação*. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 39.

²¹ Na igreja batista, o pastor é, regra geral, o celebrante do culto.

²² GUIMARÃES, Marcelo. *Dia do Senhor: guia para as celebrações das comunidades*. São Paulo: Paulinas, 2005, vol. 6, p. 12.

²³ FREDERICO, Denise Cordeiro de Souza. *O Que é Liturgia?* Rio de Janeiro: MK, 2004, p. 15.

²⁴ *Ibid.*, p. 15.

²⁵ VALENTINI NETO, Antônio. *Liturgia: fonte vital da comunidade*, p. 24-25.

A busca da liturgia nas páginas do Novo Testamento será pouco produtiva, pois, a igreja primitiva não sacralizou uma liturgia. Todavia, nas páginas do Novo Testamento observa-se que a ênfase no culto não está nos feitos dos homens, mas, nos feitos de Deus.

Esse assunto não agrada muito, pois, como característica humana, as pessoas querem ser invocadas e aplaudidas. O culto não é para isso. Nele, única e exclusivamente devem-se celebrar os feitos de Deus.

Culto, portanto, é o momento áureo do ser comunidade. Ele é o clímax. No culto, a comunidade da fé, o Corpo místico de Cristo se faz visível. A liturgia, por sua vez, são os elementos que fazem acontecer esse momento sublime.

2.1.

Culto Cristão e História da Salvação

Ao ler as Escrituras, especialmente os Evangelhos, é notório constatar que Cristo ofereceu, na sua trajetória entre a humanidade, o culto perfeito a Deus. Porque o Deus Encarnado assim o fez, é possível à igreja cultuar. E, pela presença do Cristo na comunidade celebrante, o culto não é uma farça, mas uma expressão verdadeira.

Sendo Cristo o mediador da celebração cristã²⁶, o culto é uma recapitulação da história da salvação, cujo evento principal é o próprio Ressuscitado. Na pessoa de Jesus, o culto revive a história da Redenção na liturgia comunitária. Noutras palavras, é o próprio Cristo quem salva e quem reaviva na comunidade o sentido da história salvífica.

Nas palavras de Allmen, “o culto resume e confirma sempre de novo a história da salvação cujo ponto culminante se encontra na intervenção encarnada do Cristo”²⁷. Nessa concepção, a obra salvadora de Cristo continua, através do seu Espírito.

²⁶ Relembrando a afirmação de Corbon, citada acima – A perene liturgia “é celebrada sem cessar de junto do Pai por Cristo no Espírito Santo” – entende-se que toda Liturgia deve ser patofinalizada, cristomediada e pneumatológica. Noutras palavras, o culto é dirigido ao Pai, na mediação do Filho e na dinâmica do Espírito.

²⁷ VON ALLMEN, J. J. *O Culto Cristão: teologia e prática*, p. 32.

Recapitular (resumir, repetir) no culto a história da salvação tem um sentido cronológico e teológico. Da perspectiva cronológica, é necessário tomar como pilar temporal a obra do Cristo encarnado, sua moradia e caminhada entre a humanidade, morte de cruz e ressurreição. Brunner esclarece o assunto, ao afirmar que “o centro da economia da salvação de Deus é a encarnação do Filho eterno em Jesus de Nazaré, Sua cruz e Sua ressurreição”²⁸.

O evento Cristo encarnado é central à história da salvação, dominando, por um lado, a vertente do Antigo Testamento, antes do nascimento, e, por outro lado, a vertente do Novo Testamento e toda história pós Ascensão.

Afirmar, portanto, que o culto recapitula a história da salvação no sentido cronológico equivale a afirmar que ele a resume e confirma naquilo que ela tem de recapitulante, isto é, em outras palavras, na medida em que o culto é essencialmente uma recapitulação da obra do Cristo.²⁹

No culto, a igreja relembra, na Eucaristia instituída por Cristo, a sua obra passada. Esse “relembrar” vai além do ato de trazer à memória. Seu sentido cúl- tico é de reatualização. Ao relembrar o passado do Cristo, a igreja o faz presente, ou, ainda, o traz ao presente, atualizando-o. O mistério do rito pascal tem funda- mento nessa doutrina, pois na celebração cúl- tica, passado e presente se confun- dem. “Torna-se possível uma nova atuação do passado”³⁰.

Na liturgia cristã a história da salvação é sempre atual. Parece um parado- xo, mas o passado é sempre presente, o passado é sempre atual. E, assim como a história da salvação continua sendo escrita, o elemento temporal futuro também aparece nessa atualização cúl- tica.

Celebrar a história da salvação também é celebrar o por vir, o futuro. Ce- lebra-se o passado do Cristo e, com a mesma intensidade, importância e espaço, celebra-se o futuro do Cristo e da Sua igreja.

No culto, resgata-se a memória do ato redentor do Deus encarnado e ante- cipa-se a realidade da eternidade com o Cristo glorificado. O culto promove uma viagem de retorno à ceia de Jesus com os discípulos e, também, de prefiguração do banquete messiânico com a igreja.

²⁸ BRUNNER, Peter. *Worship in the name of Jesus*: English edition of a definitive work on Chris- tian worship in the congregation. St. Louis: Concordia, 1968. p. 119. [Tradução livre]

²⁹ VON ALLMEN, J. J., *op. cit.*, p. 33.

³⁰ *Ibid.*, p. 33.

Memória do passado e prefiguração do futuro, no culto cristão ao celebrar a história da salvação, não são meramente exercícios da imaginação. No culto, passado e futuro estão presentes, porque o Cristo se faz um com a comunidade.

O culto também é uma experiência de recapitulação da história da salvação do ponto de vista teológico. Allmen comenta que “a história da salvação engloba três aspectos: profético, sacerdotal e real”³¹. É uma alusão aos ofícios de Cristo, no esquema teológico tradicional.

Cristo, como profeta, é ao mesmo tempo proclamador e conteúdo da profecia. Como sacerdote, é o sacrificador e o sacrificado, o Cordeiro pascal imaculado. Cristo é rei e servo, ordena e executa a obra da salvação.

“O culto, então, recapitula a história da salvação na medida em que for profético, sacerdotal e real, em relação a Cristo, que é, que era e que há de vir. O culto, no qual é proclamada a Palavra de Deus, recapitula e resume tudo o que Deus nos ensinou acerca de sua vontade para com o mundo. O culto, no qual se celebra a Eucaristia, recapitula e resume tudo o que Deus fez no sentido de reconciliar consigo o mundo. O culto, no qual o povo de Deus se apresenta, em liberdade e alegria, diante daquele que é objeto do seu louvor, recapitula e resume tudo o que Deus tem feito com aqueles que aceitam essa reconciliação.”³²

Em Jesus, a história da salvação foi completada plenamente. Deus disse tudo o que tinha a dizer e fez tudo o que tinha de fazer em Jesus Cristo. No Espírito Santo, a igreja revive, de contínuo, essa certeza cültica.

2.2.

Dimensões Teológicas do Culto

2.2.1.

Dimensão cristológica

O culto cristão encontra fundamento em vários aspectos de natureza cristológica. Não há, nesta pesquisa, a pretensão da exaustividade sobre o assunto Cristologia. Apenas serão abordados aspectos da pessoa de Jesus Cristo que são diretamente ligados à existência e valor do culto cristão.

³¹ VON ALLMEN, J. J. *O Culto Cristão: teologia e prática*, p. 37.

³² *Ibid.*, p. 37.

Um passo inicial necessário é destacar as declarações acerca da presença de Jesus em meio aos seus seguidores. O evangelho de Mateus oferece três relevantes ocorrências: a recordação da profecia de Isaías em Mateus 1.23 que diz que “o chamarão de Emanuel, o que traduzido significa: Deus está conosco”; Mateus 18.20 que declara que “onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles”; Mateus 28.20 que diz “eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos”. Acerca desta última, Darino comenta que

la experiencia de celebración del Cristo victorioso y resucitado no pudo ser encaillada en un sólo sistema litúrgico realizado en un lugar específico. Las implicaciones de la nueva concepción y opción por la presencia de Cristo son tremendas, pues ahora se puede adorar a Dios en cualquier lugar y no solamente en el Templo o sinagoga. Su presencia es respaldada por la Palabra.³³

A presença de Jesus na assembleia dos fiéis é garantida pela sua natureza divina. O Deus trino se faz presente onde quer que os cristãos se reúnam para celebrá-lo. Os Evangelhos afirmam a promessa que assegura a presença dele junto à comunidade celebrante. Kirst pontua que Jesus

coloca-se livre e generosamente à disposição da comunidade, para que ela o encontre onde e quando quiser, bastando que invoque o seu nome. É graças a essa irrestrita e graciosa disponibilidade que uma comunidade cristã pode marcar um horário e um lugar de culto, e confiar que o Senhor comparecerá ao encontro.³⁴

Para Allmen, a adoração da igreja “tem uma dupla fundamentação cristológica: o culto terreno celebrado pela vida, morte e glorificação do Cristo encarnado, e o culto celeste que, na glória, Ele celebra até o dia do mundo vindouro”³⁵. O que fomenta uma reflexão a partir de duas realidades: a obra do Jesus histórico e sua atitude cúlta e o Cristo da fé.

Olhar para Jesus é contemplar uma vida litúrgica. Allmen complementa que “o culto cristão tem por fundamento o ‘culto messiânico’ celebrado por Jesus no período que medeia Sua encarnação e ascensão”³⁶.

Encarnação, vida, morte e ressurreição são atos terrenos de Cristo que podem ser interpretados como elementos de uma grande liturgia. Cada momento apresenta uma atitude de Jesus em relação ao Pai e ao próximo.

³³ DARINO, Miguel Angel. *La adoración y la Biblia*. Disponível em: <http://www.convencionbautista.com/dr__darino.htm>. Acesso em: 28 jan. 2013.

³⁴ KIRST, Nelson. Liturgia. In: HARPPRECHT, Christoph Schneider (Org.). *Teologia Prática no Contexto da América Latina*. São Paulo: ASTE, 2005. p. 121.

³⁵ VON ALLMEN, J. J. *O Culto Cristão: teologia e prática*, p. 25.

³⁶ *Ibid.*, p. 23.

A pessoa de Cristo é conhecida pela obra de Cristo. E o que Jesus Cristo faz é sobretudo uma liturgia - um serviço [...] Nesta liturgia, sempre e simultaneamente, Deus serve o homem, o homem serve o homem, e o homem serve a Deus.³⁷

A igreja, ao se reunir para celebrar, encontra na pessoa de Cristo o seu fundamento, pois a sua vida litúrgica “é ao mesmo tempo divina e humana”³⁸. A humanidade de Jesus oferece à comunidade de fé o modelo de celebração. Em Jesus, há perfeição de relacionamento com o Pai e com o próximo e estes alcances relacionais são inseparáveis na celebração litúrgica, pois o relacionamento com o Pai encontra expressão com o ato do amor cristão para com o próximo.

“O culto é um processo contínuo pelo qual assumimos um compromisso com Cristo e seus valores”³⁹, portanto, é essencial a compreensão da humanidade de Jesus em sua expressão no encontro com as pessoas como modelo perfeito a ser seguido, litúrgica e vivencialmente.

O Cristo da fé pode ser entendido como primícia da nova humanidade resgatada para a genuína adoração ao Pai e como eterno sumosacerdote. Sanches afirma que

a vida de Jesus é o próprio sacrifício, constituindo-se sua morte no centro da sua oferenda sacerdotal. Na entrega do seu corpo, Jesus cumpriu seu dever sagrado sacerdotal e habilitou-se a permanecer sacerdote para sempre [...] instituído como novo guia da adoração da humanidade redimida.⁴⁰

A obra plena de Cristo na cruz estende para a eternidade suas consequências e investe todos os que se reúnem para a adoração ao Deus trino.

Todo culto posterior centra-se neste acontecimento histórico: a vida humana vivida de uma vez por todas por este sumo sacerdote, coroada de uma vez por todas pela morte expiatória que dá a esta vida sua plenitude e sua perfeição.⁴¹

Pela realidade celeste do Cristo que “assume para si a direção do culto oferecido por toda a criação”⁴², a igreja tem a possibilidade de se reunir em comunidade para celebrar. Allmen, tratando do mesmo assunto, afirma que “importa ir mais a fundo e perceber na adoração da igreja um reflexo da oferenda celestial

³⁷ HOON, Paul Waitman. *The integrity of worship: ecumenical and pastoral studies in Liturgical Theology*. Nashville: Abingdon, 1971. p. 184. [Tradução livre]

³⁸ *Ibid.*, p. 185. [Tradução livre]

³⁹ COCKSWORTH, Christopher. *Santo, Santo, Santo: o culto ao Deus trinitário*. São Paulo: Loyola, 2004. p. 215.

⁴⁰ SANCHES, Sidney de Moraes. *Hebreus: espiritualidade e missão*. Belo Horizonte: Lectio, 2003. p. 17.

⁴¹ CULLMAN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. São Paulo: Liber, 2001. p. 133.

⁴² SANCHES, Sidney de Moraes, *op. cit.*, p. 17.

perpétua da qual Jesus Cristo é o eterno e soberano sumosacerdote⁴³. Além disso a adoração da igreja é possibilitada pelo fato de que “o sacrifício de Jesus tira os pecados e assegura o aperfeiçoamento dos demais ministros para que ofereçam um culto definitivo a Deus”⁴⁴. Noutras palavras, todos os membros do corpo de Cristo são elevados à dignidade de ministros e sacerdotes pela obra cumprida em Jesus Cristo.

2.2.2.

Dimensão salvífico-escatológica

O culto representa tanto a lembrança da salvação em Jesus Cristo, que ao mesmo tempo projeta a própria esperança para o encontro definitivo da consumação dos tempos, quanto se caracteriza como instrumento da proclamação perante o mundo desta mensagem.

A comunidade que se reúne para o culto tem como pressuposto a mesma fé no evento salvífico de Cristo, que os torna iguais perante Deus e os possibilita à adoração. Allmen, no capítulo “O Culto, Epifania da Igreja”⁴⁵, apresenta uma série de atributos que o culto revela acerca da igreja, dentre os quais serão abordados somente dois nessa ocasião. Ele caracteriza a igreja como comunidade batismal, pois “a comunidade dos batizados que o culto manifesta é de fato uma comunidade de homens, mulheres e crianças que renunciaram ao mundo e morreram para o pecado”; a reunião litúrgica é fruto de uma decisão voluntária, cuja finalidade é a adoração e o encontro com Deus. Nas palavras do autor é “o povo escatológico reunido para encontrar-se com o seu Senhor”. Prosseguindo, Allmen recupera o conceito da igreja como “esposa de Cristo” ao defini-la como comunidade nupcial: segundo dois pólos esta é por um lado motivada pela fé no Salvador e, por outro, pela esperança da sua vinda. Isso é motivo para continuar a presente reflexão no horizonte escatológico.

Ao proclamar a salvação em Jesus Cristo, a comunidade ressalta uma dupla realidade: por um lado existe a lembrança do ato histórico, cabal da morte e

⁴³ VON ALLMEN, J. J. *O Culto Cristão: teologia e prática*, p. 25.

⁴⁴ SANCHES, Sidney de Moraes, *op. cit.*, p. 20.

⁴⁵ VON ALLMEN, J. J. *op. cit.*, p. 41-54.

ressurreição de Jesus; por outro, permanece a expectativa da sua volta. Desta forma, “a adoração da igreja aponta para a consumação futura que está sendo preparada no paraíso com Deus”⁴⁶, pois a igreja é “a comunidade daqueles que em razão da ressurreição de Cristo esperam o reino de Deus e são determinados em sua vida por esta esperança”⁴⁷. Esta característica está presente desde as comunidades primitivas como denota Bosch ao descrever o trabalho missionário de Paulo, afirmando que “é justamente reunindo-se para celebrar liturgicamente a vitória já alcançada e para orar para a vinda do Senhor, que estas pequenas e frágeis comunidades paulinas se tornam conscientes [...] da tensão entre o já e o ainda não”⁴⁸. É pela ação do Espírito que é possível esta dupla articulação, que atua como uma ponte entre passado-presente-futuro; nas palavras de Moltmann é a “pneumatologia que estabelece a união entre a Cristologia e a escatologia [...] Nele, (no Espírito) origem e acabamento se encontram presentes”⁴⁹. A respeito deste assunto, Allmen desenvolve a idéia do culto como recapitulação, pois “resume e confirma sempre de novo a história da salvação. [...] O passado e o futuro, o evento capital da história da salvação e sua manifestação triunfante, estão realmente presentes”⁵⁰.

Ao reunir-se como conjunto celebrante, as comunidades cristãs são ao mesmo tempo objeto e agente da salvação: objeto em quanto já experimentaram a salvação, que, como descrito acima, é razão da celebração; agente, pelo fato que ao reunir-se como congregação dos salvos, definem a própria identidade perante o mundo e se tornam portadoras da mensagem evangélica.

2.3.

Necessidade do Culto

Há correntes dentro da teologia reformada, especialmente na Alemanha e na Holanda, que não admitem que se fale na necessidade do culto. Tal pensamento se deve ao receio de se encontrar no próprio culto cristão a sua razão de ser ou a

⁴⁶ BRUNNER, Peter. *Worship in the name of Jesus*: English edition of a definitive work on Christian worship in the congregation. St. Louis: Concordia, 1968. p. 32. [Tradução livre]

⁴⁷ MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*. São Paulo: Editora Teológica, 2003. p. 384.

⁴⁸ BOSCH, David J. *Missão Transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*. São Leopoldo: Sinodal, 2002. p. 207-208.

⁴⁹ MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*, p. 74.

⁵⁰ VON ALLMEN, J. J. *O culto cristão: teologia e prática*, p. 32-34.

uma desatenção ao fato da orientação da própria Igreja: para o mundo, na evangelização e na diaconia, e para Deus, no influxo da graça, na adoração e na intercessão. Tais escolas de pensamento preferem que seja considerado necessário tão somente aquele culto “indireto” que é o serviço ao próximo. Essa postura resulta na visão do culto como uma realidade não mais de necessidade, mas sim de utilidade.⁵¹

É crescente o número dos que defendem que o culto coletivo, por exemplo, não é necessário, na afirmação de que o culto útil a Deus é aquele que se traduz em serviço ao próximo, ou seja, Deus é adorado através do serviço prestado aos outros.

A prática das boas obras é uma ação da fé cristã que glorifica a Deus, quando nascidas na sinceridade do coração, mas não é razão para apagar da “agenda” do cristão o culto da comunidade de fé. Uma coisa não pode ser elevada em detrimento da outra, porque o culto é necessário.

2.3.1.

A instituição crística do culto

Cristo não só instituiu, mas também ordenou o culto. Quando a igreja celebra o culto, simplesmente obedece a ordem de Jesus. Culto não é invenção da igreja, mas odediência: “Fazei isto em memória de mim” (Lucas 22.19; 1 Coríntios 11.24-25).

Augé argumenta que “o culto cristão é o culto que Cristo começou na sua vida mortal, e que conduziu à realização definitiva com sua morte e ressurreição e que prolonga na igreja como sua cabeça celeste”⁵².

A igreja se reúne para reviver a memória do sacrifício perfeito, da entrega suficiente, da morte e ressurreição do Salvador. Cultuar é anunciar o sacrifício e a volta de Jesus, envolvidos no memorial eucarístico (1 Coríntios 11.26).

Relembrar o sacrifício de Jesus na cruz e o túmulo que ficou vazio faz da adoração da igreja uma demonstração de gratidão, que gestos e palavras não dão

⁵¹ VON ALLMEN, J. J. *O culto cristão: teologia e prática*, p. 109.

⁵² AUGÉ, Matias. *Liturgia*. São Paulo: Ave Maria, 2002, p. 64.

conta de expressar. Um culto que não começa e termina em Jesus está carente de propósito, podendo até ter se transformado numa reunião social.

O chamado de Jesus ao culto envolve a comunhão com o Pai e entre os irmãos, ambas possíveis pela Sua mediação. Em Jesus, as individualidades e preferências dão lugar à coletividade e ao bem comum. Quem não aprende a viver em comunhão evidencia que não ouviu o chamado de Jesus para o culto.

2.3.2.

Ação do Espírito Santo

Negar a necessidade de culto é contestar a ação do Espírito Santo (2 Coríntios 1.22). É o próprio Espírito que “dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus” (Romanos 8.16). O culto é uma celebração de gratidão daqueles que estão sendo preparados por Deus, na garantia do Seu Espírito (2 Coríntios 5.5).

A ação de graças daqueles que foram alcançados pelos milagres de Cristo, conforme registram os Evangelhos, são notáveis exemplos da necessidade de culto suscitada pelo Espírito Santo: o paralítico, curado, voltou para a sua casa glorificando a Deus (Lucas 5.25); a mulher enferma, curado por Jesus num sábado, se endireita e dá glória a Deus (Lucas 13.13); o leproso, que diferentemente dos outros nove, compreendeu o significado da sua cura, retornou “glorificando a Deus em alta voz” (Lucas 17.15); o cego de Jericó, curado, decide seguir a Jesus, dando louvores a Deus (Lucas 18.43). Não só aqueles que foram alvos das ações miraculosas de Jesus foram movidos a render graças, mas todos que alcançaram a salvação em Cristo. A própria confissão de que Jesus é o Senhor é pelo Espírito Santo (1 Coríntios 12.3).

Cultuando a Deus, graças são rendidas pelo seu perdão, que restituiu a capacidade de adorar, perdida por causa do pecado. Aquele que tem a presença do Espírito Santo de Deus na vida é movido a cultuar.

2.3.3.

Culto como um dos meios de efetivação da história da salvação

O fato de Jesus ter morrido de uma vez por todas pela salvação do mundo, não significa que toda a humanidade está salva automaticamente. Para que o ser humano seja salvo é necessário arrependimento dos pecados e fé em Jesus Cristo como único e suficiente Salvador. É assim que tem prosseguimento a história da salvação.

O Espírito Santo convence o ser humano do pecado, da justiça e do juízo (João 16.8), e este passa a fazer parte do corpo de Cristo – a igreja – e nele é mantido.

No culto, é celebrada a Palavra da salvação, relendo a narrativa bíblica. O ser humano, criado por Deus à sua imagem e semelhança, pecou e foi separado de sua glória (Romanos 3.23). A recompensa do pecado é a morte (Romanos 6.23). Deus mesmo providenciou o meio de reconciliação e o fez conhecido na Sua encarnação (João 1.14). Em Jesus, todos têm acesso a Deus. Esse caminho de retorno é celebrado no culto cristão e efetivado por obra do Espírito Santo na vida do pecador que se arrepende.

Portanto, afirmar que o culto não é necessário ao salvo equivale a desprezar a fonte da graça e a esquecer das palavras de Jesus.

2.3.4.

Proclamação do Reino de Deus no culto

A igreja terrena é militante. Somente no céu a igreja será triunfante. Quando no céu, a igreja não precisará congregar nos templos, pois o santuário será o próprio Senhor Deus todo-poderoso e o Cordeiro (Apocalipse 21.22). Enquanto na terra, é necessário o ajuntamento do povo de Deus para o culto.

O Reino de Deus já está presente entre a humanidade, mas não em sua plenitude. Os que se comportam como se tudo na terra já fosse o Reino de Deus, erram por não considerar a dimensão escatológica da igreja no mundo. Noutras

palavras, este mundo passará e a igreja, santa e purificada, continuará viva na eternidade de Deus.

O culto celebra a esperança da volta de Jesus, reafirmando, de contínuo, que a igreja não está sozinha na caminhada, mesmo que enfrente lutas e privações, tão naturais à realidade humana.

No céu, não será preciso se ajuntar para o culto, porque sempre se estará junto e em culto diante do Cordeiro de Deus, que glorificará por Si a igreja, definitivamente livre da presença do pecado.

2.3.5.

Deus: principal oficiante do culto

De tanto saber que Deus se faz presente na reunião do seu povo (Mateus 18.20), a comunidade celebrante tem a tendência de tomar a Sua presença como pressuposta, como evidente, que na maior parte das vezes a omite-se como presença oficiante do culto.

É a ordem de Deus que transforma o ato de culto em algo mais do que mero desejo ou anseio. É a Sua presença que faz dele algo mais do que uma simples ilusão. É a presença de Deus que redime do perigo da vaidade, que cura da cegueira espiritual. É o amor de Deus que impede que o culto se transforme num cerimonial mecânico individualista. A liberdade de Deus eleva o culto acima do nível de uma espécie de chantagem espiritual.

Com isso, é necessário aprender que Deus é, ao mesmo tempo e de forma perfeita, sujeito e objeto do culto cristão. No culto, Deus serve e é servido, ordena e recebe a celebração, fala e escuta. Deus é aquele a quem se implora e que concede o que se pede.

O culto seria uma farsa criminosa sem a presença de Deus, seria uma grande mentira. Allmen declara: “é por meio da fé que a igreja percebe que o seu culto não é nem criminoso, nem mentiroso, nem enganoso, porque sabe que é Deus que a chama à adoração, na qual Ele se dá à igreja e a acolhe”⁵³.

⁵³ VON ALLMEN, J. J. *O Culto Cristão: teologia e prática*, p.183.

2.4.

Liturgia: lugar de encontro da *lex orandi*, *lex credendi* e *lex vivendi*

A bem da verdade, os temos *lex orandi*, *lex credendi* e *lex vivendi* não fazem parte da tradição confessional deste autor. Seu contato com eles foi nascido do interesse profundo pelo estudo da liturgia, analisando outras tradições.

Ao conhecer um pouco, mesmo que inicialmente, sobre o assunto em epígrafe, clareou-se a ideia da liturgia como um “lugar de encontro” entre oração, crença e vida, com conhecimento histórico de causa. A forma como a tradição litúrgica católica trata a questão é de profunda relevância para o enriquecimento da compreensão do sentido cúltilo da liturgia celebrada pela comunidade de fé.

A celebração litúrgica também é momento de orar com entendimento, noutras palavras, a forma de celebração litúrgica também é (ou deve ser) a forma como se crê, que se tornará visível na forma como se vive. Embora esse entendimento esteja presente na tradição cúltilo batista, sua sistematização só é visível nesses termos na tradição católica.

A igreja é o que ela celebra. Fé e liturgia formam um binômio indissociável, pois a liturgia é lugar privilegiado para o exercício da fé, da crença, da teologia que produz vida. As Escrituras, especialmente os Evangelhos, registram que os primeiros testemunhos de fé nasceram no ambiente litúrgico/cúltilo.

A liturgia, como momento mistagógico de oração, permite que a comunidade de fé mergulhe numa teologia que dá sentido à prática da vida em Cristo. É a vida que brota do mistério e ganha sentido prático de fé.

Antonio José de Moares, em sua tese intitulada “Análise da estrutura literário-teológica das orações eucarísticas para missas com crianças: um estudo a partir da metodologia mistagógica de Cesare Giraudó”, fala sobre *lex orandi-lex credendi*, destacando-a como um famoso adágio no qual “o essencial está no movimento do pensamento enunciado, movimento que vai da oração ao conteúdo da fé”⁵⁴.

⁵⁴ MORAES, Antônio José de; MIRANDA, Mário França de. *Análise da estrutura literário-teológica das orações eucarísticas para missas com crianças: um estudo a partir da metodologia mistagógica de Cesare Giraudó*. 2009. 151 f. Tese (Doutorado)-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2009. p.18.

Para Moraes, “o adágio *lex orandi-lex credendi* evidencia que a liturgia não se esgota em sua ação material. Pois, a liturgia não é um ofício que a Igreja deve cumprir para render culto a Deus, mas é algo de inteligente, rico de significado, portador do mistério da salvação”⁵⁵.

O processo de formulação do axioma “a norma de orar estabelece a norma de crer” [*lex orandi-lex credendi*] é explorado por Moraes, que informa o seu aparecimento no “Pequeno catálogo da graça de Deus”, texto atribuído ao papa Celestino I. Todavia, o verdadeiro autor é Próspero de Aquitânia⁵⁶.

No sentido da *lex orandi-lex vivendi* a liturgia deve ser entendida como um lugar de realização da verdadeira fé. “A liturgia é fonte primeira e norma para a doutrina, pois nela a igreja realiza a fé na forma mais original, penetrante e fiel”⁵⁷.

Na celebração litúrgica, a igreja vive o encontro da oração da fé que conduz à crença e normatiza a forma de viver. Esse caminho entre *lex orandi-lex credendi* é uma via de mão dupla: quanto mais a norma de orar esbalece a norma de crer, assim também quanto mais se crê com entendimento, mais se ora. É a crença que ganha sentido prático na vida.

A liturgia é esse lugar privilegiado de encontro, onde acontece a ação mistagógica. Como afirma Augé,

“a liturgia não é ocasião para apresentar uma ideia para despertar a atenção dos participantes ou para oferecer a eles um exemplo de moral para ser imitado, mas é o momento indicado para entrar em contato com o mistério salvífico de Deus, o mistério de Cristo, chamado para transformar a nossa vida. (...) O mistério que celebramos na liturgia é o dom da vida, escondido nos séculos em Deus, que ele quis manifestar e comunicar aos homens no seu Filho, morto e ressuscitado, com a efusão do Espírito”⁵⁸.

⁵⁵ MORAES, Antônio José de; MIRANDA, Mário França de. *Análise da estrutura literário-teológica das orações eucarísticas para missas com crianças: um estudo a partir da metodologia mistagógica de Cesare Giraudo*, p.19.

⁵⁶ *Ibid.*, p.34.

⁵⁷ *Ibid.*, p.36.

⁵⁸ AUGÉ, Matias. *Liturgia*, p.351-352.

2.5.

Culto Protestante no Brasil

Um dos grandes pesquisadores a respeito da história do culto protestante no Brasil é Carl Joseph Hahn, missionário norteamericano no Brasil, de confissão presbiteriana, que, dentre sua vasta produção literária, escreveu um artigo intitulado “Breve Histórico dos Cultos Evangélicos no Brasil”⁵⁹. Nele, Hahn narra os primeiros movimentos cúlticos protestantes no Brasil.

Hahn informa que a Igreja Católica Romana de Portugal tinha monopólio sobre a vida religiosa do Brasil nos seus três primeiros séculos de história. Destaca que “somente em 1810, quando a corte de Portugal, fugindo de Napoleão, da França, foi temporariamente transferida para o Brasil, as portas do país foram abertas a imigração protestante”⁶⁰.

Ainda informa que

“Em 1808, os navios da Inglaterra trouxeram a família real de Portugal para o Brasil e, em 1810, Portugal e Inglaterra assinaram um tratado de comércio. O artigo 12 desse tratado permitia ou tolerava os não-católicos, cidadãos ingleses morando no Brasil, de cultuar a Deus de acordo com as suas tradições, mas dentro de certas rígidas limitações. O artigo estipulava que Portugal concederia essa medida de liberdade de religião apenas dentro de suas igrejas e capelas desde que esses prédios sempre se assemelhassem a ‘casas de habitação’. E, ainda mais, que não podia haver ‘nenhuma reclamação contra a religião católica que devia ser respeitada’ e não deveria nunca ser feita nenhuma tentativa de fazer prosélitos.”⁶¹

Os mesmos privilégios e restrições foram concedidos aos colonos alemães que chegaram ao Brasil.

A Independência do Brasil aconteceu em 1822 e, em 1824, foi promulgada a nova constituição, declarando sobre a religião os seguintes artigos:

Artigo 5: “A religião Católica, Apostólica, Romana constituirá a ser a religião do Estado. Todas as outras religiões serão permitidas a conduzir seus serviços de culto doméstico ou privado em casas destinadas a essa finalidade, sem qualquer semelhança de igreja”.

Artigo 103: “O Imperador deve jurar manter a Religião Católica Romana”.

⁵⁹ HAHN, Carl Joseph. *Breve Histórico dos Cultos Evangélicos no Brasil*. In: MARASCHIN, Jaci Correia (ed.). *Culto Protestante no Brasil*. Vol. 2. São Bernardo do Campo, SP: Imprensa Metodista, 1985. p.11-29.

⁶⁰ *Ibid.*, p.13.

⁶¹ *Ibid.*, p.13.

Artigo 179, parágrafo 5: “Ninguém será perseguido por razões religiosas, desde que respeite a religião do Estado”.

Há o reconhecimento de formas de religião não católica romana, mas o trabalho de evangelização entre os brasileiros ainda era proibido. O primeiro passo nesse sentido foi dado com o missionário médico escocês Robert Reid Kalley, fundador da Escola Bíblica Dominical⁶².

Em 11 de julho de 1858, Kalley batizou um brasileiro, Pedro Nolasco, e, nesse dia, organizou a primeira igreja evangélica do Brasil em língua portuguesa. Houve denúncia, mas a defesa do Dr. Kalley foi julgada procedente pelos juristas e enviada às autoridades. O governo brasileiro concordou com os juristas, de que o culto do Dr. Kalley estava dentro dos preceitos da Constituição de 1824.

Com isso, diz Hahn, “o precedente agora tinha sido estabelecido e alcançava a situação legal. O protestantismo podia, pois, dentro desses limites, viver e crescer no país”⁶².

O missionário Kalley permaneceu no Brasil até 1876. Seus cultos seguiam a linha de “cultos domésticos”, informal, sem estrutura “escrita”. Ele ensinava os membros da igreja a dirigir esses cultos em suas casas, convidando vizinhos e conhecidos para deles participar. O protestantismo brasileiro seguiu esse modelo nos anos de sua formação.

Ainda no período quando Kalley se defendia perante as autoridades brasileiras, chegavam ao país os reverendos A. G. Simonton e Edward Lane, prebiterianos, que começaram o trabalho no Rio de Janeiro e em Campinas. Os metodistas, em 1878, voltaram ao Brasil e o trabalho batista foi iniciado em 1881.

Sendo proclamada a República, 1889, foi instaurada a separação entre Igreja e Estado e a plena liberdade religiosa, passando, então, a chegar missionários de quase todas as denominações.

⁶² Escola Bíblica Dominical (EBD) é uma estrutura educacional para ensino bíblico-doutrinário nas igrejas locais protestantes.

2.6.

Primeiro Culto Protestante no Brasil

Um grupo de huguenotes (protestantes calvinistas de fala francesa), no dia 10 de março de 1557, na Baía de Guanabara, Rio de Janeiro, realizou o primeiro culto protestante em terras brasileiras e até onde se sabe em todo o continente. Esse grupo de protestantes chegou ao Brasil a convite do navegador Nicolau Durant de Villegaignon, que chegou em 1555, e depois pediu ao reformador suíço João Calvino que enviasse pastores e colonos protestantes. Um pequeno grupo chegou em 1557 e logo realizaram o culto, sob a liderança dos pastores Pierre Richier, que foi o pregador, e Guillaume Chartier. O historiador Jean de Léry e mais dez artesãos participaram. A cerimônia foi realizada no Forte Coligne, na ilha de Serigipe, hoje Villegaignon. Era uma quarta-feira.

Alguns meses depois, em 1558, os protestantes foram expulsos e obrigados a retornar para a França. Cinco deles não puderam seguir por problemas com o barco. Villegaignon, por interesses do poder, simulou um julgamento e estrangulou três: Jean de Bourdel, Matthieu Verneuil, Pierre Bourbon. Esses são os primeiros mártires da perseguição contra os evangélicos no Brasil. André de La Fon foi poupado por conveniência, já que era o único alfaiate da colônia. Jacques le Balleur fugiu, depois foi capturado, preso e finalmente executado em 1567.

No processo, os quatro homens julgados inicialmente foram forçados a redigir uma confissão de fé, oferecendo prova de acusação contra si mesmos, por se oporem às crenças católicas. O documento que leram para reafirmar sua fé, mesmo diante da morte, é tido como a primeira “Confissão de Fé” feita no solo brasileiro, e ficou conhecida como “Confissão Fluminense” ou “Confissão da Guanabara” (ANEXO).

2.7.

Pluralidade Litúrgica

De onde veio(ieram) a(s) forma(s) de culto? Da sinagoga herdou-se a liturgia da palavra.⁶³ Nas páginas neotestamentárias, embora não haja registros litúrgicos detalhados, pode-se observar, com mais referências, a comemoração da Ceia do Senhor.

Pode-se dizer, portanto, que as liturgias da palavra e da Ceia⁶⁴ constituem-se na estrutura ou forma básica do culto cristão.

Justino, conhecido como Mártir, foi o primeiro a se utilizar dessa estrutura litúrgica fundamental. É a soma da celebração da Ceia com a exposição da Palavra. Os cultos em que somente a Palavra era lida e explicada pareciam-se mais com os cultos judaizantes na sinagoga.

Com o passar dos anos, essa estrutura básica de culto foi sendo acrescida. Mais partes se constituíram em momentos litúrgicos.⁶⁵

Segundo Isaltino Gomes Coelho Filho,⁶⁶ percebe-se nas práticas coletivas atuais das igrejas batistas algumas variações litúrgicas, como seguem:

“Solene”. O coro veste becas, o oficiante usa terno escuro e o culto não tem partes anunciadas, pois, tudo está no boletim. A hora de sentar e de levantar estão designadas por asterisco no boletim. Tudo está determinado e não há variações.

“Tradicional”. Tradicional pelo fato de ser assim na maioria das igrejas batistas. Há uma ordem de culto preparada, mas, não tanta rigidez. Há coros com becas, há hora de sentar e levantar, mas, há mais personalidade no culto.

“Espontânea”. A congregação pode escolher hinos ou cânticos, há espaço para testemunhos etc. O termo “espontânea” talvez não seja o melhor, porque al-

⁶³ Por liturgia da palavra entenda-se da Bíblia, da chamada “Palavra de Deus”. Era a leitura pública de parte de um texto bíblico e seu comentário.

⁶⁴ Neste trabalho serão utilizados os termos “Ceia” e “Eucaristia”, o que, em nenhum momento, demonstrará diversidade de entendimento dos mesmos. São entendidos pelo autor como palavras que se referem ao mesmo ato, embora o segundo não seja habitual entre os batistas.

⁶⁵ Uma obra recomendável sobre o assunto é a de KIRST, Nelson. *Nossa liturgia: das origens até hoje*. São Leopoldo: Sinodal, 2003. 20p.

⁶⁶ COELHO FILHO, Isaltino Gomes. *A Questão da Liturgia*. Toledo, 1996, p. 2.

gumas vezes há uma clara condução das pessoas numa direção. Mas, utiliza-se dele porque o elemento congregacional é muito forte no culto.

“Ausência de ordem”. “Quem cantar um ‘corinho’? Quem dar um testemunho?” E as coisas acontecem ao sabor do momento. Por vezes, até o pregador é escolhido na hora. O sermão, então, nem se fala. Escolhendo-se o pregador na hora, ele escolhe algo na hora também.

Qual dessas formas está correta? Não se pretende afirmar uma como certa, pois, não se pode uniformizar a prática de culto, mas, no contexto batista, qual é a prática mais utilizada?⁶⁷

2.8.

Música na Bíblia, Música na Liturgia

A música, embora tão admirada, ainda tende a ser um assunto controvertido em matéria de liturgia. Do ponto de vista prático ou aplicativo, esse assunto será tratado no decorrer dos demais capítulos. Neste, o foco será bíblico-histórico-teológico.

2.8.1.

Música no Antigo Testamento

Os judeus tinham músicas para diversas ocasiões. Quando o povo passou pelo Mar Vermelho, entoou com Moisés o hino registrado em Êxodo 15.1-18. É um primitivo cântico religioso lindíssimo, acompanhado de instrumentos e de uma responsiva antífona, dirigida por Miriã, irmã de Moisés: “Cantai ao Senhor, porque triunfou gloriosamente; lançou no mar o cavalo e o seu cavaleiro” (v.21).

Moisés, no final do seu ministério, deixou um hino para Israel (Deuteronômio 32.1-43), introduzido no capítulo 31: “Então Moisés proferiu todas as pa-

⁶⁷ Esta é uma questão muito clara para o autor. Não é sua intenção classificar práticas litúrgicas como certas e erradas. Apenas prossegue consciente de que a prática litúrgica de uma igreja a identifica, logo, sendo a igreja batista defensora de uma crença comum, a sua liturgia precisa expressá-la.

lavras deste cântico, enquanto toda a assembleia de Israel o ouvia” (v.30). Após o cântico, o verso 44 arremata: “Então Moisés veio e proferiu todas as palavras deste cântico na presença do povo, ele e Oseias, filho de Num”. Antes de morrer, Moisés deixou uma música para o seu povo.

Davi é outro exemplo de líder que dava à música um lugar de destaque. Foi com música que ele levou a arca do concerto para o tabernáculo. “Davi ordenou que os chefes dos levitas escolhessem alguns músicos, dentre seus parentes, para tocarem instrumentos musicais, com lira, harpas e címbalos, e cantarem com alegria” (1 Crônicas 15.16). O verso 28 volta a falar dessa ordem, agora cumprida: “Assim, todo Israel levou a arca da aliança do Senhor, com júbilo, ao som de cornetas, trombetas e címbalos, acompanhado de liras e harpas”.

Em 2 Crônicas 5, é encontrada a música sendo utilizada na dedicação do templo construído por Salomão. Interessante, também, é o fato do maior livro da Bíblia – Salmos – ser um hinário.

2.8.2.

Louvor e Adoração no Antigo Testamento

A expressão “louvor e adoração” tem sido muito comum nas celebrações litúrgicas para designar o momento em que a congregação, conduzida por uma equipe de músicos, entoava cânticos avulsos. O perigo está em confundir o momento de cânticos espirituais como único momento de louvor e adoração no culto cristão. Os cânticos são uma das expressões possíveis de louvor e adoração.

Philip Yancey afirmou que “adorar a Deus hoje significa preencher aos brados todo e qualquer silêncio” e, ainda, falou sobre um autor de várias canções que se disse preocupado com a música de adoração que está pondo o foco nos músicos e não em Deus⁶⁸. Um erro do qual a comunidade de fé deve fugir.

⁶⁸ YANCEY, Philip. *Prostar-se e beijar*. In: Revista *Enfoque Gospel*, jul/95, p.98.

G. Wainwright disse que “o louvor público é também testemunho diante do mundo. Deve ter Deus como seu propósito (...). Um hino cuja intenção não seja o louvor a Deus de alguma forma deveria ser considerado uma idolatria”⁶⁹.

O verdadeiro ambiente de adoração, conforme a visão de Isaías 6.1-8, é aquele que conduz o adorador à consciência dos seus pecados e à necessidade de se buscar a santidade de Deus, que sempre nos impulsiona ao cumprimento da missão e ao serviço.

As referências de culto no Gênesis falam de Abraão, Isaque e Jacó (12.9, 13.4, 26.25 e 33.20). Eram pequenas cerimônias litúrgicas. Nos mandamentos, conforme Êxodo 20.1-6, Deus orienta a Moisés e ao povo judeu sobre como deveria ser a adoração. A ordem de abandonar outros deuses foi clara. São vários os textos no Antigo Testamento que mostram a correção divina face à adoração corrompida e idólatra. Isso nos ajuda a entender que, para Deus, não importa o estilo de música no culto e, sim, a vida dos adoradores. O que Deus pede para que o culto seja aceito é santidade: “Eu detesto e desprezo as vossas festas; não me agrado das vossas assembleias solenes. Ainda que me ofereçais sacrifícios com as vossas ofertas de cereais, não me agradarei deles; nem olharei para as ofertas pacíficas de vossos animais de engorda. Afastai de mim o som dos vossos cânticos, porque não ouvirei as melodias das vossas liras. Corra porém a justiça como águas, como o ribeiro perene” (Amós 5.21-24). Há outros textos que reforçam a mesma ideia, como 2 Crônicas 26.26-20 e Isaías 1.11-17.

2.8.3.

Louvor e Adoração nos Salmos

Embora o Antigo Testamento tenha sido comentado no tópico anterior, será dado um destaque aos Salmos, por se tratar do hinário do povo judeu. Os Salmos evidenciam expressões de louvor e adoração de todos os povos (22.27; 66.4; 89.9; 96.6). É um tema bem abordado na coletânea. Davi, embora seja o autor da maio-

⁶⁹ Geoffrey Wainwright In: FREDERICO, Denise. *A Música na Igreja Evangélica Brasileira*. Rio de Janeiro: MK, 2007, p.43.

ria dos salmos, não foi o único. Os filhos de Coré, Asafe, Moisés e até Salomão também compuseram salmos.

O livro é dividido em cinco partes, tornando-o semelhante às leis judaicas – Torá – que também possuem cinco livros. Os quatro primeiros livros terminam com a expressão “bendito seja o nome do Senhor”. O último, com “todo ser que respira louve o Senhor”.

DIVISÃO DOS SALMOS	
Livro I	1 a 41
Livro II	42 a 72
Livro III	73 a 89
Livro IV	90 a 106
Livro V	107 a 150

Denise Fredeiro apresenta uma classificação dos salmos elaborada Hans-Joachim Kraus⁷⁰, como segue:

Salmos de louvor. São aqueles que começam com uma expressão hebraica que foi traduzida por “canção de louvor”. Estão arrolados nesta categoria, por exemplo, todos os salmos que contêm a expressão “Louvai ao Senhor” ou “Aleluia” (Exemplo: Salmo 146).

Cantos de oração. Aqui estão elencados os salmos para oração individual, nos quais o pronome pessoal “eu” é usado. “Salve-me, ó Deus”, por exemplo (Salmo 54).

Salmos de ação de graças. “Rendei graças ao Senhor, invocai o seu nome; anunciai seus feitos entre os povos” (Salmo 105.1).

Salmos “reais”. São aqueles que falam acerca de reis. Possuem elementos também encontrados na literatura do Oriente Próximo, como oráculo e prosperidade para o rei (Exemplo: Salmo 72.15).

Cantos de Sião. Como diz o nome, são os que citam essa cidadela, conforme o Salmo 125.1.

Salmos didáticos. Apresentam expressões hebraicas equivalentes à sabedoria e entendimento. São ainda colocados nessa mesma classificação aqueles que trazem sabedoria proverbial (Exemplos: Salmos 90, 127 e 133).

⁷⁰ Informações complementares dessa classificação podem ser obtidas em FREDERICO, Denise. *A Música na Igreja Evangélica Brasileira*. Rio de Janeiro: MK, 2007. p.50-52.

Salmos que falam de adoração. Kraus afirma que é necessário ter cautela, pois não é tarefa fácil dizer com exatidão onde são encontrados os cultos no AT. Aponta três salmos: 50, 81 e 95.

2.8.4.

Música no Novo Testamento

O Novo Testamento também adverte sobre a importância da música na adoração. Lucas registrou que as milícias celestiais surgiram no firmamento com o seu “glória a Deus nas maiores alturas, e paz na terra entre os homens a quem ele ama” (2.14). Fala também que “os pastores voltaram glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham visto e ouvido, como lhes fora falado” (2.20). Simeão, já com a idade avançada, louvou entusiasticamente a Deus, ao ter Jesus em seus braços (2.28).

O próprio Jesus, enquanto realizava o seu ministério terreno, foi visto no templo, e não há registro algum de que Ele proferiu palavras de reprovação às músicas entoadas para o louvor do Pai celestial. Na noite em que foi traído, inclusive, Jesus realizou a Ceia com os discípulos e cantou com eles (Mateus 26.30). Estudiosos registram que foram cantados no final da Ceia os chamados “Salmos de Hallel”.

Paulo, o apóstolo, exortou, em suas cartas, ao ensino com cânticos (Efésios 5.19; Colossenses 3.16). Na prisão, ele e Silas, à meia-noite, cantaram hinos de louvor a Deus e fizeram orações (Atos 16.25).

João, o último dos doze, quando estava no exílio na Ilha de Patmos, ouviu e escreveu sobre uma música jamais ouvida pela humanidade, antes e depois daquele tempo: “Ouvi um som do céu, como o barulho de um grande temporal e o estrondo de um grande trovão. O som que ouvi era como o de harpistas que tocavam suas harpas” (Apocalipse 14.2). Tanto no Antigo como no Novo Testamento, a música tem lugar na celebração a Deus.

2.8.5.

Louvor e Adoração no Novo Testamento

Diferentemente do Antigo, o Novo Testamento não fornece tantos detalhes acerca do culto, da liturgia ou do canto no culto. No evangelho de Lucas, capítulos 1 e 2, são encontrados os chamados “cânticos de infância”: o de Maria, conhecido como *Magnificat* (1.46-55); o de Zacarias, conhecido como *Benedictus* (1.68-79); o dos anjos, que ficou conhecido como *Gloria in Excelsis Deo* (2.14); o de Simeão, também denominado *Nunc dimittis*, que equivale a “podes despedir em paz o teu servo” (2.29-32). Todos esses cânticos registrados por Lucas foram entoados quando do nascimento de Jesus, baseados em textos do Antigo Testamento.

O texto que narra o encontro de Jesus com a mulher samaritana é um dos primeiros que fala sobre louvor e adoração no Novo Testamento. Ela tinha dúvida sobre o local em que se deveria adorar a Deus. Jesus a esclareceu com um conceito novo até para os judeus (João 4.23), pois Ele falava sobre a espiritualidade do culto: “adoração em espírito e em verdade”, que é muito mais importante do que hora e lugar.

Na igreja primitiva, “louvor e adoração” foi considerado atividade diária (Atos 2.42-47). Paulo também se referiu à entrega da vida como ato de culto em Romanos 12.1: “Portanto, irmãos, exorto-vos pelas compaixões de Deus que apresenteis o vosso corpo como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional”.

O autor da carta aos Hebreus falou sobre o valor da reunião como igreja de Cristo: “Não abandonemos a prática de nos reunir, como é costume de alguns, mas, pelo contrário, animemo-nos uns aos outros, quanto mais vedes que o Dia se aproxima” (Hebreus 10.25).

Apocalipse, último livro da Bíblia, é recheado de referências acerca da igreja e do seu futuro, quando adorará a Deus para sempre (19.1-8). Fato interessante é que no final da visão, João assim registra: “Eu, João, ouvi e vi todas essas coisas. Quando as vi e ouvi, prostei-me aos pés do anjo que as mostrava a mim, para adorá-lo. Mas ele me disse: olha, não faças isso, porque eu sou conservo teu e de teus irmãos, os profetas, e dos que guardam as palavras deste livro. Adora a Deus”

(22.8-9). Uma coisa é totalmente enfatizada em toda a Bíblia: Deus é o único que deve receber a adoração.

2.8.6.

Músicos ou Levitas?

A expressão “levita”, vez por outra, é comumente ouvida nas comunidades de fé em relação aos músicos que atuam nas celebrações litúrgicas nas igrejas, especialmente àqueles que atuam nas chamadas “equipes de louvor”. Seria esse a aplicação correta do termo?

2.8.6.1.

Quem são os Levitas?

A Bíblia fala sobre a importância da música no culto. No tempo de Davi e Salomão, o ministério da música era uma parte integral do culto hebraico. Os músicos vinham da tribo levítica e eram obreiros de tempo integral, separados para o trabalho do culto. “Dos trinta e oito mil levitas, quatro mil foram separados para servir ao Senhor, com os instrumentos musicais feitos por Davi”⁷¹.

Em 1 Crônicas são encontrados os deveres dos diferentes levitas e, dentre eles, os músicos. Quenania, chefe dos levitas, foi citado como encarregado dos cânticos (1 Crônicas 15.22). Os levitas eram pessoas separadas para ministrar a vida espiritual de Israel. Eles tinham também a responsabilidade de cuidado e manutenção do templo.

O levita era isento de alguns compromissos: “vos notificamos que não é permitido cobrar impostos, tributos ou taxas de nenhum dos sacerdotes, levitas, cantores, porteiros, servidores do templo e de outros que trabalham nesse templo” (Esdras 7.24). A questão fundamental é que nos tempos do Antigo Testamento, todo músico era levita, mas nem todo levita era músico.

⁷¹ MCCOMMON, Paul. *A Música na Bíblia*. Rio de Janeiro: JUERP, 1995. p.76.

Levi, terceiro filho de Jacó e Lia (Gênesis 19.34), e sua tribo foi eleita por Deus para cuidar das questões que envolviam o culto em Israel. Moisés e Arão eram da tribo de Levi (Êxodo 2.1, 4.14, 6.16-27). Esta tribo foi separada das demais, sendo incumbida de conduzir os sacrifícios, de desmanchar, transportar e erguer o tabernáculo no tempo de peregrinação.

Os levitas tinham um ministério auxiliar aos sacerdotes. O serviço dos levitas começava quando atingiam a idade de vinte e cinco anos, indo até os cinquenta (Números 8.24-26). Posteriormente, quando Davi estabeleceu um local fixo para a arca da aliança, a idade foi baixada para vinte anos.

O sustento dos levitas vinha do dízimo do povo. Eles não possuíam herança na terra; nenhuma porção da Terra Prometida lhes coube (Números 18.23). Por outro lado, os israelitas tinham grandes responsabilidades para com os filhos de Levi (Deuteronômio 12.12, 18-19; 14.28-29).

2.8.6.2.

Temos Levitas hoje?

Há diversas opiniões publicadas sobre o assunto, buscando responder a questão. É sempre difícil a tendenciosa tarefa de selecionar uma ou outra dentre tantas opiniões, mas, por questões de tempo, espaço e concordância, seguirão duas.

José Barbosa Júnior foi tão preciso que será citado na íntegra:

“Como tirados de folhas amareladas pelo tempo, eles surgem para atrapalhar a já atrapalhada igreja evangélica de nossos dias. São os “levitas”, os grandes homens e mulheres que ministram louvor em várias igrejas pelo país. Um pouquinho só de conhecimento bíblico já nos faz ver que por trás disso tudo há um grande equívoco. Um movimento re-judaizante, com fortes tendências neo-pentecostais traz em seu bojo, figuras como essa, tema de nosso breve comentário. (...) Quem se diz levita, não sabe o que está dizendo. Creio que o desejo de ser levita surge, antes de qualquer coisa, de uma vontade de possuir títulos nobres, o que é bem comum em nosso meio. Apóstolos, Bispas, Bispos, que assim se auto-denominam são comuns em nossos arraiais. Gente que carece de profundidade bíblica e de seriedade no modo de encarar a verdade revelada. Gente que fica buscando no Velho Testamento coisas que já foram abolidas há muito tempo, há pelo menos 2.000 anos”⁷².

⁷² <<http://www.pulpitocristao.com/2010/03/socorro-os-levitas-voltaram/>> Acesso em 12 out 2014.

A segunda opinião vem de Josafias Júnior, que publicou um artigo com o título “7 razões para não chamar músicos de ‘levitas’”⁷³. Serão citadas e comentadas algumas razões:

1. **Nem todos os levitas eram músicos.** Já foi falado sobre isso no tópico anterior. A Bíblia fala de levitas que cuidavam da música, mas também fala de outras atividades levíticas envolvendo o ambiente de culto, como os sacrifícios e tarefas administrativas e operacionais (limpeza e organização do espaço, por exemplo).
2. **O chamado levítico originalmente envolvia toda a humanidade.** O chamado para a adoração e o cuidado do “templo” é para todos, dado aos nossos primeiros pais, assim como o casamento, a família, o trabalho e o descanso.
3. **O levita tinha um papel de mediador, assumido por Cristo.** Os levitas, como ungidos do Senhor, tinham o papel de mediar a aliança entre Deus e o povo de Israel. Esse papel hoje é perfeitamente cumprido por Jesus Cristo, supremo Pastor e sumo sacerdote.
4. **Chamar os músicos de hoje de levitas cria uma divisão entre crentes “levitas” e “não-levitas”.** Essa razão é mais prática que teológica. Essa divisão entre os “ministros de louvor” e a congregação não é saudável e traz problemas no entendimento da verdadeira espiritualidade. É senso comum o entendimento que aqueles que vão à frente da congregação devem ter um cuidado todo especial com as suas vidas, mas isso não faz deles “super cristãos”, não os coloca numa condição superior aos demais. Todo cristão é aceito por Deus, todo cristão genuíno o louva, não só um determinado grupo no culto coletivo.

As opiniões acima são de profundo valor, mas cada membro da comunidade de fé deve entender, através de pesquisa bíblica, a razão pela qual não é correto associar os músicos de hoje aos levitas do Antigo Testamento. É mais do que uma questão de nomenclatura, e não deve ser assimilada sem pensar ou por autoritarismo. É necessário entender que o ministério levítico é muito mais abrangente do que o ministério da música.

⁷³ <<http://iprodigo.com/textos/7-razoes-para-nao-chamar-musicos-de-%E2%80%9Clevitas%E2%80%9D.html>> Acesso em: 12 out 2014.

Essas questões relacionadas à música na Bíblia são essenciais como pano-de-fundo na leitura que será feita sobre o papel da música na liturgia e a sua influência na problemática do esvaziamento da centralidade cristológica no culto.

3.

Culto Cristão e Igrejas Batistas

Uma das características mais valorizadas pelos batistas como distintivo denominacional é o governo livre e independente que confere autonomia às igrejas locais e liberdade de ação litúrgica. Essa autonomia tem sido padronizada pela cooperação que há entre as igrejas batistas ligadas à Convenção Batista Brasileira, órgão máximo da denominação no Brasil.

Embora haja essa total liberdade litúrgica para cada comunidade local (uma vez que cada igreja batista local é autônoma), é possível verificar uma identidade cültica comum aos batistas brasileiros, o que será desenvolvido no presente capítulo.

3.1.

A Liturgia⁷⁴ das Igrejas Batistas

As igrejas batistas não adotam um calendário litúrgico comum,⁷⁵ o que favorece, embora haja uma identidade, a multiplicidade de formas⁷⁶. Há igrejas com um culto mais tradicional, outras, mais contemporâneo. Todavia, há traços comuns.

⁷⁴ As igrejas que chegaram ao Brasil como fruto da atuação missionária norte-americana são consideradas não-litúrgicas, por não possuírem uma tradição litúrgica, a semelhança da igreja luterana, por exemplo. Utilizando as palavras de Frederico, “a classificação das igrejas protestantes em “litúrgicas” e “não-litúrgicas”, embora tenha respaldo na literatura (Prócoro VELASQUES FILHO, Antônio G. MENDONÇA, *Introdução ao Protestantismo no Brasil*, p. 145-170), não constitui uma terminologia precisa para definir essas igrejas” (FREDERICO, Denise Cordeiro de Souza. *Cantos Para o Culto Cristão*, São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 14). Este autor tem consciência dessa tradição não-litúrgica, nos moldes apresentados, todavia, afirma que há uma tradição litúrgica denominacional, com traços distintivos das demais.

⁷⁵ Volta-se a levantar uma importante e delicada questão para as igrejas batistas brasileiras: a doutrina da autonomia da igreja local. Até que ponto essa liberdade advinda da autonomia local não compromete a essência do “ser igreja”, neoteamentariamente falando?

⁷⁶ Nas igrejas batistas a palavra ‘liturgia’ é praticamente desconhecida, pois, a maior parte não consegue desvincular o termo do catolicismo romano.

O púlpito batista, em sua proclamação, possui uma linha eclesiológica e teológico-doutrinária comum, ou seja, a sua mensagem pauta-se num corpo comum de doutrinas, exarado no documento chamado ‘Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira’. Via de regra, as igrejas batistas, em seu Estatuto, declaram segui-lo.

No campo musical, os batistas adotam os hinários ‘Cantor Cristão’ (CC) e, desde 1991, ‘Hinário Para o Culto Cristão’ (HCC). Entretanto, o seu repertório não se limita a estes na maioria das igrejas. Os cânticos avulsos também fazem parte da liturgia batista.

A música no culto cristão sempre foi algo controvertido. Entre os batistas a sua inclusão não foi tão simples. Foi Benjamim Keach quem introduziu o canto nas igrejas batistas inglesas. Keach conseguiu, em 1673, que a igreja em Horsleydown cantasse um hino no final da Ceia, permitindo que os contrários se retirassem antes de ser cantado.⁷⁷

John Smyth, ex-anglicano ligado à origem da denominação batista, era contrário aos manuais litúrgicos. Entendiam-nos como obstáculo à adoração. O culto batista de Smyth era longo, centrado no sermão, mas dando oportunidade aos presentes para debaterem os assuntos pregados. Era praticamente uma aula da escola dominical.

Smyth era contrário aos manuais litúrgicos. Para ele, esses livros eram um obstáculo à adoração no culto. (...) Além disso, não se podia usar nenhum material impresso. O culto tinha início às 8 horas da manhã com a leitura da Bíblia. Se o horário permitisse, podiam acontecer até cinco sermões, entremeados por orações decoradas. Os salmos eram cantados de memória (não havia hinários). O culto terminava às 12 horas e outro culto iniciava-se às 14, com o mesmo esquema anterior, indo terminar lá pelas 17 horas. Para Smyth, o importante é que a Palavra fosse pregada e que o Espírito Santo tivesse liberdade suficiente para orientar a ordem litúrgica.⁷⁸

Desde o início, percebe-se a identidade litúrgica batista: centrada na Palavra, sua leitura e exposição. Como já mencionado acima, essa estrutura do culto batista de Smyth é bem reproduzida na chamada Escola Bíblica Dominical, quando, geralmente na parte da manhã, as igrejas batistas se dividem em classes, por faixa etária, para ler e estudar as Escrituras.

⁷⁷ FREDERICO, Denise Cordeiro de Souza. *Liturgia: das origens até os batistas brasileiros*. Porto Alegre: EST, 1994, p. 36.

⁷⁸ *Ibid.*, p. 77.

Na preparação de um culto batista, algumas perguntas secundárias vêm à mente: deve-se bater palmas? O som em alto volume é batista ou não? Os cânticos estão substituindo o Cantor Cristão?

Na verdade, as perguntas deveriam ser diferentes: por que bater palmas? Por que cantar os hinos do Cantor Cristão? O que se faz num culto deve ser feito com entendimento: esse é o culto racional.

O Novo Testamento abre espaço para a diversidade de estilo, mas, a questão mais importante é entregar a pessoas certas a preparação da liturgia. É um erro entregá-la a pessoas sem preparo básico: conhecimentos teológico, musical e gramatical. É preciso investir no culto coletivo.

Mesmo com as diferenças de igreja para igreja, basicamente, a liturgia batista abarca orações espontâneas, hinos congregacionais, música coral ou solo, sermão e, em momentos especiais, Ceia e batismo.

A direção é do pastor que pode compartilhar com algum membro da igreja ou não. Algumas igrejas possuem um ministro de música: pessoa de dedicação ao preparo litúrgico, principalmente, no aspecto musical.

Em suma, o culto batista é constituído de música e sermão. Em geral, a música é subsidiária, uma preparação para o sermão. Por isso, é saudável e coerente que música e sermão tenham um mesmo conteúdo, uma mesma temática de acordo com a proposta litúrgica para cada celebração.

A liturgia deve ser mais explorada no meio batista como um instrumento didático de instrução. Por isso, é preferível que a mesma venha impressa e que cada pessoa a tenha em mão.

O culto coletivo é momento áureo da comunidade. É quando todo o povo se reúne diante de Deus para proclamar os seus feitos. Ele deve ser marcado pelo equilíbrio, respeitando as diferenças, mas, evidenciando os princípios que identificam uma igreja batista.

O preparo da liturgia é essencial para as igrejas batistas. O Deus que opera no momento do encontro com a comunidade é o Deus que opera no momento do preparo da liturgia e na vida dos que a preparam. Sendo o pastor o líder espiritual da comunidade, ele não deve esquivar-se da responsabilidade com o culto da sua comunidade.

Sobre a organização do culto batista atual, Frederico propõe uma classificação:⁷⁹ existem aqueles que seguem uma estrutura de culto que foi trazida pelos missionários americanos, baseada em Isaías 6.1-8. Essa é a liturgia ensinada nos seminários oficiais⁸⁰ e consiste em adoração, confissão, perdão, mensagem ou exortação e consagração. Pode ser chamada de “tradicional” ou “erudita”, pelo fato de ser usada nas igrejas que possuem ministros de música e pastores formados por tais seminários.

Outra classificação apresentada por Frederico é a “temática”, que segue os temas oferecidos pelo calendário denominacional, indicado pela Convenção Batista Brasileira, como Missões Mundiais e Nacionais e Escola Bíblica Dominical.

Parecido com a anterior, há a estrutura litúrgica que Frederico denominou de “homilética”, por seguir de acordo com o tema do sermão pastoral para cada celebração. Ou seja, o pastor define tema e texto do sermão e toda a liturgia desenvolve a partir do assunto do sermão preparado para aquela celebração litúrgica.

Uma outra classificação apresenta “a liturgia sanduíche”, assim chamada por apresentar hino, sermão e hino. É uma estrutura ligada com o culto conversionista, oriundo dos metodistas “da fronteira”.

Frederico ainda apresenta o que acha estar se expandindo mais entre os batistas brasileiros, a “liturgia renovada”, que é livre, espontânea e influenciada pelos grupos neopentecostais. A estrutura é igual a das igrejas carismáticas. O culto consiste praticamente de duas partes: a primeira, quando acontecesse o chamado “período de louvor”, entoando vários cânticos, entremeados por orações feitas pela equipe que dirige os cânticos. A segunda consiste do sermão.

Conclui Frederico existir ainda uma outra classificação, para a qual denomina “liturgia livre”, pois muitas igrejas batistas misturam diversas liturgias tipificadas acima, dificultando dar um nome exato a tal liturgia praticada.⁸¹

⁷⁹ FREDERICO, Denise Cordeiro de Souza. *O Que é Liturgia?*, p. 78-79.

⁸⁰ Entende-se por “seminários oficiais” as instituições de ensino teológico da denominação batista (Convenção Batista Brasileira): Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil (Recife/PE), Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil (Tijuca/RJ) e Seminário Teológico Batista Equatorial (Belém/PA).

⁸¹ Este autor se utiliza da presente classificação por entender que a mesma expressa a sua opinião sobre o tema.

3.2.

Reflexos na Prática Litúrgica

O século XX assistiu o surgimento de várias denominações, trazendo novos “movimentos litúrgicos”, além da variedade de literaturas difundidas no “mercado evangélico”. Não é preocupação deste trabalho afirmar que por essas possíveis influências tem havido um distanciamento total do estilo reconhecido como batista, mas, é uma constatação.

3.2.1.

Influência (neo)Pentecostal

Liturgicamente falando, há influências pentecostais e neopentecostais em cultos batistas brasileiros. Caldas levanta a tese de que esses modelos litúrgicos são mais fáceis de serem assimilados pelos brasileiros.

Das características pentecostais que foram úteis e contribuíram para o processo de abrasileiramento do cristianismo evangélico no país, podem-se citar a liturgia mais participativa e a autonomia administrativa precoce. A diferença mais evidente entre uma igreja de estilo pentecostal e uma não pentecostal talvez seja a forma de culto. Nas igrejas “históricas” e “tradicionais”, a participação do povo no culto é bastante limitada, enquanto nas pentecostais e nas chamadas “renovadas” ou “carismáticas” essa participação é bem mais intensa. Os fiéis têm mais liberdade para expressar suas emoções, sem coibições. Embora não desprezem a música de origem estrangeira, a hinologia utilizada geralmente é brasileira e os cânticos possuem letras curtas, entoados quase sempre com acompanhamento ritmado de palmas, com muita alegria e animação. As orações são quase sempre coletivas. Isso fortalece o sentimento de que todos pertencem ao corpo de Cristo e de que juntos exercem o sacerdócio universal dos cristãos, através da intercessão comunitária e coletiva. (...) Ainda com respeito à liturgia pentecostal, deve-se mencionar a pregação. Nas igrejas evangélicas mais fiéis a sua origem missionária norte-americana ou européia, a pregação é bastante reflexiva e racional. O estilo pentecostal de pregação, no entanto, tende para um modelo mais experiencial que racional, mais prático que doutrinário. Desnecessário dizer que este modelo de liturgia adapta-se com mais facilidade à cultura brasileira do que a americanizada ou a europeizada, presente nas igrejas batista, luterana e presbiteriana.⁸²

No entendimento pentecostal a ênfase é dada aos dons espirituais, acentuadamente os de “línguas estranhas”, “profecias” e “sinais”. Essa ênfase ao Espírito

⁸² CALDAS, Carlos. *O Último Missionário*. São Paulo: Mundo Cristão, 2001, p. 74-75.

Santo terá, em consequência, interferência na liturgia, fazendo com que a mesma seja de natureza mais espontânea.

Numa igreja pentecostal, geralmente, não é necessária a elaboração prévia da liturgia. A ação do Espírito acontece no momento em que a congregação se reúne e dá direção ao culto. Isso favorece a expressiva participação das pessoas nos cultos, com testemunhos, músicas e assim por diante.

Alguns grupos pentecostais defendem-se como sendo a fiel representação do tipo de comunidade descrita em Atos dos Apóstolos: “uma comunidade para testemunhar não somente os feitos de Jesus Cristo, mas principalmente para deixar que o Espírito Santo aja livremente”.⁸³

Principalmente nos anos 60, as igrejas neopentecostais se espalharam pelo Brasil. Elas tornaram o estilo litúrgico mais diverso. Comumente utilizam-se de uma liturgia de duas partes. Na primeira, cantam-se cânticos, repetindo-os diversas vezes, sob a condução de uma banda, chamada de “equipe de louvor”. Na segunda, entre em cena o pastor ou a pastora e prega um sermão.

Esse estilo de liturgia em duas partes tem sido muito comum entre as igrejas batistas que, por alguma razão, mantêm também o cântico de um hino do Cantor Cristão, que é o seu hinário histórico.

Uma tendência dessa assimilação litúrgica (neo)pentecostal é o encurtamento do momento do sermão. Owens compartilha uma experiência que não é distante da realidade brasileira.

Recentemente, no começo do Seminário de Return to Worship, um pastor compartilhou comigo que agora tinha menos de vinte minutos para pregar nos domingos pela manhã porque era necessário mais tempo para “adoração”. Ele disse que a parte musical no culto estava se expandindo, e, agora que um esquete estava sendo incluído cada semana, alguma coisa tinha de ser cortada. Tinham feito uma pesquisa entre os membros da igreja. A questão era: qual a sua preferência? Aumentar o culto em 15 minutos? Diminuir o tempo do ‘louvor’? Encurtar o sermão? A maioria escolheu ter um sermão mais curto. À medida que analisamos isto, muitas coisas vem à tona. Antes de mais nada, esta situação não é única. É, ao contrário, um quadro da igreja de hoje, tanto do ponto de vista da liderança quanto da congregação. O povo deseja ser entretido, e a liderança da igreja é constrangida a agradar. Se o povo deseja mais música e teatro, nós os daremos para ele. Hoje, música e esquetes conquistaram preferências sobre o sermão em muitas de nossas igrejas.⁸⁴

⁸³ FREDERICO, Denise Cordeiro de Souza. *O Que é Liturgia?*, p. 80.

⁸⁴ OWENS, Ron. *Retorno à Adoração*. Trad. Durval de Almeida Godoy Filho et. al. TENNESSE: Broadman e Holman, 1999, p. 106.

E continua:

Nos últimos anos a tendência tem sido para tirar a ênfase dos hinos enquanto indo mais e mais para os cânticos. Muitos têm quase abandonado a rica herança de hinos da igreja. (...) Muitas igrejas na América estão produzindo uma geração de ‘analfabetos de hinos’. (...) Eles não saberão que o grande reformador, Martinho Lutero, começou escrevendo hinos para que a sua doutrina fosse lembrada, e que esses hinos tiveram uma grande importância na propagação da Reforma com grupos de cantores que viajavam de vila em vila cantando seus hinos. A próxima geração não saberá nada a respeito de Isaac Watts, o Pai da Hinódia Inglesa. Eles não saberão que Watts escreveu 875 hinos, muitos dos quais permanecem em nossos hinários hoje, ainda que tenham sido escritos a mais de 250 anos atrás.⁸⁵

Uma das áreas que trazem mais debates ao meio batista é a música. É através dela que, geralmente, as práticas litúrgicas são modificadas. Os chamados cânticos avulsos, que, em sua maioria e com expressão na mídia, são de origem neopentecostal, trazem forte ênfase emocional. As suas letras, geralmente curtas e repetitivas, trazendo ordens de prosperidade pela experiência com Deus, somadas a melodias ritmadas e envolventes, propiciam à comunidade um clima altamente alucinante, capaz de fazer a pessoa se desligar de possíveis problemas e, em alguns casos, até da opinião pública outrora observada, para ter as mais variadas reações. Essa variedade de reações tem sido alvo de debate no meio batista, inclusive em “O Jornal Batista”.⁸⁶

Owens registra em sua obra uma outra experiência que testemunhou fruto da ação influenciadora da música num culto:

As pesquisas também mostravam que a música pode ter um impacto profundo sobre o corpo humano, especialmente em seu nível de adrenalina. (...) Parece que muitos, na liderança da igreja, não estão cientes dos poderosos efeitos da música sobre as pessoas, especialmente sobre suas emoções. (...) As emoções de uma pessoa podem ser guiadas pela música, resultando em uma multiplicidade de reações físicas. Observei tal ocorrência vários meses atrás, em uma conferência nacional para um líder específico de líderes evangelistas. Certa noite, um coro de uma cidade vizinha liderou um período de ‘adoração’. Em certo ponto, o líder ensinou um coro fácil e rítmico: “Lord, we want to see you” (Senhor, queremos vê-lo). Depois de cantá-lo várias vezes, comecei a contar. Cantávamos a mesma frase sem parar, às vezes pontuada por um comentário ou trecho das Escrituras. Do momento em que comecei a contar, repetimos este refrão dezoito vezes, com numerosas modulações. Quando terminamos, quase todos estavam em pé, em variados níveis de excitação. Este grupo, por falar nisso, seria considerado conservador. A repetição contínua das palavras e melodia, acompanhada pela batida inces-

⁸⁵ OWENS, Ron. *Retorno à Adoração*, p. 110-111.

⁸⁶ Órgão oficial da Convenção Batista Brasileira, fundado em 1901, por W. E. Entzminger. Trata-se de um semanário confessional, doutrinário, inspirativo e noticioso.

sante, levou um grupo de homens normalmente muito compenetrados a uma euforia causada pela adrenalina.⁸⁷

3.2.2.

Literaturas no Mercado

Com preços populares, circulam no mercado evangélico várias obras sobre o tema do louvor e da adoração que, em síntese, fazem abordagens sobre o culto coletivo, dando conceitos que influenciam na prática litúrgica.

Obviamente, não houve exaustividade na análise de tais obras, mas, uma quantidade considerável fora analisada. Uma vez que as mesmas, em certos pontos, chegam a parecer cópias, pela repetição dos discursos e argumentos, foram selecionadas algumas para serem citadas neste momento da pesquisa.

Essas obras revelam uma expressão de entendimento litúrgico e acabam por influenciar líderes e liderados das igrejas. Tais livros trabalham a visão do louvor, atribuindo ao mesmo a condição, inclusive, de transformação de pessoas. Ora, se o louvor transforma, logicamente, deve ter ênfase e primazia numa liturgia. Seria a conclusão esperada de uma leitura de uma obra dessa natureza sem olhar crítico algum.

Michael Youssef afirma que “o louvor aciona o poder de Deus em nossa vida, e é no âmbito da batalha espiritual que esse fato se torna mais evidente. O louvor autêntico a Deus nos dá poder para derrotar o diabo”.⁸⁸ E ainda diz mais ao destacar que “o louvor é eficaz porque, ao louvar, estamos proclamando o que Deus verdadeiramente é, e isso gera dos resultados: aumenta a nossa fé e confiança e torna a situação insuportável para Satanás. Ele não agüenta nos ouvir declarando as verdades de Deus”.⁸⁹

O autor citado atribui ao louvor a condição para a vitória numa batalha espiritual. A derrota de Satanás está decretada quando o povo louva. Entende Youssef que se vive diante de uma batalha nas dimensões de um outro mundo – espiritual – que necessita de ser alimentada com louvor para alcançar êxito.

⁸⁷ OWENS, Ron. *Retorno à Adoração*, p. 150-151.

⁸⁸ YOUSSEF, Michael. *Fortalecidos pelo louvor*. Trad. Fausto Roberto Castelo Branco. Belo Horizonte: Betânia, 2005, p. 157.

⁸⁹ *Ibid.*, p. 157.

É uma interpretação que atribui o poder de Deus ao louvor. O poder, portanto, está no louvor. Não é clamar a Deus pela vitória ou por livramento, é tão somente louvar. Noutras palavras, depende do ser humano, não de Deus.

Quando estivermos enfrentando uma luta espiritual – desânimo, tentação, medo ou dúvida – a melhor estratégia é exaltar a Deus como grande Vencedor da batalha pela conquista da alma do ser humano. Para vencermos a batalha contra Satanás, que busca a vingança, é necessário louvamos a Deus por ter enviado Jesus para vencer definitivamente a guerra pela conquista eterna de nossa alma.⁹⁰

E ainda traz uma lista de benefícios do louvor, atribuindo-lhe até uma capacidade de revelador, construindo uma “teologia do louvor”, a partir do que chama de “os cinco Rs do louvor”.

Quase nunca a nossa vida toma os rumos que esperamos. Problemas como enfermidades, perda de entes queridos, reveses financeiros etc., costumam alterar a direção da vida. É por isso que o louvor é tão importante. Ele nos traz cinco grandes benefícios, os quais costumo chamar de “os cinco Rs do louvor”: o louvor revela aquilo em que realmente cremos, redireciona nossos pensamentos e sentimentos, é a rota que nos conduz a uma comunhão mais íntima com Deus, estabelece o reino de Deus em nosso coração e, por fim, reforça a verdade sobre quem realmente somos e quem Deus realmente é.”⁹¹

Youssef deixa claro que o louvor é importante para superar problemas. É como se dele viesse a prosperidade, o rumo para uma vida certa. O louvor é dotado da capacidade de ser guia para a comunhão com Deus. É troca do texto sagrado – Bíblia – reconhecidamente inspirado entre os batistas, para a composição pós-bíblica, portanto, não possuidora da autoridade canônica, de letras envoltas em melodias.

Satanás faz todo o possível para que não abandonemos o nosso orgulho, pois este é o que mais nos impede de desfrutar as bênçãos de Deus. Satanás sabe que o louvor a Deus combate o nosso orgulho e nos ajuda a ser submissos à autoridade divina. Como o louvor é nosso aliado na batalha contra o orgulho, Satanás usa o orgulho de diversas formas para impedir que tenhamos uma vida de constante louvor.⁹²

É, de fato, uma proposta apelativa nas dimensões de uma batalha espiritual. A figura de Satanás, como adversário de Deus e da vida plena das pessoas, é enfatizada. Isso intimida o leitor e o desafia a uma conduta nos moldes propostos. Afinal, quem não deseja vencer a personificação do mal? Basta louvar.

⁹⁰ YOUSSEF, Michael. *Fortalecidos pelo louvor*, p. 161.

⁹¹ *Ibid.*, p. 18.

⁹² *Ibid.*, p. 77.

Youssef crê no poder transformador do louvor. Ele, sutilmente, empobrece a visão do poder de Deus e enriquece o louvor. É a exaltação do humano. É o argumento sensitivo.

O louvor produz grandes mudanças em nós, naqueles a quem amamos e no ambiente em que vivemos. O louvor gera crescimento e desenvolvimento espiritual. O louvor é a “locomotiva” que faz a igreja avançar, fortalece nossa fê quando oramos, capacita-nos a evangelizar com mais poder e traz-nos vitórias extraordinárias no âmbito espiritual.⁹³

Bob Fitts também está reforçando a visão anterior, ocupando o seu espaço no mercado evangélico brasileiro. Ele faz afirmações aparentemente inocentes, como: “Louvor e adoração não precisam ter uma forma padronizada. Não importa a maneira que soam, o importante é que estão sendo usados para o engrandecimento do Senhor Jesus Cristo”.⁹⁴

A priori, não há sérios problemas com uma afirmação dessas. Realmente louvor e adoração não requerem uma forma padronizada. Autores citados anteriormente já corroboraram com a idéia de que não há nas páginas neotestamentárias uma padronização de forma litúrgica. O problema está no todo do livro, que revela a intenção da afirmação, que busca dar base para a proposta de Fitts.

Ao final dessa afirmação, Fitts diz que essa tem sido a sua percepção nas suas passagens pelo Brasil.

Fitts ergue-se como um defensor da liberdade no culto. Quem não gosta de liberdade? Quem não o apreciará ao dizer: “tenha liberdade! Cante suas canções. Não fique julgando a música dos outros, isso não importa. É a Ele quem nós adoramos, Jesus Cristo, o Criador de todas as boas coisas”.⁹⁵ Esse discurso agrada.

Numa postura de conselheiro para ministérios, Fitts orienta:

Se você deseja um avivamento genuíno em sua igreja não tenha medo do som da próxima geração nem dos cânticos das gerações que já passaram, pois não importa o tipo de som que vocês façam, mas sim que você louve ao Senhor. Falo isso com base na Palavra de Deus. Encha a sua igreja com adoração. Sabe o que vai acontecer? Ela começará a cruzar as gerações e você vai ver os jovens correndo para os mais velhos, abraçando-os e dizendo a eles: obrigado por me ensinar como amar a Deus! Vai ver os mais velhos vindo aos jovens, dizendo: obrigado por me ensinar como “pular para cima e para baixo”, como ser apaixonado por Deus, estar totalmente em fogo por Jesus. Amém?⁹⁶

⁹³ YOUSSEF, Michael. *Fortalecidos pelo louvor*, p. 71.

⁹⁴ FITTS, Bob. *O mover do Espírito Santo na Adoração*. Trad. Gerson Ortega. São Paulo: W4ENDOnet, 2002, p. 10.

⁹⁵ *Ibid.*, p. 16.

⁹⁶ *Ibid.*, p. 19.

Essa é a sua simples receita para solucionar um dos maiores problemas nas igrejas atualmente: a harmonia entre as tendências das gerações. É pelo menos cômico ver um idoso correndo para um adolescente para agradecer pelas aulas de “saltos litúrgicos”.

Fitts dá até a garantia do crescimento numérico da igreja pela ação de cantar:

Quando começamos a cantar canções sobre Jesus e a declarar a sua fidelidade, sua igreja começa a crescer, seu ministério vai sendo abençoado e Deus diz se você quiser ser um líder sábio, você deve desejar isso em seu coração. Você está pronto para isso? Queremos ver as igrejas tão lotadas que não haverá mais lugares e teremos que construir novos templos. Amém? Se você inundar sua igreja com adoração e louvor, isso vai acontecer.⁹⁷

Dick Eastman, reforça a idéia do poder do louvor, quando diz:

Era uma idéia estranha, e imediatamente compreendi que fora o Senhor quem introduzira em minha mente. Eu me encontrava em nossa ‘sala de intercessão’, um local dedicado à oração, e que havíamos estabelecido logo no início de nosso ministério. Nesta sala há sempre alguém orando, durante todo o dia, no horário comercial. Em primeiro lugar, oramos por outros intercessores, já que os crentes que se dedicam à oração acham-se expostos a pesados ataques do inimigo. Então assumimos essa batalha espiritual em favor das outras pessoas que estão na mesma luta. A existência dessa sala nos recorda sempre que a oração e adoração são tão importantes em nosso ministério como qualquer outra atividade. E foi nesse contexto que Deus me revelou a grande extensão do poder do louvor.⁹⁸

Kléber Lucas, cantor evangélico brasileiro, em co-autoria com Luciano Vilaça, trabalha uma visão sacerdotal para os ministradores. Ele traz uma visão do Antigo Testamento para aplicar ao “oficial da ministração do louvor” no culto.

Ao dirigente de louvor cabe uma tarefa muito especial, conduzir o povo à presença e à adoração a Deus. Assim, sobre ele recai uma grande responsabilidade, mas também um imenso privilégio. Conquanto devamos ter cuidado para lançarmos nos ombros toda a responsabilidade da qualidade do culto ou da reunião, podemos afirmar, no entanto, que o seu papel é absolutamente essencial à qualidade da adoração pública a Deus.⁹⁹

⁹⁷ FITTS, Bob. *O mover do Espírito Santo na Adoração*, p. 47.

⁹⁸ EASTMAN, Dick. *Digno de Louvor*. Trad. Myrian Talitha Lins. Belo Horizonte: Betânia, 1987, p. 5.

⁹⁹ LUCAS, Kleber e VILAÇA, Luciano. *Vinde Adoremos*. Niterói: Proclama, 1999, p. 17.

É atribuída ao condutor do canto congregacional a qualidade da adoração pública. Essa visão é facilmente assimilada pelos chamados “grupos de louvor” das igrejas.

Inicialmente parece ser destoante, mas, com a seqüência textual, percebe-se que visão de Ricardo Corrêa passa pelo entendimento anterior. Ele assim defende:

Pode-se pensar que o ministério de louvor resume-se somente em o povo cantar nos cultos. Quando temos essa visão é porque ela foi passada erradamente por pessoas que não conhecem bem a vontade de Deus e muito menos estudam a Bíblia. O ministério de louvor está intimamente ligado a responsabilidade de levar o povo a ter este relacionamento que Deus procura. Adorar é relacionar-se com Deus, é conhecer a mente de Deus, é saber o que Ele deseja, e fazer a sua vontade. O serviço do ministério de louvor e adoração é o de reconciliar o homem com Deus, é trazer o homem para perto de Deus, fragilizando a sua alma, para que o seu espírito, sensibilizado pela unção que quebra o julgo, possa ouvir a voz de Deus, e também receber a visita poderosa da sua presença, e ter uma experiência transformadora, viva, e verdadeira com aquele que diz que o Pai procura adoradores.¹⁰⁰

Judson Cornwall também trata da temática relacionando adoração com a ação coletiva de cantar na igreja. Ao mesmo que torna a adoração numa ação coletiva, Cornwall a particulariza na experiência vivenciada por cada pessoa à medida que recebe grandes revelações.

Cornwall afirma que “quando nos achamos na presença de Deus e recebemos uma grande revelação dele, nossa reação mais natural é adorá-lo”.¹⁰¹ E complementa no entendimento de que “o grau da revelação recebida determina a profundidade da adoração, mas não a natureza da reação”.¹⁰² Isso porque “na adoração nosso espírito experimenta um extravasamento e se solta para tocar o Espírito de Deus”.¹⁰³

Para Cornwall, portanto, a adoração está entrelaçada com a revelação. Quanto mais se recebe a revelação, mais se adora. Uma idéia de adoração condicionada.

“O culto cristão é invocação de Deus e se baseia no louvor que ele próprio inspirou ao seu povo nos salmos e nos cânticos bíblicos”.¹⁰⁴ Ao afirmar assim,

¹⁰⁰ CORRÊA, Ricardo M. *O Ofício do Adorador*. São Paulo: Hosana, 1999, p. 48.

¹⁰¹ CORNWALL, Judson. *Adoração como Jesus ensinou*. Trad. Myrian Talitha Lins. Belo Horizonte: Betânia, 1995, p. 99.

¹⁰² Ibid., p. 100.

¹⁰³ Ibid., p. 101.

¹⁰⁴ GUIMARÃES, Marcelo. *Dia do Senhor: guia para as celebrações das comunidades*, p. 15.

Marcelo Guimarães passa a idéia de que o louvor, nitidamente sendo utilizado como ação de cantar, é a base do culto.

Marcos Witt traz no prefácio da obra uma experiência que tende a diminuir o valor histórico das composições e a exaltar a espontaneidade como espiritualidade:

Estudava na Escuela de Música de la Universidad Juárez do Estado de Durango, no México. Passava os dias integralmente lidando com música. Ensaiava na orquestra juvenil estadual, tinha aulas de solfejo, violoncelo, canto e piano. Sentia-me atraído pelo talento dos bons executantes. Por isso, naquela ocasião, Mike Herron captou a minha atenção. Entretanto havia algo nele que me impressionava mais do que tudo: era o que eu poderia identificar como sendo sua grande capacidade de ‘profetizar’ ao piano. Em que consistia aquilo? Todas as noites, ele se punha a cantar cânticos espontâneos, adorando profundamente o Senhor. Percebia-se que ele não havia composto aquelas canções antes, nem sequer as ensaiara. E, no entanto, interpretava-as dentro de um padrão de total excelência, musicalmente falando. Eu nunca tinha visto nada assim. Presenciando aquilo, comecei a sentir no coração uma grande inquietação a esse respeito. Tive vontade de fazer o que ele fazia, pois nunca havia experimentado o poder da presença do Senhor de maneira semelhante. Queria aquela unção, que dava àquele músico a capacidade de nos levar dessa maneira a um reconhecimento pleno e total da presença do Senhor. Nunca mais me esqueci daquela cena.¹⁰⁵

Witt prossegue seus argumentos comparando a adoração coletiva com uma partida de futebol, nestes termos:

Muitas pessoas pensam que, ao se aproximarem de Deus com alegria e celebração, estão sendo irreverentes. Isso é um equívoco, pois a Bíblia não só ensina que essa é a maneira correta de nos aproximarmos dele, como também o ordena. (...) Em 1986, a Copa do Mundo de Futebol foi realizada no México. Lembro-me do jogo de abertura: México contra Bélgica, no famoso Estádio Azteca. (...) Não me recordo do jogo em si. Só me lembro que torci muito pela seleção mexicana, esperando que marcassem o primeiro gol, e marcaram. Foi um momento inesquecível aquele em que a bola balançou a rede. O locutor pôs-se a gritar, entusiasmado e a plenos pulmões: “gooooool! Gooooool! O México faz o primeiro gol da Copa do Mundo de 1986”. Parecia que ninguém o tinha escutado, porque continuou gritando com insistência “gooooool”. Recordo-me de que fiquei em pé, gritando, pulando e festejando aquele grande acontecimento. Entretanto, como não sou fanático por futebol como os milhares de pessoas que estavam presentes lá no Estádio Azteca, minha euforia acabou bem antes que a delas. Senti então um grande impacto ao ver toda aquela gente de pé, com as mãos levantadas, gritando e celebrando esse time que acabara de fazer o gol. Notei que muitos se davam as mãos, se abraçavam, muitos derramavam lágrimas. Outros jogavam para cima chapéus, bonés ou o que tivessem à mão. Durante mais de cinco ou dez minutos, reinou no estádio um ambiente de celebração e festejo. (...) De repente, levei um choque ao perceber o que estava acontecendo naquele momento. Aquelas pessoas estavam louvando! (...) Ficamos observando aquilo por alguns momentos. De repente, o meu espírito de celebração desapareceu. É que pude ver que as pessoas louvavam melhor a seleção mexicana que a Deus. Em poucas e raras ocasiões, vi crentes prorrompendo em louvor e ce-

¹⁰⁵ WITT, Marcos. *Adoremos*. Trad. Elida Sarraf. Belo Horizonte: Betânia, 2001, p. 10-11.

lebração a Deus do mesmo modo, como o fizeram aqueles milhares de indivíduos no estádio Azteca. Pelo contrário, inúmeras vezes já vi apresentarem todas as razões possíveis por que não se deve dar esse tipo de louvor a Deus.¹⁰⁶

A intenção não é dar ou tirar crédito desta ou daquela obra. Mas, não se pode fechar os olhos para a uniformidade de um discurso que tem chegado às mãos de pastores e de membros das igrejas em geral.

As pessoas estão lendo essas e outras obras e, sem nenhum conhecimento que as possibilite fazer uma análise crítica desses conceitos, como o conhecimento da história da igreja, por exemplo, estão adotando os seus ensinamentos na sua prática litúrgica como sendo modelo de espiritualidade e obediência à Bíblia.

Observando a comparação que Witt apresentou, por exemplo, pode-se constatar a opinião de uma pessoa que entende que o louvar a Deus é medido por fatores externos, como se mede a alegria de uma torcida num estádio. A alegria é importante na prática litúrgica, mas, nem todos têm a mesma forma de se expressar e nem sempre saltos e brados são as melhores formas de expressar a Deus adoração. Muitas vezes o quebrantamento é esquecido.

3.2.3.

Ausência de Reflexão Teológica

Não faz parte da “cultura batista” o zelo pelo preparo acadêmico continuado, o que pode ser interpretado como uma ausência formal de reflexão teológica. São poucos os pastores que prosseguem estudando após passarem os anos de graduação num seminário teológico. Isso se deve também, obviamente, a fatores econômicos, mas, a falta do hábito do estudo é uma realidade.

Os pastores recebem a outorga dos títulos de graduados em Teologia, são consagrados ao ministério e se lançam a cuidar das igrejas, dedicando um mínimo de tempo para preparar sermões e estudos bíblicos. A maior parte do tempo é tomada pela visitação, atendimento no gabinete pastoral e administração da igreja.

O número daqueles que compram livros e os lêem é também mínimo. O ambiente teológico é um tanto esquecido.

¹⁰⁶ WITT, Marcos. *Adoremos*, p. 31-33.

Muitos pastores batistas do Estado do Rio de Janeiro, por exemplo, só tem momento de capacitação e treinamento anualmente, quando participam do congresso-retiro promovido pela Ordem dos Pastores Batistas do Brasil – Seção Fluminense.¹⁰⁷

Outro fator que contribui para tal ausência é que muitos pastores acabam fazendo outras graduações, o que em si não é ruim, muito pelo contrário. Só que muitos deles se especializam nessa nova área e se afastam das reflexões teológicas. Grande parte, inclusive, exerce o ministério pastoral em tempo parcial, dividindo o foco entre igreja (ministério) e profissão.

Numa realidade de ausência dessa reflexão teológica formal, acadêmica, fica mais fácil para que outros “movimentos litúrgicos” adentrem no dia-a-dia das igrejas, sem qualquer análise crítica.

Há um esforço da liderança denominacional para fomentar a cultura do preparo continuado entre os pastores batistas, mas ainda é muito pouco face à demanda. Na área de atuação da Associação Batista Litorânea Fluminense, por exemplo, há um Departamento de Educação Teológica, que acompanha as atividades do Seminário mantido pela Associação e promove atividades de reflexão teológica para os pastores. Tem sido pensada a promoção de encontros de capacitação, eminentemente teológicos, mas, ainda não foram concretizados. A agenda pastoral intensa impossibilita bastante a questão.

Outro fator para essa ausência é a distância dos grandes centros. Pastores que atuam em regiões do interior tendem a se afastar da vida acadêmica. Somente aqueles que possuem grande interesse na área e o mínimo de recurso no orçamento familiar para custear despesas de viagens conseguem avançar nos estudos. É claro que também há pastores vizinhos de seminários e universidades que não se interessam por estudar. Essa triste realidade alcança todos os segmentos da sociedade.

O antigo conflito entre ciência e religião, por vezes, ainda tenta se atualizar na mente de alguns. Há aqueles que ainda sustentam um discurso, mesmo que inconscientemente, anti-intelectual, anticientífico. Essa visão acaba fortalecendo a

¹⁰⁷ Este autor já conversou com um número considerável de pastores que afirmaram que até querem se preparar mais, ter mais contato com o ambiente acadêmico, mas as suas ocupações com a igreja e os seus recursos financeiros não ajudam. Por isso, aproveitam este evento para descansar e também ouvir um pouco das palestras apresentadas buscando uma espécie de reciclagem.

ausência de reflexão. A fé acaba virando um esconderijo para fugir dos debates, dos raciocínios lógicos. Muitas vezes há, na verdade, uma “fé ignorante”, um comportamento de negação de tudo aquilo que não faz parte do ambiente eclesial. Estar num ambiente acadêmico é estar aberto a conhecer questionamentos, visões novas e diferentes que podem contrariar convicções. Sem maturidade uma pessoa não conseguirá voltar ou continuar nas salas de aula, não conseguirá frequentar congressos e eventos, mesmo com recursos próprios para isso.

A grande maioria não está se atualizando por falta de recurso e tempo. Outra parte é por não ter o que pode ser chamado de “cultura acadêmica”. Mas, lamentavelmente, há uma parcela que prefere não se atualizar, por medo ou por outras razões inimagináveis. O triste é que, por qualquer motivo, a ausência da reflexão teológica prejudica a igreja, prejudica o culto. Pensar é trabalhoso, ainda mais quando a bagagem teológica é pequena.

3.3.

O Legado Batista

Muitas coisas que acontecem nas liturgias hoje são reflexos de uma herança. A igreja batista tem uma história.

Os batistas afirmam que “a Bíblia é a Palavra de Deus em linguagem humana”.¹⁰⁸ Toda a Bíblia, portanto, é a Palavra de Deus. Entretanto, na trajetória do pensamento batista nota-se a predominância de alguns aspectos em detrimento de outros, devido às inclinações históricas dos fundadores da denominação no Brasil que, baseados no seu pensamento teológico, influenciaram na prática litúrgica batista brasileira.

Anteriormente a Igreja Batista fora destacada por não observar o ano litúrgico. A pregação predomina em face a qualquer ritual ou manual.

Essa prática litúrgica tem origem em movimentos religiosos ocorridos em épocas e lugares distintos, mas que estão presentes nas práticas litúrgicas herdadas dos missionários norte-americanos: Pietismo, Puritanismo e o Movimento Aviva-

¹⁰⁸ Cf. Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira.

lista. Como Caldas afirma, “é necessário lembrar que boa parte dos missionários que chegavam ao Brasil no século XIX eram de origem norte-americana”.¹⁰⁹

O movimento pietista foi uma tendência pelo rompimento com toda a forma estabelecida de autoridade eclesiástica, sempre que o momento histórico ofereceu liberdade para tal. De modo que

o movimento pietista reuniu cristãos de várias denominações, incluindo católicos, os quais tinham como propósito, uma vez desvinculados das autoridades, reunirem-se para oração, para trabalhos de assistência social e para compartilharem suas experiências religiosas.¹¹⁰

No luteranismo, o fundador do pietismo foi Phillip Jakob Spener, cuja principal obra, *Pia Desideria*, lançada em 1675, traçou “um quadro severo dos males da sociedade leiga e sacerdotal e indica o remédio em (...) ‘desejos pios’”:

111

intensificação do estudo da Bíblia; reforço das atividades dos leigos em seu sacerdócio espiritual; ênfase maior no lado prático da vida cristã, e não no intelecto; aprofundamento do conteúdo devocional nos estudos teológicos e reforma na maneira de pregar.¹¹²

O movimento pietista foi a resposta a alguns descontentes com a frieza e a rigidez da igreja, que, naquela época, valorizava mais o conhecimento teológico que a vida cristã em si. Então, ao contrário, o pietismo dava valor à leitura das Escrituras com meditação nelas.

Em suma, o pietismo é, na verdade, uma reação ao excesso do racionalismo então presente na igreja luterana.

A ênfase pietista recai na experiência pessoal com Cristo e no cultivo de sua presença, o que leva a teologia pietista a assumir contornos verdadeiramente místicos. (...) Outra notável marca da teologia pietista é a valorização da santidade prática, expressa na negação do que é ‘mundano’. A influência da teologia pietista atravessou séculos e mares, e se fez presente e facilmente detectável no Brasil, para onde foi trazida pelos missionários.¹¹³

O puritanismo tem sua origem em alas descontentes da Igreja Anglicana durante o século XVII. Influenciadas pela rigorosa conduta moral do calvinismo,

¹⁰⁹ CALDAS, Carlos. *O Último Missionário*, p. 35.

¹¹⁰ FREDERICO, Denise Cordeiro de Souza. *Cantos Para o Culto Cristão*, p. 180.

¹¹¹ MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 67.

¹¹² ROUTLEY, Erick apud FREDERICO, Denise Cordeiro de Souza. *op. cit.*, p. 179.

¹¹³ CALDAS, Carlos, *op. cit.*, p. 39.

propunham uma mudança radical na igreja, para que esta se libertasse do mau exemplo dos clérigos e leigos; da herança medieval no que tange aos ritos e vestimentas; bem como do governo da igreja pelos bispos.

Quanto ao último ponto, os puritanos foram fundamentais para o estabelecimento da idéia de independência das igrejas locais, o que viria a forjar a estrutura batista.

“Não se pode, portanto, com exatidão dar uma definição do puritanismo. É um modo de ser, de ver os homens e as coisas sob o prisma da fé religiosa. É, essencialmente, um modo de viver.”¹¹⁴

Esse “modo de viver”, uma vez transplantado para a América do Norte através de imigrantes, influenciou os protestantes norte americanos e, com a expansão missionária do século XIX, acabou chegando ao Brasil.

Na nova situação americana, os puritanos se dedicaram a realizar o que se lhes havia sido impossível na Inglaterra. O ideal puritano do ordenamento de tudo sob Deus foi combinado com um conceito congregacionalista de igreja. A maioria dos puritanos da Nova Inglaterra era formada por congregacionalistas não-separatistas que tinham abrigado a esperança de reformar a partir de dentro a Igreja da Inglaterra e sentiam que era precisamente isto que estavam fazendo na América. A igreja devia ser reformada somente por crentes professos, unidos por um pacto de igrejas locais, mas dominados pelo ideal calvinista de uma sociedade organizada no culto e em todos os aspectos da vida por uma única compreensão religiosa. Esta era uma esperança que surgiu em solo inglês, mas que só se tornava efetiva na América.¹¹⁵

O puritanismo e o fervor religioso tinham declinado nas colônias em princípios do século XVIII. Diversas causas são apontadas para esse declínio: o avanço do iluminismo, a ortodoxia excessiva do calvinismo e o desvio das atenções para os conflitos políticos com as metrópoles. Esse ambiente rígido pode ter causado o enfraquecimento do fervor religioso, que será recolocado em primeiro plano pelos movimentos revivalistas (*revivals*). Mendonça afirma que

historicamente, os grandes reavivamentos americanos começam com Jonathan Edwards, em 1734, e ganham grande intensidade com a chegada de George Whitefield, companheiro de João Wesley no movimento metodista na Inglaterra. Os reavivamentos, atingindo todas as denominações americanas, avançaram pelo século XIX, até a sua primeira metade, marcando ciclos de altos e baixos na religião nacional. Mesmo as denominações mais formalistas, como os presbiterianos,

¹¹⁴ MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*, p. 37.

¹¹⁵ DILLENBERG e WELCH apud AZEVEDO, Israel Belo de. *A Celebração do Indivíduo – a formação do pensamento batista brasileiro*. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 93-94.

por exemplo, tiveram de pagar tributo ao estilo do culto dos avivamentos: um sermão acompanhado de hinos e muita emoção.¹¹⁶

O foco voltou-se à conversão das almas. Agora, o destaque estava na capacidade humana de aceitar ou não o sermão pregado, contrariando o que pregava a doutrina calvinista. A tônica avivalista estava na capacidade humana de decidir sobre a sua vida espiritual. Parece ser essa razão a levar Azevedo a defender a tese de um neopietismo presente no movimento avivalista, conforme afirma:

Os avivamentos são filhos do princípio voluntarista aplicado à perfeição cristã. O voluntarismo é puritano. O perfeccionismo, também. O que o neopietismo fez foi reinterpretar o puritanismo, reforçando-lhe o individualismo, especialmente ao destacar a experiência da decisão pessoal.¹¹⁷

Frederico afirma que “as [igrejas] chamadas não-litúrgicas herdaram do pietismo, do puritanismo e do avivalismo um culto sem uma ordem oficializada, impregnado da idéia pietista de valorização do individual”.¹¹⁸

No Brasil, os missionários norte-americanos encontram uma realidade bastante diferente de seu país de origem. Já decorriam mais de três séculos de catequese católica, sendo esta também a religião oficial da monarquia brasileira. A necessidade de marcar uma posição em relação ao catolicismo obrigou o nascente protestantismo a se afastar definitivamente de uma estrutura litúrgica do culto.¹¹⁹

“A aversão que essas igrejas têm pela tradição litúrgica pode ser explicada pelo temor de que os ritos e símbolos possam torná-las parecidas com a Católica Romana, à qual, com poucas exceções, devotam uma ‘sagrada’ antipatia”.¹²⁰

A denominação batista está inserida nesse grupo chamado de “não-litúrgico”. A sua prática litúrgica, portanto, foi herdada da tradição que os missionários legaram ao protestantismo brasileiro.

¹¹⁶ MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*, p. 175.

¹¹⁷ AZEVEDO, Israel Belo de. *A Celebração do Indivíduo – a formação do pensamento batista brasileiro*, p. 142.

¹¹⁸ FREDERICO, Denise Cordeiro de Souza. *Cantos Para o Culto Cristão*, p. 275.

¹¹⁹ AIGNER, Ricardo. *Caminhos para o repertório coral evangélico*. Rio de Janeiro, 2006, p.11. [Dissertação – Mestrado em Música – Universidade do Rio de Janeiro]

¹²⁰ FREDERICO, Denise Cordeiro de Souza, *op. cit.*, p. 275.

3.3.1.

A Ênfase na Evangelização

O trabalho batista no Brasil, embora as muitas divisões e cismas, cresceu rapidamente. Tanto que Crabtree afirmou que

em nenhuma outra parte do mundo moderno tiveram os missionários batistas do Sul tanto sucesso na expansão do Reino de Cristo. O progresso ultrapassou as esperanças e sonhos dos pioneiros. As perspectivas para o futuro estão clamando.¹²¹

No ano de 1926 apareceu o primeiro Manual de Igreja da denominação batista, prefaciado com as palavras de William Carey Taylor, que relatara a estranheza pelo fato de a denominação no Brasil ainda não ter algum tipo de manual.

É estranho que os batistas estejam trabalhando no Brasil há quase meio século e, não obstante, não tenham até agora um ‘Manual das Igrejas’. A razão é simples: seu supremo interesse é a evangelização do país.¹²²

Hahn apresenta o exemplo de um missionário batista sobre a quantidade de evangelistas no seu campo de trabalho.

Leonard cita um missionário batista que, quando perguntado sobre quantos evangelistas ele tinha em seu campo, respondeu: ‘tantos quantos membros’. Cita ainda um outro missionário batista que afirmou: ‘quase todos os membros da igreja exerciam o dom da pregação’. No sistema batista de governo eclesiástico qualquer grupo local de crentes pode constituir-se em igreja e eleger o seu pastor. Esta característica da fé batista permitiu-lhes rápida expansão através do Brasil, mas os levou também a um incrível número de cismas. Todavia, em compensação, cada estilhaço de grupo permanece uma igreja batista e, com a mudança de liderança e o passar do tempo, as querelas são freqüentemente esquecidas e curadas. (...) há pouca coisa que indique uma real contribuição ao culto por parte dos missionários e das igrejas batistas brasileiras. O supremo interesse tem sido o que Taylor declarou: ‘a evangelização do país’. Um dos raros pastores batistas cultos do Brasil empenhou-se em levar sua igreja local à prática de um culto melhor, o que não é uma tarefa fácil.¹²³

Em nota, Hahn informa que “um professor de um seminário batista contou recentemente ao autor que muitas igrejas batistas no Brasil consideram recitar o Pai Nosso no culto imitação da Igreja Católica”.¹²⁴

¹²¹ CRABTREE apud HAHN, Carl Joseph. *História do Culto Protestante no Brasil*. Trad. Antonio Gouvêa Mendonça. São Paulo: Aste, 1989, p. 331.

¹²² TAYLOR apud Ibid., p. 331.

¹²³ HAHN, Carl Joseph. *História do Culto Protestante no Brasil*, p. 331-332.

¹²⁴ Ibid., p. 332.

A ênfase batista é a evangelização, assim sendo, a sua liturgia também terá este caráter. É comum ouvir um batista dizer que o que identifica a denominação é o ardor evangelístico e missionário.¹²⁵

3.3.2.

Uma Nova Forma de Culto

Barry Liesch, visitando igrejas no sudeste da Califórnia, nos meados da década de 90, notou três formatos básicos de culto que, com as devidas proporções, são as variações que se encontram nas igrejas batistas brasileiras: o culto litúrgico, organizado ao redor da leitura das Escrituras e do devocionário; o culto temático, onde a música e as leituras servem ao sermão; o culto de louvor que flui livremente, onde a música e sermão são independentes.¹²⁶

O próprio Liesch ressalta que não há

nas Escrituras uma ordem definida de culto a ser seguida pelos cristãos do Novo Testamento. Aparentemente, o Espírito Santo sabiamente deixou a organização do culto para que fosse determinada por cada cultura. Se, por um lado, as Escrituras não oferecem direção explícita, deixam claro que a revelação e a resposta são ações básicas da adoração.¹²⁷

Liesch¹²⁸ apresenta, com base nas suas visitas a igrejas diversas, os seguintes formatos de culto:

¹²⁵ Este autor, conversando certa vez com um amigo de outra denominação protestante, o ouviu afirmar que não entende os batistas, pois, mesmo que não haja não convertidos no templo, eles não conseguem concluir um culto sem fazer apelo. É uma nítida alusão e reconhecimento de que a ênfase batista está na evangelização. A liturgia batista é voltada para este mister.

¹²⁶ LIESCH, Barry. *Nova Adoração: dos hinos tradicionais aos cânticos congregacionais*. Trad. Jorge Camargo. São Paulo: Ecclesia, 2003, p. 36.

¹²⁷ Ibid., p. 63.

¹²⁸ Ibid., p. 75.

a) Culto Litúrgico

Hino	}
Resposta	
Hino	}
Confissão	
Leitura do AT	}
Resposta	
Leitura das Epístolas	
Resposta	
Leitura dos Evangelhos	}
Resposta	
Sermão	}
Hino	}
Credo	
Oração	
Saudação	
Oferta	}
Preparação	
Ceia	
Hino	
Resposta	
Bênção	
Encerramento	

b) Culto Temático

Hino	}
Oração	
Hino	
Escritura	
Coral	
Oferta	
Anúncio	
Música Especial	
Sermão	

c) *Culto de Louvor Aberto*

Canção	}
Canção	
Canção	
Oração	
Canção	
Canção	
Canção	}
Oferta	
Saudação	
Escritura	}
Sermão	

Liesh diz que a forma mais usada na atualidade tem sido o do que chama de “culto de louvor aberto”. Ele tem a sua tese sobre a preferência por esta forma, afirmando que os novos cânticos são como uma parada de sucessos e explodem como fogos de artifícios, difundindo-se em cores, apenas para rapidamente cair, queimados pelo excesso do uso, como acontece com as paradas de sucesso.

“Os cânticos de adoração estão aqui para ficar?” – os pastores perguntam. Definitivamente! “O uso deles deve ser apoiado?” Sim, com certeza! O crescimento espetacular de sua importância é simplesmente incontestável. Cânticos comunicam novidade à nossa fé. Eles relacionam poderosamente o cristianismo à cultura contemporânea. E expressam de forma eficaz a intimidade de nosso relacionamento pessoal com Deus. A contribuição deles é enorme, e os amo e os toco continuamente. Mas precisamos de equilíbrio.¹²⁹

É fato que algumas igrejas não têm incluído em suas liturgias nem um hino nos últimos anos! Algumas incluem um hino por mês, no máximo. São liturgias destituídas de hinários, coros, solos e leitura bíblica em grupo. Até mesmo as orações em comunidade têm diminuído muito.¹³⁰

Para essas igrejas, a música representa o coração de seus cultos. Sua adoração, liderada por uma “equipe de louvor”, normalmente consiste em dois guitarristas (baixo e base), dois vocalistas, um baterista, um tecladista e talvez alguém na flauta ou no sax fazendo a melodia junto com congregação. As letras das músicas são projetadas em slides, retroprojetores ou impressas num folheto. Entre nessas igrejas e, colocando os hinos de lado por um momento, você talvez não ouça sequer um cântico que lhe seja familiar! Novidade é a moda, e cada igreja possui um repertório único. Embora as congregações estejam sempre aprendendo novas canções, solteiros, jovens casais e até mesmo idosos acham essas igrejas atrativas.

¹²⁹ LIESCH, Barry. *Nova Adoração: dos hinos tradicionais aos cânticos congregacionais*, p. 9.

¹³⁰ *Ibid.*, p. 9-10.

E algumas estão crescendo muito rápido! O esforço que empregam em seus chamados “períodos de louvor” merece altos elogios.¹³¹

Nisto consiste o perigo, pois, é preciso admitir que essas músicas se tornaram produtos de consumo por seu imediatismo. A despeito dos muitos benefícios dos cânticos de adoração, devemos reconhecer que eles tendem a refletir valores da cultura popular que não deveriam ser comprados inquestionavelmente – valores que incluem “gratificação instantânea, impaciência intelectual, imediatismo que despreza a história e inovação incessante”.

Usados exclusivamente, os cânticos têm limitações reais. Em geral carecem de vigor intelectual e não conseguem oferecer uma exposição madura das doutrinas bíblicas. Cânticos agrupam a cruz e a ressurreição juntas em suas letras, mas defraudam a realidade total do pecado e da fraqueza humana, e falham sem capturar a agonia e o sofrimento de Jesus na cruz. Eles enfatizam a derrota sobre o pecado e, portanto, encobrem os pecados persistentes em nossas vidas. Há pouca ênfase na confissão e no arrependimento públicos. E o custo do discipulado e da necessidade de perseverar e persistir na vida cristã recebem atenção limitada. Os hinos chamam a atenção para estas fraquezas. Ainda assim, muitos consideram os cânticos de louvor ininterrupto, a despeito de suas deficiências, como a forma de sua preferência.¹³²

A tendência de uma igreja batista, pela ausência de uma tradição litúrgica, é entrar nesse formato de culto. A adoção desse formato é ter uma prática litúrgica. Não há uma tradição litúrgica, mas, necessariamente isso não quer dizer que não há uma prática litúrgica.

A prática também tem mostrado que é mais fácil para as igrejas terem bandas de cânticos do que pianistas para tocarem os hinos que, geralmente, demandam de formação musical teórica para a sua execução. Isso também ajuda no “esquecimento” dos hinos nas liturgias.

Este autor é testemunha, pois já estive em várias igrejas batistas da região litorânea fluminense, das quais grande parte canta os hinos sem nenhum acompanhamento instrumental. E, nessas mesmas igrejas, os cânticos são cantados com bandas com variedade instrumental. Acabam sendo mais atrativos do que os hinos.

Esse novo formato, então, ganha espaço. É mais “fácil”, nessas condições, desenvolver uma liturgia com cânticos do que com hinos.

¹³¹ LIESCH, Barry. *Nova Adoração: dos hinos tradicionais aos cânticos congregacionais*, p. 10.

¹³² *Ibid.*, p. 10.

O objetivo não é fazer uma crítica aos cânticos avulsos simplesmente. A questão está além, passa pelo esquecimento dos hinos que fazem parte da tradição denominacional. O desligar-se dessas tradições ajuda na assimilação de uma prática litúrgica nos moldes dos segmentos que produzem os cânticos.

Hinos e cânticos têm seu valor. Ambos edificam, mas, de forma diferente. Utilizando um quadro comparativo do qual Liesch¹³³ se serve, pode-se entender melhor tal questão:

HINOS	CÂNTICOS
Estrelas duradouras	Fogos de artifícios momentâneos
Históricos, clássicos	Contemporâneos, populares
Abrangentes, complexos	Curtos, repetitivos
Inúmeros pensamentos	Um pensamento geral
Transcendentes	Intimistas
Mais intelectuais	Mais emocionais
Apelam a cristãos maduros	Apelam a cristãos maduros, crianças e os de fora
Mais conteúdo	Menos conteúdo
Requerem atenção ao texto	Liberam a atenção para Deus
Letras datadas	Letras contemporâneas
Exigem das vozes	Fáceis de cantar
Ritmicamente formais	Ritmicamente informais
Veículos de doutrinas específicas	Veículos do caráter básico de Deus

Há vários tipos de igrejas batistas brasileiras. Em muitos casos, o que têm em comum é apenas o nome. Tal evidência até tem explicação se for observado a origem plural das mesmas, sendo frutos da ação missionária norte-americana ou européia.

A liturgia de uma igreja batista acaba por ser o reflexo da visão pastoral e não da visão denominacional. O que acontece, então, tem muito a ver com aquilo que é preferência do pastor, que faz parte do seu estilo, da sua construção teológica e das suas influências.

Formatos das igrejas livres e litúrgicas têm pontos positivos e negativos. Positivamente, o culto litúrgico impõe disciplina e uma moldura lógica ao culto sema-

¹³³ LIESCH, Barry. *Nova Adoração: dos hinos tradicionais aos cânticos congregacionais*, p. 20 (nota de rodapé).

nal, além de ser fiel ao calendário anual da igreja. (...) O culto litúrgico contém palavras fixas para confissão dos nossos pecados e para o recebimento do perdão de Deus. Em contraste, o culto temático enfatiza a oração de improviso – as pessoas aprendem como orar espontaneamente. Orações por necessidades da congregação, iniciativas missionárias e trabalhos evangelísticos são frequentemente predominantes, enquanto orações de confissão podem não ocorrer. O culto litúrgico suscita respostas curtas do povo, que enfatizam uma atividade participativa. Por exemplo, o líder diz ‘erguei os seus corações’, e o povo automaticamente responde ‘nós erguemos ao Senhor’. Outras respostas do povo incluem ‘graças a Deus’ (após a Escritura); ‘Senhor, tem misericórdia’ (após as orações intercessórias); e quando o ministro diz ‘o Senhor esteja convosco’, o povo responde ‘e também contigo’. No aspecto negativo, estas respostas fixas e pré-determinadas podem soar muito formais para algumas igrejas, bem como para os participantes de fora. Nos cultos temáticos, no entanto, os ‘améns’ espontâneos podem entremear o culto. Pessoas sentem-se livres para responder a quaisquer momentos, não apenas quando o livro de adoração pode por uma resposta. Além disso, o culto litúrgico emprega leituras da Bíblia em conjunto, e o sermão concentra-se nessas leituras. Um benefício óbvio desta prática é desencorajar a pregação partidária. Também evita que líderes concentrem-se em umas poucas passagens favoritas para a leitura da Bíblia domingo após domingo. Por outro lado, o pastor da tradição temática livre pode escolher qualquer tópico do sermão para o dia, ou preparar uma série de sermões em um livro inteiro da Bíblia. O pastor está livre para se dirigir ao povo naquilo que sente que mais necessita. Quando as leituras e a música reforçam o sermão, um tema central pode surgir para o dia. Além disso, uma vez que o povo não tem um livro de adoração, que contenha no mesmo lugar as leituras, orações e respostas para o dia, ele adquire o hábito de trazer sua própria Bíblia para a igreja, abrindo-a para a leitura das Escrituras e seguindo a passagem selecionada para o sermão. Durante o sermão, alguns fazem anotações em suas Bíblias. Como resultado, a Palavra de Deus torna-se mais pessoal, e os cristãos são incentivados a se habituar a estar ‘na Palavra’ durante a semana.¹³⁴

Pode-se afirmar que o meio batista mescla os estilos de culto temático e de louvor aberto. O primeiro, entretanto, é em menor proporção. São poucas as igrejas, por exemplo, em que seus pastores desenvolvem sermões em série. A pesquisa revela que na maioria das igrejas batistas litorêneas fluminenses a liturgia não tem nada a ver com o assunto do sermão e vice-versa. Por isso, é menor a presença do culto temático. A primazia tem sido do culto de louvor aberto, com leves aparições de orações espontâneas, recitações de textos bíblicos e participações musicais em solo e em grupo.

¹³⁴ LIESCH, Barry. *Nova Adoração: dos hinos tradicionais aos cânticos congregacionais*, p. 70-71.

4.

Um Retrato da Prática Litúrgica das Igrejas Batistas Litorâneas Fluminenses

Os dados que serão apresentados refletem a prática litúrgica das igrejas batistas do campo litorâneo fluminense¹³⁵, uma vez que entende-se por expressões da liturgia os elementos de um culto cristão, ou seja, as coisas que acontecem durante um culto em linguagem verbal e não-verbal.

É bem provável que as características litúrgicas nas igrejas batistas cooperantes com a Associação Batista Litorânea Fluminense também o sejam noutras regiões, isso quer dizer que a análise ora feita pode ser real em igrejas pertencentes a outras associações regionais. A análise não afirmará que essa ou aquela realidade é exclusiva do campo litorâneo fluminense. Afirmará o que está acontecendo no referido campo, sem preocupação com semelhanças ou diferenças em face às outras igrejas.

Juntamente com a apresentação dos dados, será feita a hermenêutica dos mesmos. Cada questão levantada traz em si um propósito para a presente pesquisa. As respostas revelaram informações consubstanciais na fundamentação da tese.

4.1.

Entrevistas com Pastores

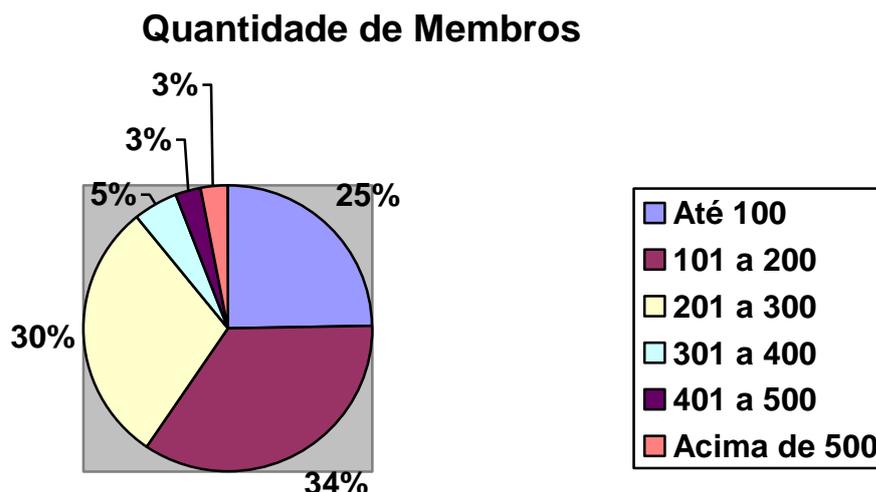
Primeiramente, será apresentado um panorama das pesquisas realizadas com os pastores, e, em seguida, o resultado das demais pesquisas, com membros diversos.

As primeiras perguntas foram de caráter institucional.

¹³⁵ As entrevistas foram realizadas no primeiro semestre do ano de 2013.

Poucas são as igrejas batistas na região litorânea fluminense que tem mais de 50 anos de organização. A maioria absoluta é composta de igrejas relativamente novas.

Em relação ao número de membros das igrejas, chegou-se aos seguintes dados:



Fonte: Entrevista com pastores de igrejas batistas da região litorânea fluminense

Os dados revelam que a maior parte das comunidades possui entre 101 e 300 membros (totalizando 64%). É considerável a quantidade com até 100 membros (25%). 11% das comunidades locais possuem mais de 301 membros, sendo 3% acima de 500.

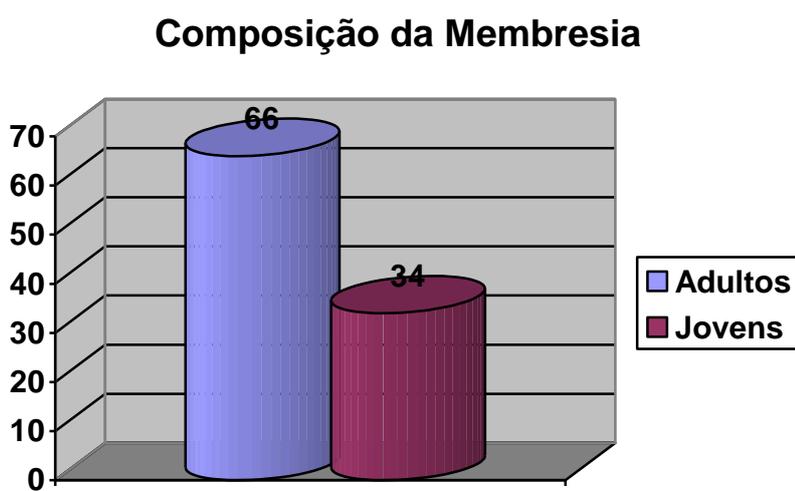
Membros de uma igreja batista são aqueles que foram batizados, cujos nomes constam no chamado “rol de membros”.

A igreja batista realiza batismos (por imersão) de pessoas que professam publicamente a sua fé em Cristo Jesus, diante da comunidade reunida em assembleia, ou seja, em reunião de caráter administrativo-eclesiástico. Nos templos, regra geral, há batistérios construídos para esse fim.

Uma vez batizado numa igreja batista cooperante com a Convenção Batista Brasileira, o membro pode transferir-se para outra igreja batista através de carta de transferência. Esse procedimento é efetuado entre igrejas batistas, quando um membro manifesta em público o seu desejo de unir-se à outra comunidade. O caso

é bastante comum quando os membros mudam de cidade e se unem à comunidade mais próxima de suas residências.

Várias igrejas apresentaram que a maioria dos membros são adultos, mas que o número de jovens não está distante de ser a maioria, ou seja, ainda predominam os adultos, sendo que, unindo jovens e adolescentes, este predomínio passa à juventude. Eis o resultado:



Fonte: Entrevista com pastores de igrejas batistas da região litorânea fluminense

Entende-se por jovens, membros da igreja entre 13 e 35 anos (adolescentes e jovens). É possível tornar-se membro de uma igreja batista antes dos 13 anos, há situações assim, mas, para a finalidade da pesquisa, entendeu-se que a tensão na concepção da liturgia acontece entre as gerações de jovens e adultos.

Outro fator relevante é o econômico. Num panorama da renda mensal estimada dos membros da igreja, constata-se que 55% das igrejas têm como membros pessoas que vivem com uma renda abaixo de R\$ 1.000,00, em 40% das igrejas, a membresia vive com uma renda mensal estimada entre R\$ 2.000,00 e R\$ 1.000,00, e, em 5% das igrejas, a membresia vive com uma renda entre R\$ 4.000,00 e R\$ 2.000,00.

Predomina nas igrejas batistas litorâneas fluminenses pessoas que sobrevivem com menos de R\$ 1.000,00 mensais, com presença menor daqueles que, no máximo, possuem até o dobro desse valor. É praticamente certo que nestas igrejas

haja presença de pessoas que tenham um rendimento mensal acima desses limites, mas, são insignificantes para uma representação percentual.

Uma vez que a realidade financeira da maior parte das igrejas é baixa, não há condições para manter um pastor e um ministro de música¹³⁶ remunerados, com isso, se reflete de imediato um resultado na confecção da liturgia.¹³⁷

A ausência de um ministro de música logo evidencia possíveis problemas na vivência litúrgica. A formação de um ministro de música, que aconteceu em seminário da denominação, no chamado curso de Música Sacra, tem a mesma duração da formação pastoral em Teologia.

O ministro de música estuda, além das matérias da área musical, assuntos teológicos, ministeriais, eclesiásticos e litúrgicos, em especial. Nos seminários denominacionais, o futuro ministro de música aprende sobre como fazer uma liturgia, elementos básicos e propósito do culto cristão.

As perguntas seguintes se preocupam com o que pode ser chamado de “pré-culto”.

Questionados sobre quem elabora a liturgia em suas igrejas, os pastores afirmaram que:

<i>Quem faz a ordem de culto?</i>	<i>Igrejas Entrevistadas</i>
Pastor	38%
Ministro de Música	25%
Equipe de Liturgia ¹³⁸	8%
Outros	29%

Fonte: Entrevista com pastores de igrejas batistas da região litorânea fluminense

O quadro acima demonstra a situação da presença reduzida de ministros de música. Por outro lado, nem todos os pastores, pelo envolvimento nas outras áreas ministeriais, dedicam tempo prioritário à preparação da liturgia.

¹³⁶ Entenda-se, neste caso, como sendo uma pessoa responsável pela coordenação de todas as atividades musicais da igreja e da preparação das liturgias, de tempo integral. É preciso considerar também o caso de pessoas que assumem a função voluntariamente. Uma situação comum nas igrejas batistas alvo dessa pesquisa.

¹³⁷ Entre os batistas chamada de ordem de culto.

¹³⁸ Um grupo que se reúne para elaborar a liturgia ou que delega entre si tal elaboração.

Em muitas igrejas, a liturgia é feita pela pessoa que dirigirá o culto. É algo que nasce isolado, ao “sabor do momento” do chamado dirigente do culto.

50% das igrejas têm a ordem de culto impressa no boletim. Isso não quer dizer que as demais não possuam uma ordem, mas, esta não vem impressa.

Sobre o culto em si, os resultados foram os seguintes:

No canto congregacional, 92% das igrejas utilizam o Cantor Cristão,¹³⁹ 32% utilizam o Hinário Para o Culto Cristão¹⁴⁰ e 92% utilizam os cânticos avulsos.¹⁴¹

Além do canto congregacional, as igrejas informaram sobre as participações nos seus cultos coletivos, como segue:

<i>Participação na Liturgia</i>	<i>Igrejas Entrevistadas</i> ¹⁴²
Solista	98%
Conjunto	74%
Banda de Cânticos	90%
Grupo de Coreografia	38%
Coral	58%
Quarteto	23%
Orquestra	6%

Fonte: Entrevista com pastores de igrejas batistas da região litorânea fluminense

Do questionário constou uma questão de classificação, onde os pastores responderiam sobre o estilo de culto da sua igreja, denominando-o como solene, tradicional, contemporâneo ou livre.¹⁴³

¹³⁹ “Cantor Cristão é o nome que Salomão Ginsburg deu a uma pequena coletânea de cânticos, dezesseis ao todo, publicada em Pernambuco, em 1891. Novas edições se sucederam, sempre ampliadas. Em 1924 publica-se a primeira edição com música. Em 1971 surge a quarta edição com música, ampliada e documentada. A 36ª edição do Cantor Cristão contém 581 cânticos, alguns de produção mais recente. (...) A maioria dos trabalhos publicados no Cantor Cristão (525) são de autoria de missionários.” (MONTEIRO, Simeide Barros. *O Cântico da Vida – análise e conceitos fundamentais expressos nos cânticos das igrejas evangélicas no Brasil*. São Bernardo do Campo: Aste, 1991, p. 28).

¹⁴⁰ Hinário adotado pela Convenção Batista Brasileira, lançado no ano de 1991. Parte do seu repertório vem do próprio Cantor Cristão, com linguagem atualizada. Também foram incluídas composições já conhecidas e utilizadas pelas igrejas, como o clássico “Tu És Fiel, Senhor”, e novas composições, algumas, inclusive, com características musicais brasileiras.

¹⁴¹ São músicas diversas avulsas, compostas, geralmente, por pessoas que atuam com bandas musicais e dirigem o canto nos cultos. Não são necessariamente composições de batistas e nem estão ligadas a determinada coletânea ou hinário.

¹⁴² Resultados não acumulativos.

Foi oferecida a seguinte panorâmica de orientação para a classificação: (a) o culto solene é aquele em que o coro veste becas, o oficiante usa terno escuro e o culto não tem partes anunciadas, pois tudo está no boletim. A hora de sentar e levantar estão designadas por asterisco no boletim. Tudo está determinado e não há variações. Canta-se Cantor Cristão e HCC.

(b) O culto tradicional é diferente do anterior pelo fato de haver uma ordem de culto preparada, mas, não conta com tanta rigidez. Há coros com becas, há hora de sentar e levantar, mas, há mais personalidade no culto. Cantam-se Cantor Cristão e HCC. Cantam-se cânticos, mas com regência e não com equipes ou bandas.

(c) No culto contemporâneo há uma ordem de culto, não necessariamente impressa. Cantam-se cânticos, com participação de bandas e equipes, geralmente de jovens. Cantam-se hinos do Cantor Cristão e do HCC, pelo menos uma vez no culto. Há participação de coros, conjuntos e grupos coreográficos.

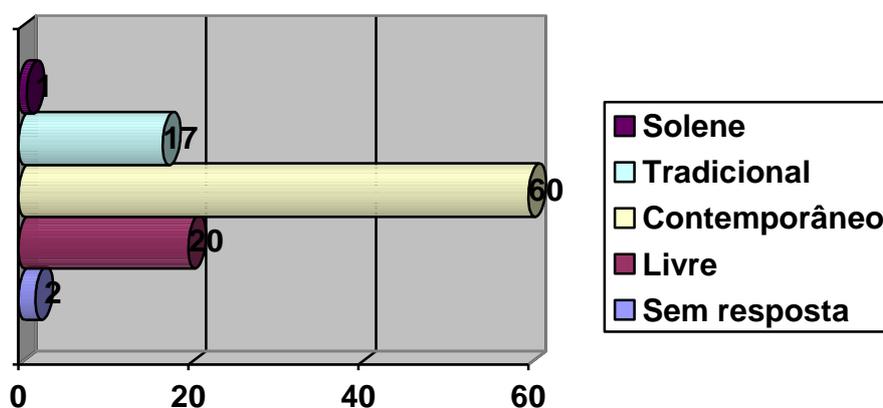
(d) O culto livre possui uma ordem não impressa no boletim. Cantam-se cânticos, com participação de bandas e equipes. Há participação de grupos coreográficos, conjuntos e solistas.

É importante ressaltar que mesmo com estas orientações, alguns pastores assinalaram a classificação tradicional pelo fato de, entre os batistas, esta nomenclatura ser aplicada às igrejas que estão fiéis às doutrinas da denominação na prática litúrgica. Por isso, com base nas demais respostas, foi possível a este autor perceber o estilo de culto das igrejas e fazer uma classificação a partir desta percepção.

Inicialmente, seguem os resultados originais da pesquisa:

¹⁴³ O autor tomou por empréstimo a classificação de Isaltino Gomes Coelho Filho.

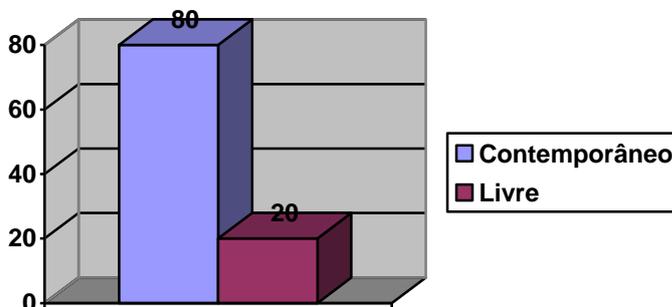
Estilo de Culto 1



Fonte: Entrevista com pastores de igrejas batistas da região litorânea fluminense

Respaldo pelas demais respostas do questionário, pode-se fazer, seguindo com rigor a panorâmica da classificação apresentada, a seguinte classificação:

Estilo de Culto 2



Fonte: Entrevista com pastores de igrejas batistas da região litorânea fluminense

O predomínio no campo litorâneo fluminense é de liturgia no etilo contemporâneo. Inicialmente, nenhum problema, mas, a possibilidade desse estilo ser influenciado pelo neopentecostalismo é enorme.

São ausentes, na interpretação conforme a classificação oferecida, os estilos solene e tradicional. A presença dos cânticos avulsos, advindo de diversos matizes doutrinários, é uma realidade em 100% das igrejas entrevistadas.

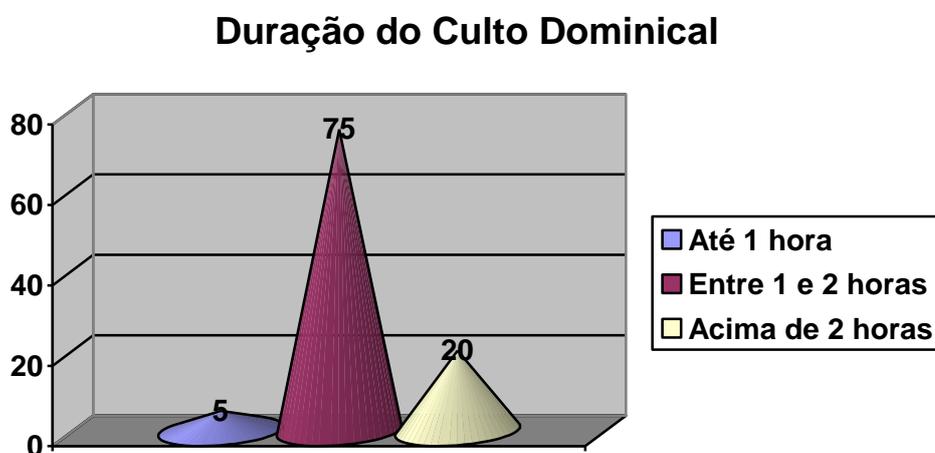
Incluir na liturgia cânticos avulsos, de igual forma, não é o problema; trata-se de uma realidade irreversível. A questão é a seleção de cantos. Aí reside o perigo. Canta-se o que está na mídia, não necessariamente o que se crê, o que identifica a comunidade batista.

Em comunidades mais conservadoras, a música é geradora de conflitos entre gerações. A juventude prefere os cânticos, os idosos, os hinos históricos. O equilíbrio musical é uma penosa arte para a liderança.

Faz-se necessário ressaltar que também há hinos históricos com problemas doutrinários, mas, em escala infinitamente menor em relação aos cânticos avulsos. Até porque o hinário histórico está “fechado” e nascem cânticos avulsos quase que diariamente.

Questões sobre a logística do culto:

Quanto à duração do culto dominical, a realidade é a seguinte:

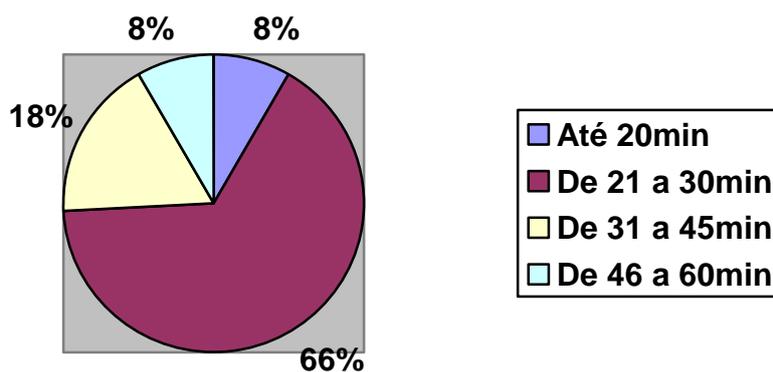


Fonte: Entrevista com pastores de igrejas batistas da região litorânea fluminense

A maioria absoluta das igrejas tem o tempo de duração de culto semelhante. Considerado uma média, ou seja, uma hora e meia de culto, como estaria dividida a liturgia? Que partes ganham mais evidência? Os próximos dados ajudam a responder.

Sobre a duração do tempo da mensagem, momento da proclamação, quando, geralmente o pastor, lê um texto bíblico e faz considerações e explicações a partir dele, temos:

Duração da Mensagem

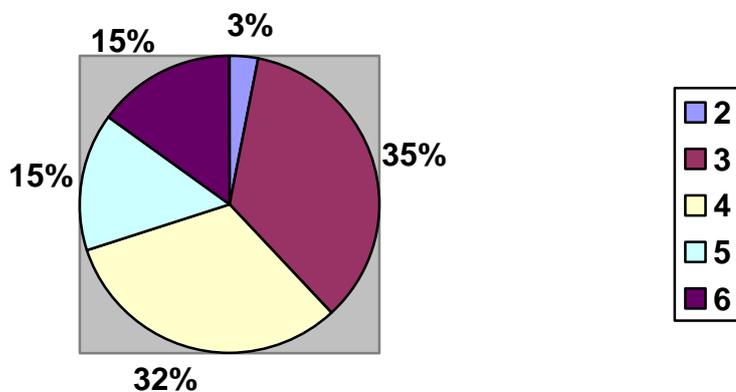


Fonte: Entrevista com pastores de igrejas batistas da região litorânea fluminense

Na maioria das igrejas, então, 1/3 do tempo médio do culto é ocupado pela mensagem. Logo, 2/3 ocupam as outras partes, com predomínio musical.

Já foi destacado que nas igrejas batistas o canto congregacional também é composto por cânticos avulsos. Num culto, as igrejas variam em quantidade de cânticos:

Quantidade de Cânticos Num Culto

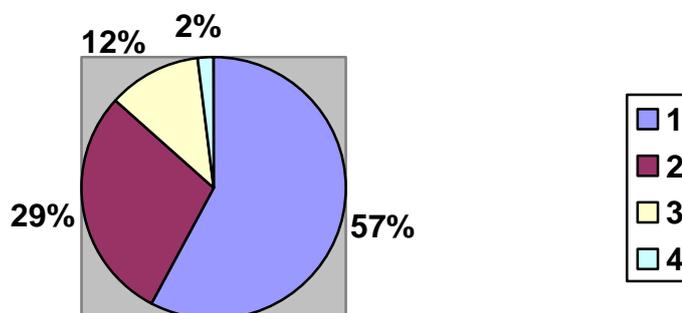


Fonte: Entrevista com pastores de igrejas batistas da região litorânea fluminense

O quadro acima reforça a afirmação de que o cântico avulso é uma realidade irreversível. Em 97% das igrejas, são cantados no mínimo três cânticos num culto. Pelo quadro, também percebeu-se que em nenhuma igreja há ausência de cântico avulso. Há a presença de pelo menos dois deles em 3%.

Quanto aos hinos, incluindo o Hinário Para o Culto Cristão, mas, com predominância do Cantor Cristão, o panorama por culto é o seguinte:

Quantidade de Hinos Num Culto



Fonte: Entrevista com pastores de igrejas batistas da região litorânea fluminense

Percebe-se, claramente, que os cânticos são preferidos em relação aos hinos (o que será evidenciado no próximo quadro). Deve-se levar em conta, também, que é muito mais fácil a maioria das igrejas ter músicos que saibam tocar os cânticos, em bandas, do que músicos habilitados para tocar os hinos, na maioria das vezes executados ao piano, dependente de sólida formação em teoria musical.

Em muitas comunidades, os cânticos são executados com uma banda, composta de, pelo menos, três instrumentos (guitarra, baixo e bateria). Os hinos são cantados à capela, sendo menos atrativos e ficando até mesmo lentos e desanimados.

Outro dado encontrado pelas informações de hinos e cânticos:

<i>Músicas no Culto</i>	<i>Igrejas Entrevistadas</i>
Mais cânticos que hinos	69%
Mesmo número de cânticos e hinos	28%
Somente cânticos	3%
Somente hinos	0%
Mais hinos que cânticos	0%

Fonte: Entrevista com pastores de igrejas batistas da região litorânea fluminense

Volta a questão: pode ser que a presença de mais cânticos num culto não esteja ligada exclusivamente à preferências, mas, também, à escassez de músicos para a execução dos hinos. É um fato a se considerar, mas, por si só, não justifica os dados.

A direção do culto em 25% das igrejas é exercida pelo pastor. Em 75% são os membros quem dirigem.

Em 42% das igrejas a ordem de culto é preparada de acordo com o tema da mensagem, por conseguinte, em 58% não é esta realidade.

Com um mesmo percentual, 42% possuem todos os elementos do culto ligados por um único assunto ou tema. Nas demais, as participações são isoladas quanto ao conteúdo.

Das igrejas entrevistadas, 96% realizam culto evangelístico com apelo e todas realizam cultos para estudo bíblico e doutrina.

Serão oferecidas tabelas que mostrarão a natureza, a ênfase dos cultos, de acordo com o dia e horário dos mesmos:

<i>Culto Dominical da Manhã</i>	<i>Igrejas Entrevistadas</i> ¹⁴⁴
Doutrinário	96%
Estudo Bíblico	20%
Evangelístico	2%

Fonte: Entrevista com pastores de igrejas batistas da região litorânea fluminense

<i>Culto Dominical da Noite</i>	<i>Igrejas Entrevistadas</i> ¹⁴⁵
Doutrinário	12%
Estudo Bíblico	2%
Evangelístico	99%

Fonte: Entrevista com pastores de igrejas batistas da região litorânea fluminense

¹⁴⁴ Resultados não acumulativos, pelo fato de que poderiam ser marcadas mais de uma opção.

¹⁴⁵ Resultados não acumulativos, pelo fato de que poderiam ser marcadas mais de uma opção.

<i>Culto no Meio da Semana</i>	<i>Igrejas Entrevistadas</i> ¹⁴⁶
Oração	72%
Doutrinário	54%
Estudo Bíblico	50%
Evangelístico	2%

Fonte: Entrevista com pastores de igrejas batistas da região litorânea fluminense

Além dessas modalidades de culto, os pastores também foram questionados sobre a realização do chamado “culto jovem”. São cultos preparados para atingir o público jovem e ser desenvolvido numa linguagem reconhecida como própria para este segmento, além da participação direta da juventude na direção e na proclamação da mensagem na maioria das vezes. 48% afirmaram realizar tais cultos em suas igrejas.

Numa perspectiva de orientação litúrgica, o próximo quadro traz a seguinte realidade:

<i>Calendário Para os Cultos</i>	<i>Igrejas Entrevistadas</i> ¹⁴⁷
Seguem um Calendário Litúrgico	22%
Não seguem um Calendário Litúrgico	78%
Seguem o Calendário Denominacional	96%
Não seguem o Calendário Denominacional	4%

Fonte: Entrevista com pastores de igrejas batistas da região litorânea fluminense

4.2.

Entrevistas com Membros

No total de 84 entrevistados, os mesmos foram divididos pela idade:

¹⁴⁶ Resultados não acumulativos, pelo fato de que poderiam ser marcadas mais de uma opção.

¹⁴⁷ Resultados não acumulativos, pelo fato de que poderiam ser marcadas mais de uma opção.

<i>Idade</i>	<i>Entrevistados</i>
Até 18 anos	13%
19 a 35 anos	45%
36 a 64 anos	39%
A partir de 65 anos	3%

Fonte: Entrevista com membros de igrejas batistas da região litorânea fluminense

A pesquisa revelou o seguinte panorama de escolaridade:

Grau de Escolaridade



Fonte: Entrevista com membros de igrejas batistas da região litorânea fluminense

Foram entrevistadas pessoas que não possuem funções diretas na igreja, bem como aqueles que exercem liderança no culto, como: dirigentes, coralistas, solistas, instrumentistas, recepcionistas, conselheiros, entre outros.

Os entrevistados foram arguidos sobre o que sempre deve ter num culto e o que normalmente tem no culto das suas igrejas, chegando aos seguintes percentuais:

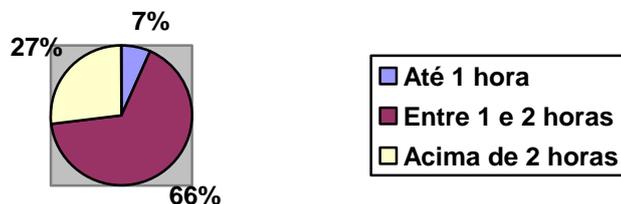
<i>Num Culto</i>	<i>O que deve ter?</i>	<i>O que tem frequentemente?</i>
Pregação	96%	99%
Oração	100%	96%
Cânticos	87%	98%
Apelo	73%	89%
Hinos do Cantor Cristão	52%	67%
Música Coral	47%	51%
Música Solo	45%	72%
Hinos do HCC	36%	35%
Conjunto Musical	32%	41%
Quarteto	12%	19%
Coreografia	18%	29%
Testemunho	11%	6%
Poesia	9%	8%
Palestra	7%	8%
Estudo	4%	2%
Jogral	4%	2%
Filme	0%	2%
Teatro	0%	1%

Fonte: Entrevista com membros de igrejas batistas da região litorânea fluminense

Como os resultados não foram acumulativos, foi possível perceber coisas interessantes através das respostas. A maioria esmagadora entende que deve haver pregação, oração e apelo, elementos bem corriqueiros nos cultos batistas. Mais uma vez, é comprovada a preferência dos cânticos avulsos aos hinos. Reafirma-se que essa preferência, por si só, não é problemática. Pode haver problema na seleção dos cânticos, pois são provenientes de diversos matizes doutrinários, como já se referiu anteriormente.

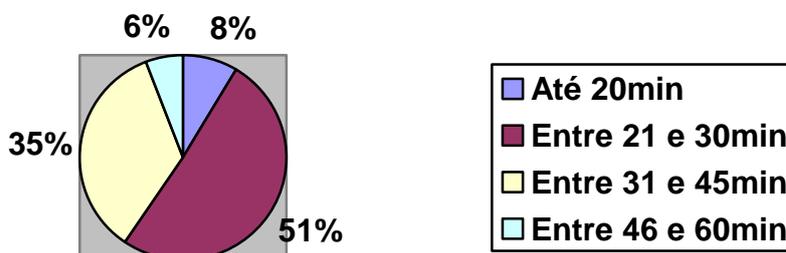
Foram feitas perguntas sobre duração de culto e mensagem e quantidade de hinos e cânticos, os entrevistados portaram-se da seguinte maneira:

Quanto Tempo Deve Durar um Culto?



Fonte: Entrevista com membros de igrejas batistas da região litorânea fluminense

Quanto Tempo é Suficiente para uma Mensagem?



Fonte: Entrevista com membros de igrejas batistas da região litorânea fluminense

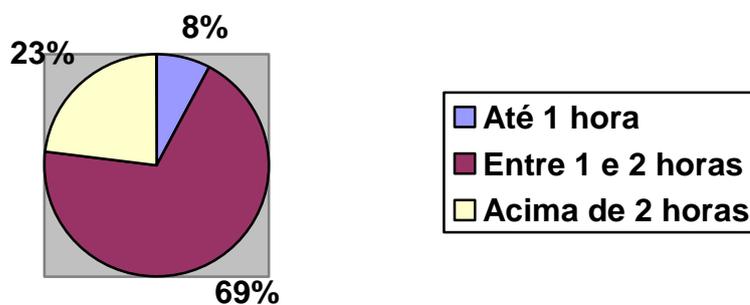
Para a maioria, o tempo do culto e da mensagem atingem boa medida, respectivamente, quando ficam entre 1 e 2 horas (estabelecendo-se 1 hora e 30 minutos como média) e entre 21 e 30 minutos. Isso revela o entendimento de que 1/3 do tempo do culto é suficiente para a exposição bíblica através da chamada “mensagem”. 2/3 desse tempo recebem outras influências diretas que não a do pastor, regra geral. Se foram 2/3 de cânticos avulsos, que tipo de conteúdo está ganhando espaço nas comunidades batistas através das letras desses cânticos?

<i>São Suficientes Num Culto</i>	<i>Cânticos</i>	<i>Hinos</i>
2	15%	5%
3	39%	48%
4	25%	31%
5	14%	2%
6	7%	1%
Sem Resposta	0%	13%

Fonte: Entrevista com membros de igrejas batistas da região litorânea fluminense

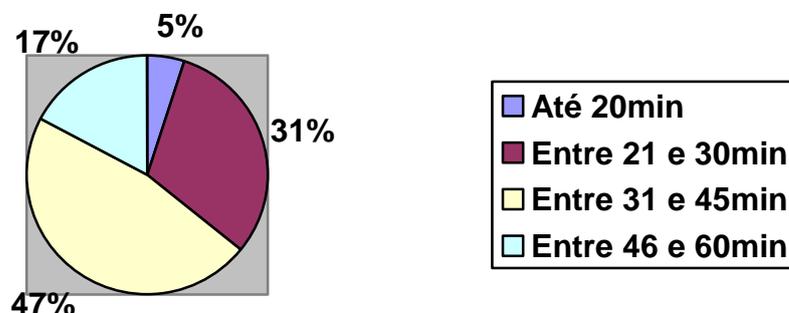
As mesmas perguntas foram direcionadas, agora, não mais visando as opiniões pessoais, mas, o que acontece nas igrejas. Eis os resultados:

Quanto Tempo, em Média, Dura um Culto na Sua Igreja?



Fonte: Entrevista com membros de igrejas batistas da região litorânea fluminense

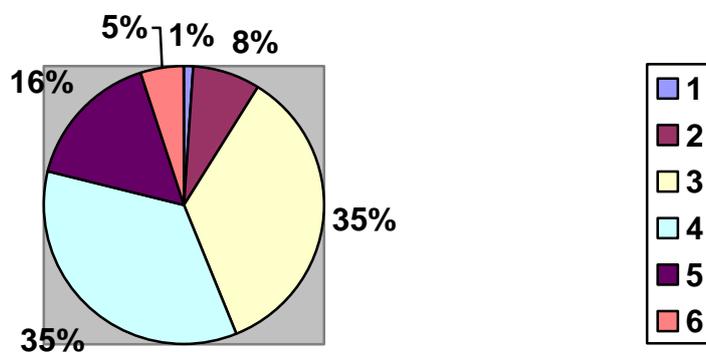
Quanto Tempo, em Média, Dura uma Mensagem na Sua Igreja?



Fonte: Entrevista com membros de igrejas batistas da região litorânea fluminense

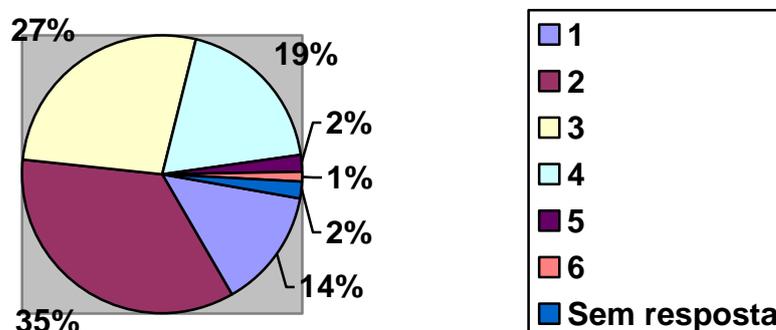
Sobre o tempo do culto, há uma certa semelhança entre o ideal do entrevistado e o que acontece em sua comunidade. Já sobre o tempo da mensagem, embora o ideal da maioria dos entrevistados seja entre 21 e 30 minutos, quase 50% das comunidades tem a chamada “mensagem” entre 31 e 45 minutos. Isso mostra que para a maioria dos entrevistados o tempo da mensagem pode diminuir.

Quantos Cânticos São Cantados?



Fonte: Entrevista com membros de igrejas batistas da região litorânea fluminense

Quantos Hinos São Cantados?



Fonte: Entrevista com membros de igrejas batistas da região litorânea fluminense

Os cânticos continuam sendo preferidos aos hinos. Pegando os índices da maioria, os cânticos ganham entre 3 e 4 por culto, enquanto os hinos entre 2 e 3.

É comum nas igrejas batistas o chamado “período de cânticos”. Geralmente, é um momento conduzido pela juventude, quando são entoados pela congregação cânticos avulsos. Sobre a duração desse período na percepção dos membros das igrejas tem-se:

<i>Período de Cânticos</i>	<i>Entrevistados</i>
Até 20 minutos	63%
Entre 21 e 30 minutos	28%
Entre 31 e 45 minutos	6%
Entre 46 e 60 minutos	0%
Sem Resposta	3%

Fonte: Entrevista com membros de igrejas batistas da região litorânea fluminense

Perguntados se acham necessário vir impressa a ordem de culto no boletim, 61% dos entrevistados disseram que sim, enquanto 39%, responderam não.

Após esta resposta, foram perguntados se na igreja deles a ordem de culto vinha impressa no boletim. 64% afirmaram vir e 36% disseram que não.

As respostas permitem observar que 12% dos entrevistados acham necessário que a ordem de culto venha impressa no boletim e em suas igrejas isso não acontece. Já para 15%, as suas igrejas trazem a ordem de culto impressa no boletim, mas, acham desnecessário que assim aconteça. Para 49% é necessário que venha impresso e assim acontece em suas igrejas. Para 23% não é preciso vir impresso e nas suas igrejas não vêm ordem de culto impressa no boletim.

40% dos entrevistados acham muito formal o culto em suas igrejas. Para 60%, essa não é a realidade.

Entretanto, 47% classificam os cultos das suas igrejas como tradicionais, 45%, como contemporâneos e 8%, como “avivado”.¹⁴⁸

Em 26% das igrejas quem dirige o culto são os pastores e em 74%, os dirigentes são os próprios membros da igreja, através de uma escala.

Os entrevistados foram questionados se a ordem do culto é de acordo com o tema da mensagem; 48% disseram que sim e 52%, que não.

Questionados se todos os elementos do culto estão ligados entre si, os entrevistados dividiram-se igualmente em responder que sim e que não. Em 50% das igrejas, portanto, na percepção dos próprios membros, as participações musicais, os cânticos congregacionais e o sermão caminham em direções distintas, quanto ao conteúdo, num mesmo culto.

A entrevista constou de uma pergunta sobre se a pessoa aprendia sobre a denominação batista, seus princípios e doutrinas, durante o culto. 54% disseram que aprendem. 44%, que não aprendem. 2% não expressaram opinião nesse item.

Aprender princípios e doutrinas numa celebração cúltica é essencial. Aqui se pode voltar ao entendimento da *lex orandi* e da *lex credendi*. A forma litúrgica precisa ser a forma da crença.

Sobre a preferência musical dos entrevistados, 38% expressaram gostar mais dos hinos, enquanto 62% preferem os cânticos.

Sobre a necessidade de dois cultos dominicais, um pela manhã e outro à noite, 5% responderam que não são necessários dois cultos, mas, para 95%, são necessários.

¹⁴⁸ O autor ofereceu estas três opções de respostas, visto que os entrevistados as compreendem bem, inclusive o termo “avivado”, que evidencia que a igreja está demonstrando influências litúrgicas neopentecostais, o que não implica, necessariamente, em práticas dessa natureza.

88% dos entrevistados afirmaram frequentar os dois cultos dominicais, 12% não frequentam. Isso evidenciou que 85% dos entrevistados acham necessário dois cultos por domingo e participam dos dois. 1% acha que não é necessário e não frequenta dois cultos. 9% acham necessário, mas não frequentam. 4% acham que não é necessário, mas frequenta.

Os cultos de meio de semana¹⁴⁹, são frequentados por 47% dos entrevistados. 53%, definitivamente, afirmaram não frequentar tais cultos.

4.3.

Entrevistas com Seminaristas

Também foram desenvolvidas entrevistas com seminaristas dos dois seminários de confissão batista na região litorânea fluminense, a saber: Seminário Teológico Ministerial Batista Litorâneo (STMBL) e Seminário Teológico Batista da Região dos Lagos (STBRLagos).

Foram obtidas 62 entrevistas dos seminaristas, sendo 38 do STMBL e 24 do STBRLagos. Os resultados das respostas das entrevistas dos alunos das suas instituições apresentaram diferenças insignificantes para fins de dados percentuais, razão pela qual serão apresentados de forma unificada, sem subdivisão entre as casas.

É interesse registrar que ambos os seminários não possuem nenhum vinculação com o MEC, oferecendo, portanto, um curso de Teologia livre, ou, simplesmente, ministerial.

No total de 62 entrevistados, os mesmos foram divididos pela idade:

<i>Idade</i>	<i>Entrevistados</i>
18 a 30 anos	48%
31 a 45 anos	39%
46 a 64 anos	10%
A partir de 65 anos	3%

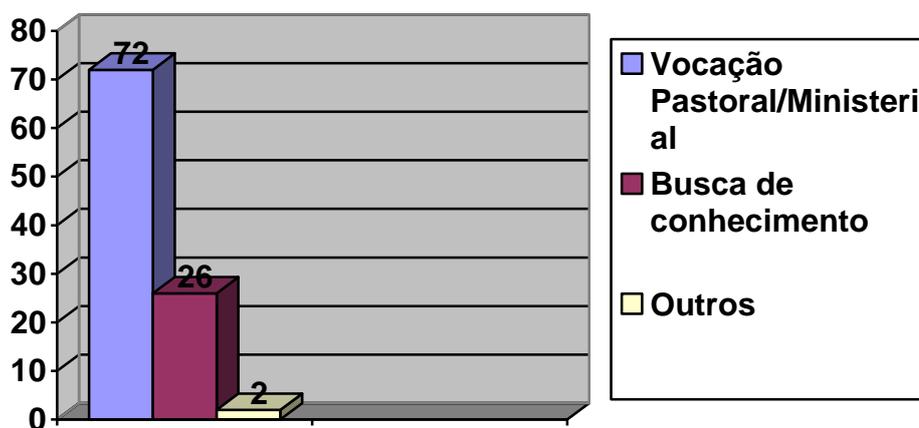
Fonte: Entrevista com alunos do STMBL e do STBRLagos

¹⁴⁹ Geralmente, nas igrejas batistas, acontece apenas um culto no meio da semana, na quarta ou quinta-feira. Pouquíssimas igrejas possuem dois cultos no templo durante a semana.

Praticamente a metade dos alunos são jovens, 48%. A ampla maioria, portanto, compreende 18 a 45 anos, 87%.

A pesquisa revelou o seguinte panorama sobre o propósito de se estar cursando Teologia:

Finalidade do Curso

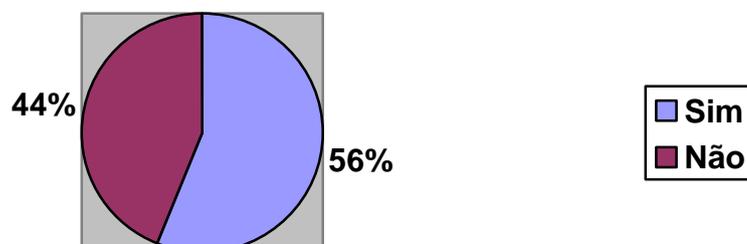


Fonte: Entrevista com alunos do STMBL e do STBRLagos

Esse dado é de suma importância, pois 74% dos alunos declararam possuir vocação pastoral, logo, a maioria desses alunos poderá liderar igrejas batistas na qualidade de pastores. A visão desses futuros pastores é indicativa das futuras ações ministeriais, especialmente, nessa pesquisa, no quesito liturgia.

Foram entrevistados alunos em diferentes períodos do curso, que, sendo perguntados se até o momento estavam encontrando no seminário todos os conhecimentos que foram buscar, assim se posicionaram:

Encontrou conhecimento que foi buscar no seminário?

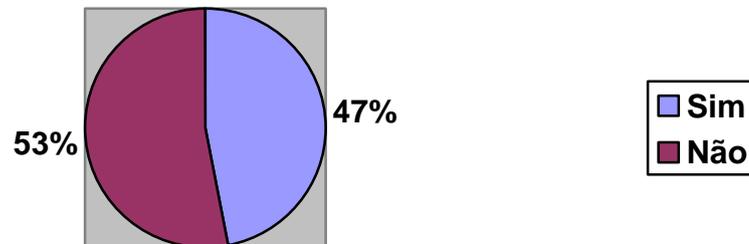


Fonte: Entrevista com alunos do STMBL e do STBRLagos

Sendo o seminário a casa de preparação para o exercício ministerial, o índice do quadro acima está preocupante. 44% não encontraram o conhecimento que foram buscar no seminário.

Considerando o aprendizado no seminário, os alunos foram questionados se estão se sentindo preparados para encarar o ministério pastoral batista na prática. As respostas revelam:

Se sente preparado, pelo seminário, para o ministério pastoral?

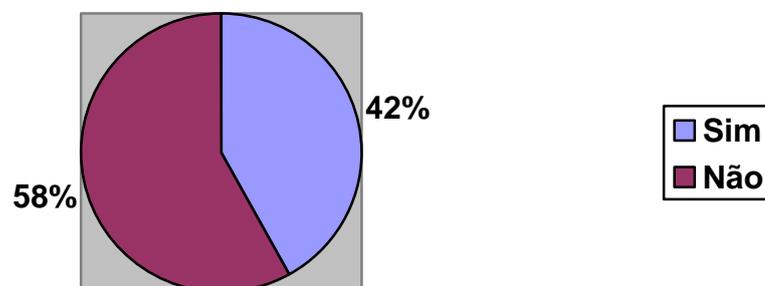


Fonte: Entrevista com alunos do STMBL e do STBRLagos

Esse é outro dado preocupante. É claro que o seminário sem a igreja não prepara o aluno para o exercício do ministério. Sem a igreja não é formado um pastor, mas, um seminário precisa preocupar-se com essa preparação satisfatória.

Pensando diretamente no tema da liturgia, os alunos dos seminários em e-pígrafe responderam se aprenderam sobre culto/liturgia batista (como fazer, conteúdo etc.). Assim se analisaram:

Aprenderam sobre culto/liturgia batista?

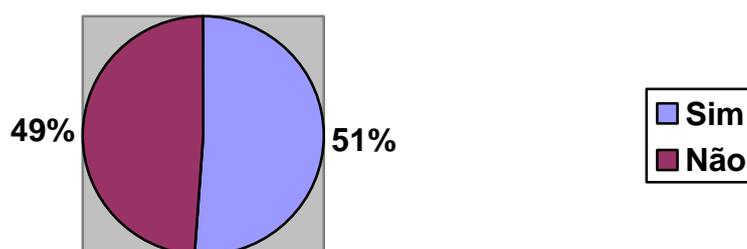


Fonte: Entrevista com alunos do STMBL e do STBRLagos

Essa falta de destaque ao aprendizado da liturgia nas salas acadêmicas “custa caro” ao ministério batista. Os dados revelam uma falha institucional na formação litúrgica dos futuros líderes das igrejas batistas. Falta o ensino litúrgico confessional, o “jeito litúrgico batista de ser”. Não há manuais litúrgicos, mas há uma “fé batista”, assunto já tratado anteriormente, cujo *link* se fez propício face aos dados.

Na mesma linha de raciocínio, os alunos responderam se receberam todas as instruções sobre princípios e doutrinas batistas (identidade batista).¹⁵⁰

Foram instruídos sobre princípios e doutrinas batistas (identidade batista)?



Fonte: Entrevista com alunos do STMBL e do STBRLagos

A questão da falta de priorização no ensino da identidade denominacional se repete. 49% se apresentam como não recebendo instrução de identificação batista.

Sobre o culto, propriamente dito, os alunos entrevistados se posicionaram sobre a atuação prioritária deles.

¹⁵⁰ O autor teve o zelo de fazer um levantamento dessa questão por período e, mais uma vez, os dados foram insignificantes em termos percentuais, sendo, assim, desnecessária a apresentação por período, uma vez que o resultado geral revela fielmente a situação dos alunos.

Atuação prioritária no culto



Fonte: Entrevista com alunos do STMBL e do STBRLagos

Os entrevistados foram arguidos sobre o que sempre deve ter num culto e o que normalmente tem no culto das suas igrejas, chegando aos seguintes percentuais:

<i>Num Culto</i>	<i>O que deve ter?</i>	<i>O que tem frequentemente?</i>
Pregação	100%	100%
Oração	100%	100%
Cânticos	94%	100%
Apelo	86%	94%
Hinos do Cantor Cristão	54%	84%
Música Coral	42%	64%
Música Solo	46%	79%
Hinos do HCC	57%	48%
Conjunto Musical	45%	56%
Quarteto	8%	15%
Coreografia	18%	32%
Testemunho	4%	8%
Poesia	3%	2%
Palestra	47%	14%
Estudo	86%	74%

Jogral	3%	11%
Filme	4%	6%
Teatro	36%	12%

Fonte: Entrevista com alunos do STMBL e do STBRLagos

Também entre os seminaristas, a preferência pelos cânticos avulsos é notória.

Foram feitas perguntas sobre duração de culto e mensagem e quantidade de hinos e cânticos, os entrevistados portaram-se da seguinte maneira:

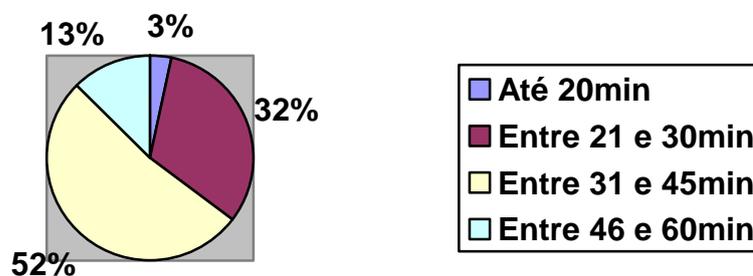
Quanto Tempo Deve Durar um Culto?



Fonte: Entrevista com alunos do STMBL e do STBRLagos

Para os seminaristas, o tempo de culto suficiente foi o mesmo da maioria dos membros das igrejas, na avaliação da maioria. Já o tempo da mensagem, foi acrescido como suficiente por 52% para entre 31 e 45 minutos. Entre os estudantes, a mensagem ganhou mais ênfase.

Quanto Tempo é Suficiente para uma Mensagem?



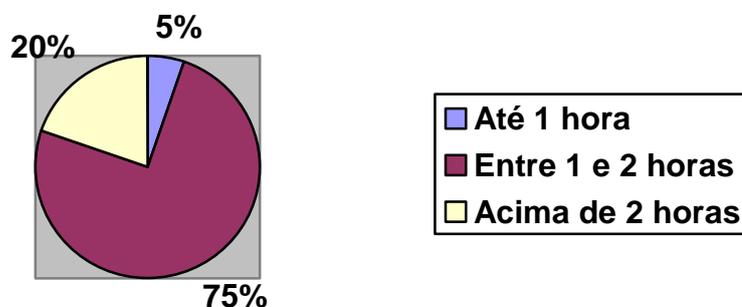
Fonte: Entrevista com alunos do STMBL e do STBRLagos

<i>São Suficientes Num Culto</i>	<i>Cânticos</i>	<i>Hinos</i>
1	0%	38%
2	22%	57%
3	57%	5%
4	17%	0%
5	4%	0%
6	0%	0%
Sem Resposta	0%	0%

Fonte: Entrevista com alunos do STMBL e do STBRLagos

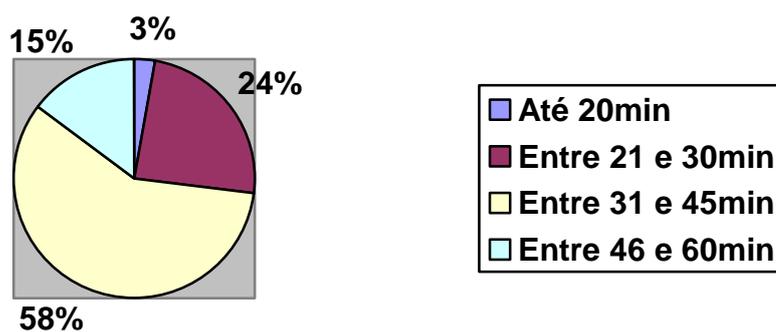
As mesmas perguntas foram direcionadas, agora, não mais visando as opiniões pessoais, mas, o que acontece nas igrejas. Eis os resultados:

Quanto Tempo, em Média, Dura um Culto na Sua Igreja?



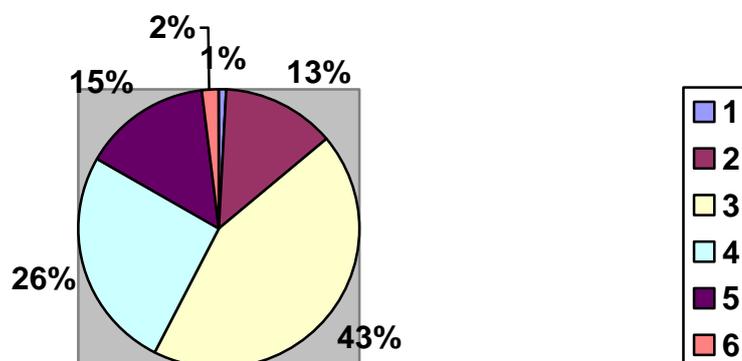
Fonte: Entrevista com alunos do STMBL e do STBRLagos

Quanto Tempo, em Média, Dura uma Mensagem na Sua Igreja?



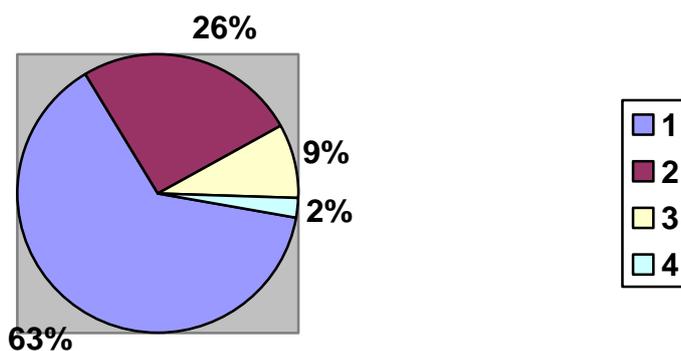
Fonte: Entrevista com alunos do STMBL e do STBRLagos

Quantos Cânticos São Cantados?



Fonte: Entrevista com alunos do STMBL e do STBRLagos

Quantos Hinos São Cantados?



Fonte: Entrevista com alunos do STMBL e do STBRLagos

Os dados acima revelaram os acontecidos nas igrejas dos seminaristas. O último quadro, sobre os hinos cantados, teve diferença da opinião dos membros

em geral, pois 63% dos vocacionados responderam que nas suas igrejas é cantado apenas um hino por culto.

Duração do “período de cânticos” segundo os seminaristas:

<i>Período de Cânticos</i>	<i>Entrevistados</i>
Até 20 minutos	79%
Entre 21 e 30 minutos	18%
Entre 31 e 45 minutos	3%
Entre 46 e 60 minutos	0%

Fonte: Entrevista com alunos do STMBL e do STBRLagos

Perguntados se acham necessário vir impressa a ordem de culto no boletim, 73% dos entrevistados disseram que sim, enquanto 27%, responderam não.

Após esta resposta, foram perguntados se na igreja deles a ordem de culto vinha impressa no boletim. 57% afirmaram vir e 43% disseram que não.

56% dos entrevistados acham muito formal o culto em suas igrejas. Para 44%, essa não é a realidade.

58% classificam os cultos das suas igrejas como tradicionais, 40%, como contemporâneos e 2%, como “avivado”.¹⁵¹

Em 34% das igrejas quem dirige o culto são os pastores e em 66%, os dirigentes são os próprios membros da igreja, através de uma escala.

Os entrevistados foram questionados se a ordem do culto é de acordo com o tema da mensagem; 32% disseram que sim e 68%, que não.

Questionados se todos os elementos do culto estão ligados entre si, 78% dos entrevistados disseram que não e 22%, sim. Portanto, na percepção da maioria dos seminaristas, as participações musicais, os cânticos congregacionais e o sermão caminham em direções distintas, quanto ao conteúdo, num mesmo culto.

A entrevista constou de uma pergunta sobre se a pessoa aprendia sobre a denominação batista, seus princípios e doutrinas, durante o culto. 52% disseram que aprendem. 48%, que não aprendem.

¹⁵¹ O autor ofereceu estas três opções de respostas, visto que os entrevistados as compreendem bem, inclusive o termo “avivado”, que evidencia que a igreja está demonstrando influências litúrgicas neopentecostais, o que não implica, necessariamente, em práticas dessa natureza.

Sobre a preferência musical dos entrevistados, 41% expressaram gostar mais dos hinos, enquanto 59% preferem os cânticos.

Sobre a necessidade de dois cultos dominicais, um pela manhã e outro à noite, 3% responderam que não são necessários dois cultos, mas, para 97%, são necessários.

96% dos entrevistados afirmaram frequentar os dois cultos dominicais, 4% não frequentam.

Esses dados, entre “oficiais” e “informais”, evidenciam uma realidade da prática de culto nas igrejas batistas litorâneas fluminenses, com suas peculiaridades de estilo musical, de sermão e de prática litúrgica como um todo, observando também a sua parte teórica e metodológica, que envolvem os recursos pessoais e materiais.

5.

Verso um Culto Cristológico: linhas teológico-práticas para as igrejas batistas litorâneas fluminenses

Com base nas pesquisas que geraram os capítulos anteriores, algumas conclusões teológico-práticas serão apresentadas visando contribuir com as igrejas batistas litorâneas fluminenses.

Há questões que precisam ser revistas a respeito do culto batista. É urgente detectar e repensar as influências daninhas neopentecostais na liturgia batista. A lógica do culto neopentecostal, baseado no clientelismo, ou seja, o cristão é um cliente que consome “serviços litúrgicos”, fere frontalmente o sentido da centralidade cristológica do culto.

A liturgia precisa refletir a identidade da crença. Desde o início, tem sido esclarecido que há pontos positivos na liturgia (neo)pentecostal, como a participação mais acentuada da comunidade no culto, com mais oportunidades para testemunhos, por exemplo. Mas, a parte que mais tem influenciado no esvaziamento da centralidade cristológica é a adoção de um estilo litúrgico livre, dominado pelo “louvorzão”, cantando o que está na mídia, independente de conteúdo.

Trazendo à baila mais uma vez o princípio batista da autonomia da igreja local, pode-se ver que o mesmo, embora tão valioso, acaba contribuindo para tamanha diversidade litúrgica. A diversidade é saudável, desde que não comprometa a crença. A “fé batista litúrgica” precisa ser evidente no culto. É uma questão de conteúdo, não de forma. Entender esse ponto tão importante como forma é reduzi-lo injustamente.

Por outro lado, tais questões acabam por não ser tratadas, até mesmo pela falta de preparado continuado dos pastores e o quase total desinteresse pelo tema da liturgia. É o refrão “liturgia é coisa de católico” que acaba ganhando eco e atrapalhando o amadurecimento do assunto por parte da liderança pastoral.

Liturgia não é brincadeira. Culto não é um momento banal. O que acontece nele é de suma importância, é vital para a comunidade. Na liturgia a igreja vive a doutrina, a teologia que “faz sentido” para a fé.

Quando os próprios batistas abrem mão do preparo continuado na área litúrgica, abrem espaço para as demais denominações, majoritariamente as neopentecostais, entrarem com suas literatutras de mercado.

Os batistas carecem da cultura litúrgica. O povo batista precisa aprender a se dedicar ao tema, para se evitar desastres terríveis, como igrejas batistas que se dividem por questões de desvios doutrinários vistos nas práticas litúrgicas. Essas igrejas, uma vez divididas, acabam ficando com o patrimônio nas mãos daqueles que de batistas só possuem o nome na fachada do prédio.

São três fatores que não podem ser menosprezados: falta de preparo continuado, literatura de mercado e influência litúrgica neopentecostal. Tratar esses fatores como inofensivos e temporários já tem feito estragos na identidade denominacional batista e continuarão a fazer, se não forem tomadas ações para solucionar essa apatia denominacional ao tema da liturgia.

Os batistas são primorosos com sua cristologia, razão pela qual não podem permitir que os cultos sofram de esvaziamento de centralidade cristológica. A denominação não pode ser impecável na cristologia dos livros e empobrecida na centralidade cristológica dos cultos, pois, vale a pena repetir, a “teologia que faz sentido” para a comunidade é aquela aprendida, vivida e celebrada na liturgia.

Esse empobrecimento litúrgico gera consequências no entendimento correto do mistério pascal e na economia da salvação. Há elementos essenciais ao culto cristão, como Eucaristia e Palavra, e, uma vez esquecidos, geram prejuízos que podem ser irreparáveis à liturgia genuinamente cristã.

Este autor é batista por convicção e amor. Suas críticas não refletem o desejo de “atirar pedras”, mas de contribuir para uma reflexão que gere resultados práticos que encham o culto de centralidade cristológica, numa vivência profunda do mistério pascal centrado na economia da salvação, numa celebração real de Eucaristia e Palavra, como um binômio indissociável à liturgia cristã de confissão batista.

Um culto esvaziado de centralidade cristológica pode levar a comunidade de fé a celebrar uma farsa, a viver um ritualismo vazio de sentido, carente de objeto. É por entender, experiencial e apaixonadamente, o valor da comunidade batista e querer contribuir com ela que este capítulo se destina à apresentação de algumas propostas para a liturgia das igrejas batistas.

O resgate da centralidade cristológica no culto é um ideal plenamente possível. A questão não é de toda perdida no contexto batista, bastam ser cortadas as influências negativas. Na verdade, outras denominações evangélicas históricas e a Igreja Católica também são passíveis aos mesmos problemas litúrgicos. Inclusive, a realidade batista litorânea fluminense pode ser estendida ao Brasil batista, pois não tem sido diferente noutras regiões do país.

A resposta à questão, a proposta que leva ao resgate versa, exatamente, por um culto cristológico. O objetivo da tese não é criar um manual litúrgico, um *vade mecum*, uma receita pronta. A finalidade é que cada pastor, cada igreja, ao pensar no culto, ao preparar a liturgia, entenda que há elementos essenciais para que o culto seja genuinamente cristão. É o entendimento da preparação do culto como um fazer teológico de suma importância.

Que características possui um culto cristológico? Quais elementos são fundamentais para que a celebração da comunidade da fé transcorra com a devida centralidade cristológica? O que, portanto, é necessário para um culto verdadeiramente cristológico?

5.1.

Apresentação do Deus de Jesus Cristo

O culto cristão é aquele que apresenta Deus a partir de Jesus Cristo. A igreja lê as Escrituras através de Jesus Cristo. O foco, o ponto de partida é o Pai, na mediação de Jesus. A face de Deus é a face de Jesus Cristo e isso precisa ser uma realidade no culto. Adora-se o Deus de Jesus Cristo. É a Ele que a comunidade de fé presta culto.

A igreja é cristã e não judaica, por exemplo. O culto não tem por finalidade apresentar o Deus de Abraão, embora seja uma personagem de profundo valor para o povo de Deus. O alvo é ler Deus lendo Jesus Cristo. Esse cuidado será um passo fabuloso para manter a centralidade cristológica do culto.

5.1.1.

Ênfase nos feitos de Deus como resposta cúltica ao Deus de Jesus Cristo

As pesquisas mostraram que os membros das igrejas entendem que num culto deve ter mensagem. É a proclamação das ações de Deus em Cristo, por isso, propõe-se enfatizar os feitos de Deus na liturgia como resposta cúltica ao Deus de Jesus Cristo.

O culto cristão é o momento sublime da comunidade e nele a ênfase deve estar nos feitos de Deus. É em torno dele que uma comunidade se reúne. Culto é uma resposta coletiva à essência e aos feitos divinos. É a atitude consciente e reverente daqueles que se rendem diante do Sagrado em sincera adoração.

Dentre as palavras originais usadas para traduzir “culto”, quero mencionar as duas mais comuns. A primeira palavra usada no Novo Testamento é “Latreia”. Ocorre 21 vezes no NT e é a mesma palavra usada na LXX, correspondente ao termo hebraico. Das 21 vezes do NT, 8 estão em Lucas, 6 em Mateus, 4 nos escritos de Paulo e 2 em Apocalipse. Três dos casos provêm diretamente do VT (Mateus 4.10; Lucas 4.8; Atos 7.7). A segunda palavra é “Proskunéo”, que quer dizer: “prestar reverência, prestar obediência, prestar homenagem”. O sentido é que a pessoa se prostra ou se curva para reverenciar. A melhor tradução para esta palavra é “adorar”. É exatamente esta palavra que é usada no texto de João 4.22-24 na conversa de Jesus com a mulher samaritana. O ato, na Bíblia pode ser usado tanto para Deus como para homens, como reis e autoridades superiores. Na opinião dos melhores estudiosos originais da Bíblia, o conceito de culto não se refere aos participantes, mas a Deus somente. O sentido, portanto, é que culto não é mera reunião para satisfazer à assistência, mas algo que se dirige para Deus. E o conceito do Novo Testamento cabe perfeitamente no conceito do Velho Testamento, uma vez que Pedro diz que nós somos o “sacerdócio santo” (1 Pedro 2.5,9).¹⁵²

Uma forma para ajudar principalmente o pastor, na qualidade de líder da comunidade e principal responsável pela elaboração e execução da liturgia, é a observação do calendário litúrgico que, na linguagem de White, “é a base para a maior parte do culto cristão”.¹⁵³

Embora as igrejas batistas não sigam o calendário litúrgico, ele traz, nos ciclos da Páscoa, Comum e Natal, os eventos cristãos. De forma adaptada, ele pode ser utilizado pelos batistas. Isso não compromete a identidade denominacio-

¹⁵² FERREIRA, Damy. *Teologia do Louvor*. Rio de Janeiro: Horizontal, 2004, p. 33.

¹⁵³ WHITE, James F. *Introdução ao Culto Cristão*. Trad. Walter Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, 1997, p. 37.

nal, uma vez que os eventos cristãos também dizem respeito ao povo chamado batista.

Obviamente que se pode trabalhar além dos temas apresentados pelo calendário litúrgico. A sugestão não é um engessamento em torno do calendário, mas, a partir dele construir propostas litúrgicas para o culto. É uma forma prática de enfatizar os feitos de Deus pelo seu povo ao longo da história.

Sendo a liturgia centrada nos feitos de Deus, ela, automaticamente, centralizar-se-á na pessoa de Cristo Jesus, que é a revelação plena do próprio Deus.

Na liturgia, encontro festivo da família de Deus, a festa gira em torno de Cristo. Ele é o centro da celebração. A pessoa dele e sua obra de salvação. Porque Cristo é o centro da liturgia, a celebração recorda tudo o que ele viveu e realizou com a grande finalidade de salvar a humanidade, tornando a todos filhos de Deus. A liturgia celebra a preparação da vinda de Cristo ao mundo, seu nascimento entre nós, sua vida de infância e juventude. Sua vida de operário em Nazaré e de pregador do Reino de Deus na Palestina toda. Celebra suas palavras e seus milagres que nos revelaram a bondade infinita do Pai, especialmente sua morte, ressurreição, ascensão e envio do Espírito Santo. (...) Facilmente a liturgia é entendida como ato de culto, realizado num recinto sagrado – templo – sem ligação com a vida que precedeu e igualmente sem conseqüências na vida que o segue. O culto cristão, porém, brota da vida de união com Cristo. Amplia esta mesma união com ele, tornando mais claras as exigências práticas para quem quer segui-lo com autenticidade. A liturgia é expressão da vida toda. A vida, por outro lado, é uma liturgia, ou seja, uma forma constante de louvor a Deus. (...) A liturgia é a celebração da vida. Não de qualquer vida, mas da vida em Cristo. Por isso, na liturgia celebramos a contínua presença de Deus em nossa existência e nosso esforço diário por construirmos nossa história à luz dos critérios e valores do Evangelho.¹⁵⁴

O culto cristão é, portanto, um aprendizado. Por mais que se participe de vários cultos, cada momento é sempre novo. Sempre há algo para se aprender numa celebração litúrgica que enfatize a Jesus Cristo.

Konings chega a atribuir à prática litúrgica um tom de mistério. Não há como dominar o Sagrado. Mesmo “mergulhados” nele, por Jesus Cristo, sempre haverá mistério, isso quer dizer, que prossegue a interminável busca pelo conhecimento da essência e dos feitos divinos.

Toda vivência litúrgica deve ser vivência de mistério, participação de uma realidade inefável que nos envolve, mas que não é uma ilusão. O feto não vê o útero da mãe (não o pode “objetivar”), mas quem dirá que o útero é uma ilusão para o feto? Assim é o mistério de Deus: não o podemos objetivar, mas estamos dentro dele. E a religião é o caminho específico do homem para cultivar a consciência desse mistério. Digo, o caminho: não pode ser substituído por nenhum outro (ciência natural, psicologia, sociologia, cultural, nem mesmo a moral). A liturgia

¹⁵⁴ VALENTINI NETO, Antônio. *Liturgia: fonte vital da comunidade*, p. 15,18-19,20.

deve, portanto, cultivar e cultuar o mistério, a realidade de Deus que nos envolve e que não podemos reduzir a uma teoria.¹⁵⁵

Dentre as vantagens da observação dos eventos cristãos expostos no calendário litúrgico, está a garantia de se reviver anualmente a epopéia da salvação. É a história do Deus que se fez homem pelo resgate da humanidade. “O culto é a recapitulação da história da salvação, na medida em que reatualiza o passado, antecipa o futuro e glorifica o presente messiânico”.¹⁵⁶

Allmen estende a sua argumentação discorrendo que

o culto estabelece uma ruptura entre a igreja e o mundo. Essa é a razão porque, contrariamente à pregação missionária, o culto não é público: os que o celebram são os que passaram pelo batismo, renunciaram ao diabo e suas obras, ao mundo e sua pompa, à carne e suas cobiças. (...) O povo deve compreender o que acontece no culto. É necessário que o povo compreenda a linguagem do culto e que ouça o que é dito no culto.¹⁵⁷

Na celebração litúrgica é dispensável a ênfase nas ações humanas. Culto não é para lançamento de estrelas, nem tampouco para promover um grupo de pessoas que têm belas vozes e, por isso, são convidados para cantar em coros e equipes.

Em alguns casos, os avisos são colocados no meio da liturgia, isso, para dar tempo para o templo ficar cheio e as pessoas ouvirem que acontecerá um mutirão para a construção de determinada obra ou que haverá cantina, com um delicioso quitute. É um equívoco parar uma liturgia para enfatizar ações e feitos humanos.

A adoração é um ato voluntário, pelo qual a criatura reconhece livre e efetivamente todos os direitos que o Deus Criador tem sobre ela. Reconhece que Deus é a sua própria origem, que tudo o que é depende e provém dele, que toda a sua vida de criatura lhe está submissa, que somente dele decorre todo direito de vida e morte, porque é o autor da vida. Pela adoração, a criatura racional desaparece diante de Deus, reconhece a sua insignificância em face da majestade soberana do Criador, sabe que não merece permanecer viva diante de seu Deus. A adoração faz-nos morrer a nós mesmos para proclamar que Deus é o primeiro.¹⁵⁸

¹⁵⁵ KONINGS, Johan. *Espírito e Mensagem da Liturgia Dominical*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 17.

¹⁵⁶ ALLMEN, J. J. Von. *O culto cristão: teologia e prática*, p. 35.

¹⁵⁷ *Ibid.*, p. 50,115-116.

¹⁵⁸ PHILIPPE, M. D. *Um só Deus adorará*s. Trad. Teresa de Araujo Penha. São Paulo: Flamboyant, 1960, p. 9.

Na linha de pensamento de Philippe, a criatura é insignificante para que se pare uma liturgia para enfatizá-la. Culto é algo muito sério e a forma como se desenvolve deve ser encarada com intenso zelo.

Liturgia é essencialmente ação celebrativa (serviço à fé), ou ação de testemunho (serviço ao mundo). Então, perguntamo-nos: que tipo de ação constitui uma celebração litúrgica? Em outras palavras, como a liturgia celebrada nos coloca em ação, integrando corpo, mente e espírito? Não podemos confundir a participação celebrativa com a participação em sala de aula, num teatro ou num show, porque em tais tipos de atividades há um envolvimento predominantemente unilateral da razão ou das emoções. Em uma sala de aula, o discurso é dirigido ao universo racional dos estudantes, enquanto num show a comunicação é eminentemente emocional. A comunicação litúrgica é de outra ordem, em que se envolve a racionalidade da fé com a densidade das emoções. A fuga de uma celebração racional e discursiva que transformasse o culto litúrgico num show não representaria avanço nem para a celebração nem para a fé. Na liturgia celebrada, razão e emoção se entrelaçam e se completam.¹⁵⁹

Sendo a liturgia esse entrelaçar entre razão e emoção, como bem expõe Valeriano Costa, requer-se dos responsáveis pela sua elaboração e execução um compromisso total. É preciso sensibilidade para interpretar as orientações bíblicas, ler a realidade que cerca uma comunidade e desenvolver uma liturgia.

É lamentável, mas real, o fato de ter de se enfatizar, por vezes, o que não é um culto antes de se afirmar o que ele é. As distorções levam, inclusive, ao pensamento de que as celebrações litúrgicas devem ser verdadeiros *shows*.¹⁶⁰ As pessoas começam a ser exaltadas e a se acostumar com essa condição.

¹⁵⁹ COSTA, Valeriano Santos. *Viver a Ritualidade Litúrgica Como Momento Histórico da Salvação*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 48.

¹⁶⁰ Damy Ferreira afirma que em alguns cultos há total semelhança visual com *shows*: “Para falarmos sobre expressão verbal, corporal e sonora, precisamos focalizar a motivação. O que vai determinar o tipo certo de expressão é a motivação certa. Como temos dito, o louvor é a alegria de Deus no interior do crente e é da verdadeira espiritualidade que deve partir o louvor. A motivação, portanto, não pode ser provocada pelos fatores artificiais. O verdadeiro louvor é motivado pelo espiritual (Efésios 5.19; Colossenses 3.16). Há um equívoco grande em se buscar efeitos musicais sobre a pessoa que louva. Louvor não é um desabafo e nem satisfação fisiológica, como acontece com ginástica aeróbica. Hoje nos shows profanos, é muito comum vermos o povo cantando com os braços levantados, balançando para lá e para cá. Esta atitude provoca uma sensação de bem estar. É como se fosse um tipo de ginástica. E o povo de Deus faz a mesma coisa. Se filmarmos alguns “cultos” evangélicos e os compararmos com certos shows apresentados pela mídia não vamos notar nenhuma diferença no visual” (FERREIRA, Damy. *Teologia do Louvor*, p. 41).

5.1.2.

Culto integral ao Deus de Jesus Cristo

O culto é a ação de um povo e não ações segmentadas de um povo. Noutras palavras, a celebração precisa ser integral, para ser, de fato, coletiva. Por isso propõe-se a busca do equilíbrio litúrgico, para que todas as gerações celebrem, juntamente, o Deus revelado em e por Cristo Jesus.

É um grande desafio buscar o equilíbrio, mas é extremamente preciso; até porque as entrevistas revelaram quase um empate técnico entre os interesses por determinadas questões na liturgia, como a música.

Talvez seja essa uma das mais difíceis sugestões. Ser equilibrado é um desafio num tempo de múltiplas tendências litúrgicas. Estamos num templo plural, com muitas ofertas em termos litúrgicos. Uma comunidade tem pessoas de diversas faixas etárias. São pessoas idosas, que aprenderam sobre igreja num determinado tempo, quando na liturgia havia apenas hinos do Cantor Cristão acompanhados pelo órgão. Há também pessoas jovens, que nasceram num tempo totalmente diferente. São aqueles que curtem um estilo musical com variedade instrumental, por isso, tendem a preferir os cânticos avulsos, pelo fato de serem executados nesses moldes de variedade de instrumentos, principalmente os de ritmo.

Aí justamente deve residir o equilíbrio. A liturgia não deve ser só para idosos ou só para jovens, mas deve ser uma ação integral da comunidade. As diversas gerações precisam viver a mesma liturgia, justamente por servirem ao mesmo Deus. Por isso, o pastor não deve ser partidário dos extremos, mas, deve ser a referência para o equilíbrio, uma vez que é líder de todos. É preciso sabedoria para conscientizar que todos têm seu espaço na liturgia.

Cabe ao pastor orientar aos mais jovens para terem paciência com aqueles que têm simpatia por um estilo diferente, até mesmo pela opção que sempre tiveram na sua caminhada cristã. É preciso também orientar aos mais experientes que os mais jovens vivem sob as influências de outro tempo e precisam ser orientados com cordialidade, tendo as suas preferências respeitadas. Só o caminho do equilíbrio é capaz de fazer pessoas diferentes cultuarem numa mesma liturgia. No grito isso não é possível. Na ditadura só nasce revolta de todos ou, no mínimo, de partes.

É preciso ensinar que os estilos não formam a espiritualidade. Liesch assim comenta:

Freqüentemente, confundimos forma com espiritualidade. Adorar de uma certa maneira ou com um certo estilo não nos torna espiritualmente superiores. É certo que o conteúdo nas formas pode nos encorajar a perseguir a maturidade em Cristo, mas as formas em si não nos fazem espirituais. Comportamento e vida santa é que refletem espiritualidade.¹⁶¹

E propõe o caminho do equilíbrio:

Os hinos podem não explodir ou ofuscar os olhos como fogos de artifício, mas, tal como estrelas, a luz deles brilha. Mesmo ardendo a milhões de quilômetros de distância, a luz de uma estrela penetra nossa atmosfera distante e nos alcança. Do mesmo modo, os hinos trazem verdades teológicas profundas ao nosso alcance em porções que podemos assimilar e com melodias que podemos lembrar. Assim sendo, por que não buscar uma mistura de hinos e cânticos que reflita a composição de sua igreja?¹⁶²

Se o pastor não agir com sabedoria, buscando o equilíbrio, ele fomentará a rejeição entre as gerações da igreja, comprometendo a integralidade do culto. Porque

congregações que possuem grupos de gerações diferentes freqüentemente experimentam certa tensão entre os jovens, que querem os cânticos executados em estilos contemporâneos, e os mais velhos, que querem os hinos executados de modo tradicional. O problema da polarização é freqüente. Ambos os lados insistem em seus próprios direitos e experimentam a rejeição.¹⁶³

Sandro Baggio faz referência a uma triste realidade em consequência à falta de equilíbrio.

Uma revolução musical tomou conta das igrejas brasileiras no início da década de 1990. A princípio, muitos líderes não davam atenção a ela, pensando tratar-se apenas de uma moda passageira ou de um movimento regional insignificante. Até que suas igrejas começaram a ser afetadas. Os jovens que não encontraram apoio local para promover suas reuniões “gospel” debandaram para outros espaços, onde foram acolhidos de braços abertos, sem restrições. Tal fato deu origem a muitas críticas e julgamentos cheios de mágoa por parte daqueles que perderam um pedaço de sua congregação. Pessoas foram feridas, famílias foram divididas, com os pais numa igreja e os filhos noutra; em meio a tudo isso, alguns chegaram até mesmo a abandonar a fé cristã.¹⁶⁴

¹⁶¹ LIESCH, Barry. *Nova Adoração: dos hinos tradicionais aos cânticos congregacionais*, p. 11.

¹⁶² *Ibid.*, p. 12.

¹⁶³ *Ibid.*, p. 15.

¹⁶⁴ BAGGIO, Sandro. *Música cristã contemporânea*. São Paulo: Vida, 2005, p. 26.

Por mais difícil que seja, é necessário se buscar o equilíbrio na liturgia. Adaptar e atualizar a liturgia são ações necessárias, mas, sempre com o cuidado de nunca comprometer a integralidade do culto.

5.1.3.

A responsabilidade pastoral na orientação teológico-doutrinária do culto

O culto não é do pastor. Ele é da comunidade; é o povo que celebra. Mas, a responsabilidade da condução teológico-doutrinária do culto e sua liturgia é pastoral. “Adoração não é só negócio de músicos; a responsabilidade do pastor (tão importante) é a de supervisionar, dar o tom e a atmosfera, criar as atitudes e condições apropriadas e incentivar os líderes para que sejam modelos de adoração”.¹⁶⁵

Quando o pastor se exime da responsabilidade que tem com o culto, ele está fatalmente entregando a sua comunidade às mais diversas desastrosas consequências pela ausência de comando e liderança espiritual.

O pastor, como líder espiritual da comunidade, ou seja, alguém preparado para exercer tal função, é aquele que zela para que o culto seja ao Deus de Jesus Cristo. O olhar pastoral identificará desvios teológico-doutrinários e os corrigirá. O pastor terá condições de explicar à comunidade que a igreja hoje tem sua normatização no Novo Testamento e faz releituras do Antigo Testamento na Pessoa de Jesus Cristo. Muitas ações nascidas em desvios doutrinários por falta de interpretação coerente de textos do Antigo Testamento seriam evitadas com uma ação pastoral responsável.

Muitas vezes o pastor deixa só com os outros a liturgia da igreja. Ele se dedica exclusivamente ao momento que lhe cabe: o sermão. Este mesmo sermão ficará isolado na liturgia.

Cabe ao pastor saber o que se cantará e se lerá. É sua a responsabilidade doutrinária diante da comunidade. Quando o pastor não assume a sua responsabilidade diante da liturgia ele não se preocupa com a atualização dos seus conheci-

¹⁶⁵ LIESCH, Barry. *Nova Adoração: dos hinos tradicionais aos cânticos congregacionais*, p. 94.

mentos sobre o culto. Para que estudar sobre a liturgia se esse tema não faz parte das suas preocupações? E, por ironia, talvez, o que mais pastor faz é participar de culto.

A mídia está presente. Os membros das igrejas estão assistindo os “pastores da TV e do rádio”, estão sendo “bombardeados” com novidades sedutoras aos olhos.

Sem dúvida, televisão, gráficos interativos de computador e o espaço cibernético estão comandando nossa atenção e causando impacto em nossa sociedade. Após imergir nessa mídia durante a semana, nosso povo vem para a igreja com expectativas bem diferentes das que tinham no passado. Somos uma sociedade mais visual, e isto significa que devemos ser mais cuidadosos na formatação dos nossos boletins de culto. Devemos estar abertos a novas maneiras de ler as Escrituras e de explorar o uso de slides e vídeos, especialmente onde esta mídia pode contribuir para a trama da adoração. E não se engane sobre isso: adoração envolve empolgação.¹⁶⁶

Além dessa realidade visual, as pessoas estão mais voltadas para o que as entretém. As pessoas querem sentir. O pastor é “forçado” a conhecer essa realidade imposta, caso contrário, terá dificuldades em acompanhar e orientar a liturgia da igreja, que é de sua competência.

Na história da Igreja Católica Romana houve um movimento litúrgico e, uma das razões, foi a prática da pregação por obrigação, uma vez que estava, à semelhança das rubricas, escrito.

Botte ouviu a confissão de um velho sacerdote, a quem muito admirava: “é enjoado pregar: repete-se sempre a mesma coisa e isto aborrece todo mundo”.¹⁶⁷ Os sacerdotes estavam desacreditados na pregação.

Quando o pastor desacredita da sua responsabilidade ele não consegue conduzir o povo com autoridade e paixão. O pastor tem a responsabilidade de conduzir a liturgia da sua comunidade e não deixar que os cultos sejam encontros vazios de sentido e cheios de coisas secundárias.

O movimento litúrgico é sempre uma espécie de centro em que a memória da ação divina, vivida no passado, encontra-se com os desafios e com as exigências do que está por acontecer. Se a reunião emerge da tradição e não se fecha nessa tradição, mas por sua própria natureza se abre para o ainda não acontecido, faz da tradição não um modelo para o futuro mas o pressuposto da crítica. É por isso que o julgamento do presente procede da celebração do que se passou no tempo da libertação e é animado pela esperança do que poderá vir a acontecer em virtude do

¹⁶⁶ LIESCH, Barry. *Nova Adoração: dos hinos tradicionais aos cânticos congregacionais*, p. 81.

¹⁶⁷ BOTTE, Bernard. *O movimento litúrgico*. Trad. Solange Latour Nogueira. São Paulo: Paulinas, 1978, p. 17.

nosso engajamento e da nossa decisão. Entretanto, a liturgia que temos experimentado em muitas de nossas igrejas não é nada disso. Suas muitas e variadas manifestações são assembléias desprovidas da verdadeira memória da libertação efetuada por Deus junto ao seu povo, no passado, e sem qualquer possibilidade de crítica às estruturas do presente mundo. Tampouco se voltam para o futuro na esperança da implantação imediata do ‘novo céu e da nova terra’. Que tipo de assembléias são essas? São assembléias carcomidas pelo compromisso com os poderes deste mundo e cativas do sistema social, político e econômico em que vivemos.¹⁶⁸

A responsabilidade pastoral diante da liturgia levanta uma séria questão, uma vez que as pesquisas com seminaristas revelaram que 58% dos estudantes de Teologia não se sentem preparados o suficiente com conhecimentos adquiridos a respeito de culto e liturgia batista. É um sério alerta para as casas de formação teológica batista na região litorânea fluminense. Um pastor precisa receber no período de sua formação acadêmica pré-ministerial, noções básicas, porém suficientes, sobre culto e liturgia batista.

Ainda no que tange à formação teológico-ministerial, 53% dos seminaristas entrevistados afirmaram não se sentir preparados, pelo seminário, para o ministério pastoral. 44%, por sua vez, afirmaram não ter encontrado o conhecimento que foram buscar nas salas acadêmicas. Há outras peculiaridades a se considerar em situações como essa, até porque há casos diferentes, particulares, mas, mesmo assim, os índices percentuais foram altos.

5.2.

Atualização das Palavras e Gestos Salvíficos de Jesus Cristo

No culto cristão, palavras e gestos salvíficos de Jesus Cristo são atualizados. A falta de um gesto salvífico deixa o culto carente e suscetível ao esvaziamento da centralidade litúrgica. Um claro exemplo disso é a ausência da Eucaristia (Ceia) nos cultos batistas, sendo celebrada mensalmente, bimensalmente ou até com intervalos maiores em algumas comunidades. Por isso, uma ação necessária é resgatar símbolos cristãos, como se verá abaixo.

¹⁶⁸ REYNAL, Daniel de. *Teologia da Liturgia das Horas*, p. 25.

5.2.1.

Resgate dos Símbolos Cristãos

É real e tem seu valor a afirmação de Dimárzio, que diz que “nós, os evangélicos, adoramos a Deus sem que precisemos ter diante dos olhos o objeto do nosso culto”.¹⁶⁹ De fato, não há objetos “litúrgicos” num templo batista, comumente. De certa forma, isso traz um resquício do protestantismo vindo para o Brasil, que era marcadamente contra ao romanismo, e trabalhava com o objetivo de tirar pessoas deste segmento para aquele.

Essa não é mais a realidade do protestantismo brasileiro. Não é necessário lutar contra um ramo cristão para obter espaço e público. Portanto, será útil ao ensino na liturgia e à riqueza da sua forma o resgate dos símbolos.

Maraschin chega inclusive a criticar a forma como a liturgia foi trazida para o protestantismo latino-americano:

A liturgia trazida para a América Latina queria se afirmar pela via negativa. Queria ser não-romana. Com isso acabava sendo não-católica. Abandonava o que de melhor havia na tradição da igreja universal para se apegar à tradição menor dos missionários que, muitas vezes, confundiam o american way of life com a própria essência do cristianismo.¹⁷⁰

Talvez por essa natureza litúrgica não-católica, a denominação batista tenha tanta aversão aos símbolos. Nem mesmo a cruz é bem aceita na igreja batista. Antigamente, algumas igrejas tinham uma Bíblia desenhada em seus templos. Hoje, é raro.

Mas, é preciso perceber que o ser humano é afeito aos símbolos e estes têm um papel fundamental na comunicação. Um símbolo pode comunicar mais que palavras, em determinados casos.

Um exemplo pode ser tirado da própria igreja batista, que não tem objetos simbólicos em seu templo. Mas, mesmo assim, pela necessidade que o ser humano tem de criar símbolos, na igreja batista os objetos presentes no templo acabam por receber uma atribuição simbólica. É o que acontece com o púlpito, objeto de madeira ou similares que, geralmente ao centro, é utilizado pelo pastor. Esse objeto torna-se um símbolo e, em muitas igrejas, “nunca” pode ser removido do local

¹⁶⁹ DIMÁRZIO, Nilson. *Como cultivar a Deus*. 3 ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1987, p. 25.

¹⁷⁰ MARASCHIN, Jaci. *A beleza da santidade: ensaios de liturgia*, p. 49.

de destaque. O púlpito tornou-se, então, o símbolo da voz de Deus, pois é dali que a mensagem é proclamada pelo pastor.

O símbolo é muito forte e “o homem possui isso de extraordinário: pode fazer de um objeto um símbolo e de uma ação um rito”.¹⁷¹

Os símbolos comunicam e as pessoas são capazes de assimilar essa comunicação.

O homem não é só um manipulador de seu mundo. É também alguém capaz de ler a mensagem que o mundo carrega em si. Esta mensagem está escrita em todas as coisas que formam o mundo. (...) O homem é o ser que é capaz de ler a mensagem do mundo. Jamais é um analfabeto. É sempre aquele que, na multiplicidade de linguagens, pode ler e interpretar. Viver é ler e interpretar. Não cremos que o homem moderno tenha perdido o sentido pelo simbólico e pelo sacramental. (...) Talvez ele se tenha feito cego e surdo a um certo tipo de símbolos e ritos sacramentais que se esclerosaram ou se tornaram anacrônicos. (...) Os atuais ritos pouco falam por si mesmos. Precisam ser explicados. Sinal que deve ser explicado, não é sinal. O que deve ser explicado não é o sinal, mas, o Mistério contido no sinal.¹⁷²

Enquanto denominação batista, alguns símbolos cristãos podem ser resgatados. A cruz, por exemplo. Ela é o símbolo supremo da missão do Messias.

A ceia é outro exemplo. O pão e o vinho são símbolos. E, lamentavelmente, estão sendo colocados de lado. As celebrações da ceia em algumas igrejas são feitas no final dos cultos, corridas, como se fossem poslúdios. É a perda do valor daquele símbolo. O seu valor precisa ser resgatado.

A liturgia, por natureza, requer um tipo de participação ativa muito especial. Podemos constatar isso já em sua etimologia. A palavra liturgia vem do grego (*leitourgia*) e significa ação ou trabalho em favor do povo. Queremos colocar o acento no termo ação (*ourgia*). Em português, muitas palavras originárias do grego, por exemplo, teologia, biologia, entre outras, significam discursos sobre algum tema (Deus, vida etc.). Liturgia não tem a mesma raiz. Discursos em grego são *logia*, enquanto *ourgia* são ações. Se a celebração litúrgica fosse *logia*, não garantiria o tipo de participação ativa que sua natureza exige. (...) Ora, se a celebração litúrgica simboliza a manifestação de fé, então ela é, por natureza, ativa. O diálogo é sempre iniciado por Deus, mas o homem compromete-se com uma resposta dinâmica, tomando parte ativa no processo. O fato de Deus iniciar o diálogo constitui a oportunidade de amor que ele dá de comunicação e participação ativa. É da índole da ação ritual religiosa, como comunicação simbólica, ser ativamente participada.¹⁷³

¹⁷¹ BOFF, Leonardo. *Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1975, p. 11.

¹⁷² *Ibid.*, p. 9-10.

¹⁷³ COSTA, Valeriano Santos. *Viver a Ritualidade Litúrgica Como Momento Histórico da Salvação*, p. 45, 47.

Afirma R. Haight que “uma primeira dimensão da comunicação simbólica consiste no fato de que demanda participação. A comunicação simbólica não é objetiva, no sentido de que pode realizar-se sem o engajamento subjetivo ou existencial daquele sujeito em que está sendo processada”.¹⁷⁴

O símbolo tem a capacidade de envolver as pessoas e a liturgia pode ser a portadora de símbolos. Como enfatiza Maraschin,

a liturgia não precisa de malabarismos de circo nem de elementos alheios à proclamação do evangelho para incentivar o povo de Deus a vencer a morte que nos ameaça de todos os lados. Ela é portadora do mais esplêndido de todos os símbolos de vida, que é o símbolo da ressurreição e da ascensão de Jesus Cristo que cantamos constantemente.¹⁷⁵

5.2.2.

Liturgia como forma de ensino das palavras e gestos salvíficos de Jesus Cristo

A liturgia é uma fonte de ensino e, como tal, deve ser utilizada para o ensino das palavras e gestos salvíficos de Jesus. As pessoas não estão, em geral, com tempo sobrando. A vida é intensa. As pessoas não passam pelo menos duas horas num templo porque estão à toa em casa. Há um objetivo em participar de um culto. As pessoas vão ao templo porque desejam algo.

Pode ser que haja as que querem ir para receber apenas ou que participem com intenções equivocadas de um culto, mas, as pessoas querem aprender e participam dos cultos em busca de crescimento.

As entrevistas mostraram que os membros entendem que deve ter estudo no culto e, além disso, que frequentam e acham necessários dois cultos dominicais. Essa opinião da maior parte precisa ser considerada. Outro dado importante é que os membros das igrejas entendem que um culto pode durar em torno de duas horas, em média. É tempo considerável para se desperdiçar sem o aprendizado sólido da vida e ministério do Cristo.

Um espaço precioso com um público atento ao que se acontece precisa ser utilizado como forma de ensino, enquanto experiência de Deus. Não existe melhor

¹⁷⁴ HAIGHT, Roger. *Jesus, Símbolo de Deus*. Trad. Jonas Pereira dos Santos. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 237.

¹⁷⁵ MARASCHIN, Jaci. *A beleza da santidade: ensaios de liturgia*, p. 70.

momento para uma comunidade ser ensinada do que o seu culto. O momento áureo do ser comunidade.

Numa liturgia, os temas teológicos, em geral, especialmente os cristológicos, podem ser ensinados, como Trindade, por exemplo. A liturgia vindo impressa favorece ainda mais. A congregação terá em mãos hinos e textos, ligados por temas, se for o caso, e culminado com uma proclamação sobre um determinado assunto. Não há como não aprender.

Deixar de explorar a liturgia no ensino da comunidade é abrir mão de um grande tesouro. Reynal diz que esse ensinamento da liturgia vai além, pois aproxima a pessoa do mistério de forma prática:

A memória de Cristo na liturgia cristã não é simplesmente uma comemoração, como outras que existem entre vários povos, religiões e mesmo no nosso mundo secularizado. (...) A Igreja não se limita a transmitir esse ensinamento sublime. Ela nos propõe uma participação íntima no mistério da salvação operado outrora, mas reatualizado constantemente.¹⁷⁶

A liturgia é uma peça preciosa na formação do cristão. Ela é meio de educação. Para Valeriano Costa,

a comunicação litúrgica, porém, não é como a comunicação de um corpo plugado no computador, recebendo informações e sensações automática e diretamente. A experiência de Deus é de outra natureza, a tal ponto que se surgir o homem “pós-humano”, como já se diz, se ele ainda for de verdade humano, multiplicar-se-ão as casas de oração e de culto litúrgico, para que ele possa fugir a essa comunicação rápida e acumulativa de informação, a fim de se encontrar, por meio de um processo tão lento como o namoro, com o mistério de Deus. Então, se a técnica está ensaiando o “homem plugado no computador”, a liturgia celebrada forja o “homem piedoso”.¹⁷⁷

A celebração do mistério pascal é uma grande e profunda aula que a igreja recebe no culto, em sua ação litúrgica. Relembrar a história da salvação, revivendo-a na Palavra e na Ceia, é uma ação didática, propiciando a atualização das palavras e gestos salvíficos de Jesus, fazendo do culto um verdadeiro encontro cristológico.

A tradição batista pode recorrer à tradição católica, para aprender que em toda celebração deve estar presente o Evangelho. A palavra de Jesus é o conteúdo

¹⁷⁶ REYNAL, Daniel de. *Teologia da Liturgia das Horas*, p. 56.

¹⁷⁷ COSTA, Valeriano Santos. *Viver a Ritualidade Litúrgica Como Momento Histórico da Salvação*, p. 112.

da mensagem do culto. Deixar de refletir no Evangelho é o mesmo que deixar de refletir em Jesus.

5.2.3.

Unidade da mensagem no culto

As pesquisas também revelaram que em muitas igrejas nada no culto está ligado. Por isso, se sugere o zelo pela unidade entre sermão e música no culto.

No meio batista, é comum ouvir um dirigente de culto falar “agora é o momento mais importante do culto” quando chega o momento da mensagem. Desvinculando a mensagem do sermão, aquele momento em que geralmente o pastor proclama uma reflexão bíblica, a mensagem, que é o todo da liturgia, é o centro de convergência do culto cristão.

Há uma mensagem que a liturgia traduz. Há um ensinamento e tudo na liturgia deve corroborar para esse alvo. As músicas, as leituras bíblicas, as participações musicais e o sermão precisam caminhar unidos. E essa mensagem central são as palavras e os gestos salvíficos de Jesus.

Em determinados cultos, a liturgia caminha totalmente desvinculada em propósito. Os hinos atiram para um lado, as leituras para outro e, para completar, o sermão apresenta outro enfoque. Uma verdadeira enxurrada de informações que não conseguem ser assimiladas como deveriam pela congregação.

O pastor e a sua equipe de liturgia devem trabalhar para a unidade da mensagem no culto. Todas as partes devem concorrer para um ensino unificado, comunicado didaticamente, alcançando o clímax na centralidade cristológica.

5.3.

Condução pelo Espírito de Cristo

O culto cristão é uma experiência pneumatológica. Como visto anteriormente, é a presença do Espírito de Cristo que garante que o culto não é uma farsa. É possível que a adesão de algumas formas neopentecostais demonstre essa carên-

cia na liturgia batista. Essa é umas das preocupações presentes no resgate da centralidade cristológica no culto, versando o alvo de um culto cristológico.

5.3.1.

Presença do Espírito de Cristo na celebração cúlrica

A obra do Espírito Santo é necessária. O próprio Cristo declarou que “é necessário que eu vá: pois se eu não for, o Consolador não virá para vós outros” (João 16.7). A vinda do Espírito Santo testifica que Cristo completou a sua gloriosa obra entre a humanidade. É o Espírito Santo quem equipa (dons) e ensina a igreja. Pedro registra que “homens santos de Deus falaram ao serem movidos pelo Espírito Santo” (2 Pedro 1.21).

É através do Espírito que Cristo governa a sua igreja, dirigindo-a na celebração cúlrica. A experiência de Antioquia confirma isso, pois “o Espírito Santo disse: separai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado” (Atos 13.2).

O Espírito Santo unifica a igreja e a capacita a cultuar. A confissão do Cristo é pelo Espírito: “Ninguém pode dizer: Senhor Jesus! Senão pelo Espírito Santo” (1 Coríntios 12.3). O culto seria morto sem o Espírito: “A letra mata, porém o Espírito vivifica” (2 Coríntios 3.6). Reafirmando, sem a presença no Espírito o culto seria uma farsa, um crime.

5.3.2.

O perigo da ausência do referencial pneumatológico no culto

A ênfase batista é cristológica, o que não é um erro, muito pelo contrário. O problema está na ausência do referencial pneumatológico no culto. O assunto Espírito Santo é minorado na liturgia, deixando uma lacuna no equilíbrio trinitário.

Para um novo membro da igreja, um novo convertido à fé cristã, o Espírito Santo pode até se tornar uma personagem estranha. Com isso, a apresentação enfática do Espírito Santo pelos pentecostais e neopentecostais pode passar a ganhar mais atenção e até mesmo adesão de algumas das suas formas.

Deixar de falar sobre o Espírito Santo no culto é um perigo para as igrejas batistas. É perigoso porque a doutrina do Espírito Santo faz parte da doutrina bíblica seguida pelos batistas. Não é sábio, nem coerente deixar uma doutrina em detrimento de outra. Também é perigoso porque se as igrejas batistas não ensinarem sobre o assunto, outros segmentos ensinarão, por diversos meios, e os membros das igrejas batistas não saberão avaliar tais ensinamentos, refutando-os se for o caso.

5.3.3.

Uma pneumatologia doutrinariamente saudável

O assunto Espírito Santo, mais exatamente a interpretação acerca dos dons do Espírito Santo, tem sido fomentador de alguns episódios de divisões em igrejas batistas locais. A visão doutrinária batista a respeito do dom de línguas difere radicalmente da visão pentecostal e neopentecostal. Para estes, o cristão recebe o Espírito Santo como uma “segunda bênção”, num fenômeno litúrgico chamado de batismo no Espírito Santo com a evidência do falar em “língua estranha”. Para os batistas, o cristão recebe o Espírito Santo no ato da sua conversão a Jesus Cristo, não sendo necessária nenhuma outra bênção nesse sentido.

Um culto cristológico, conduzido pelo Espírito, saudável doutrinariamente, permitirá à comunidade nutrir uma pneumatologia coerente com os ensinamentos das Escrituras. É pelo Espírito que a igreja é conduzida à verdade em Cristo Jesus.

5.4.

Reunião da Membresia Redimida em Cristo

O povo de Deus, redimido, se reúne na celebração do culto cristão. O culto cristológico é aquele que agrega a comunidade dos salvos, dos redimidos por Jesus. Ele promove a reunião da membresia redimida, convocada pelo próprio Cristo. Por isso, é mister que a celebração comunitária tenha alcance coletivo, linguagem coletiva e trate a congregação como um todo.

5.4.1.

Liturgias mais coletivas e menos individualizadas

Pensar em igreja é pensar na coletividade. O culto coletivo, que se utiliza de uma liturgia, precisa ser mais coletivo que individual.

Quando se pensa em igreja se pensa, geralmente, em culto. A assembléia litúrgica é a igreja enquanto expressão, na sua forma institucional. A vida cristã, na verdade, não se limita ao culto, mas dificilmente a teologia entenderia essa vida sem ele. Há, pois, forte relação entre uma coisa e outra. Talvez porque a base da vida cristã seja de natureza comunitária e a expressão dessa vida precisa ser visível e grupal.¹⁷⁸

A experiência litúrgica é essencialmente coletiva. Muitas vezes as liturgias fogem da sua vocação e dão ênfase ao individualismo. Diminuem o efeito comunitário.

São aquelas liturgias que trabalham a congregação como indivíduos separados. Embora cada pessoa tenha uma específica necessidade, a liturgia precisa tratar da comunidade como um todo. Esse próprio processo coletivo se encarregará de trabalhar as particularidades das pessoas.

A mensagem da liturgia é uma palavra comunitária. Foi destinada a uma comunidade, mas também concebida dentro de uma comunidade. Por isso, não pode ser apropriada dentro de um hermético pietismo do coração individual; antes, deve tornar-se meio de comunicação entre os irmãos. Devemos, a partir da liturgia, criar uma linguagem, para comunicar entre nós aquela experiência original da fé que só a celebração misterial das fontes da fé na liturgia consegue comunicar. Será uma linguagem “especial”. E por que não? Afinal, a respeito do futebol nos comunicamos com a linguagem do futebol e não, por exemplo, do namoro...¹⁷⁹

Dimarzio contribui para essa visão, afirmando que “o culto evangélico é, pois, congregacional. É a coletividade de crentes, e não apenas o pregador, que cultua a Deus”.¹⁸⁰

Por vezes, os hinos e cânticos de uma liturgia enfatizam a individualidade. Deve-se reconhecer o trabalho da comissão que elaborou o Hinário Para o Culto Cristão, pois colocou a letra “nossa fé Jesus contemplará” em substituição a “sua fé Jesus contemplará”, 160 do Cantor Cristão.

¹⁷⁸ MARASCHIN, Jaci Correia (ed.). *Culto Protestante no Brasil*. São Bernardo do Campo, SP: Imprensa Metodista, 1985, vol. 2, p. 7.

¹⁷⁹ KONINGS, Johan. *Espírito e Mensagem da Liturgia Dominical*, p. 20.

¹⁸⁰ DIMARZIO, Nilson. *Como cultuar a Deus*, p. 28.

Esse deve ser o sentimento da liturgia. “Somos”, “nossa”, “nós”. Essas devem ser as expressões. Uma comunidade. Uma coletividade. Esse é o sentimento que dá sentido à irmandade.

A união dos membros da família de Deus é até mais íntima do que a união dos membros de uma família humana. Na liturgia esta família de Deus se reúne. Homens de todas as raças e dos mais diferentes níveis sociais e culturais encontram-se como irmãos, juntos com o seu grande irmão Jesus Cristo. (...) A liturgia é a festa da família de Deus, é a família de Deus em festa. Todos nós, juntos com o Cristo, que é nosso irmão maior, formamos a família de Deus. Todos nós, juntos com o Cristo, formamos um só corpo, do qual ele é a cabeça e nós, os membros. Toda esta família de Deus Pai se reúne na liturgia para a celebração de uma festa.¹⁸¹

O elemento congregacional precisa ser mais enfatizado. Há liturgias que fazem do templo um verdadeiro teatro. As pessoas não participam, não se expressam. Elas assistem, simplesmente.

O povo precisa ter uma participação mais ativa. Preferir música congregacional a música de grupos ou solistas. Dar mais ênfase à leitura bíblica interagindo com a congregação e não somente o dirigente. Envolver as pessoas na liturgia é uma saudável e necessária ação.

5.4.2.

Compromisso com o ensino das doutrinas batistas

Parte expressiva dos entrevistados afirmou não aprender sobre as doutrinas batistas na liturgia. Nasce, portanto, outra sugestão, pois liturgia e ensino têm uma forte ligação. O que acontece numa liturgia ensina. À medida que a liturgia for decorrida, a comunidade pode ser edificada através de novos conhecimentos. A reunião da membresia redimida em Cristo, da família batista, precisa proporcionar crescimento teológico-doutrinário batista.

Fato inquestionável é que a liturgia de uma comunidade a reflete essencialmente. Uma vez sendo assim, é preciso o entendimento de que na liturgia de uma igreja batista precisa ser ensinado o conjunto de crenças da própria igreja, enquanto denominação.¹⁸²

¹⁸¹ LUTZ, Gregório. *Liturgia – a família de Deus em festa*. São Paulo: Paulinas, 1978, p. 15, 19.

¹⁸² O conjunto de crenças dos batistas brasileiros está registrado nos documentos Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileiro e Princípios Batistas. A Convenção Batista Brasileira publicou esses documentos (SOUZA, Sócrates Oliveira de. *Pacto e Comunhão – Documentos*

A liturgia é a expressão e a afirmação clara daquilo que a Igreja crê e ensina e não um conjunto de tratados dogmáticos. Em estilo e gênero literários próprios, ela propõe um ensinamento vital a ser transmitido indiretamente na própria celebração.¹⁸³

Há um grupo de idéias que fazem as igrejas chamadas batistas terem traços comuns. É a maneira sinótica de encarar determinadas aplicações bíblicas. É uma observação semelhante de aspectos teóricos e, até mesmo, práticos na vivência do ser igreja.

Como bem diz Maraschin,

ninguém pode viver significativamente fora da tradição. Pertencemos sempre a um grupo, a uma família, a uma nação e temos convicções compartilhadas com outras pessoas que nos parecem importantes. Queremos conservar do nosso passado o que nos parece fundamental, mas esse apego ao passado não pode ser cego. A própria tradição, se for viva, nos impele para o futuro, sob o impulso desse mesmo passado. A tradição nos diz que houve um tempo em que ela não era tradição, mas inovação. A consciência da tradição enquanto movimento dinâmico retira-a do mero conceito de arqueologia e a traz para vida.¹⁸⁴

A denominação batista tem uma tradição. Liturgicamente falando essa tradição não é forte. Mas, mesmo sendo uma denominação classificada como não-litúrgica, as suas igrejas possuem características cúlticas. Essas características não devem ser reproduzidas como há cem anos. É necessário contextualizar, mas, contextualizar não é abolir a tradição herdada.

Entre os batistas, há aqueles que entendem que a denominação tem de passar pelo que chamam de renovação. É um nome aplicado para substituir o que de fato vem na sua intenção: a “neopentecostalização” da igreja.

Maraschin faz uma crítica ao movimento de renovação carismática que pode ser bem aplicada ao caso batista, salvas as proporções:

Estamos presos a uma falsa noção de renovação. Devemos perguntar seriamente que significado atribuímos a essa noção. Que é renovação? Renovação é reeditar o novo ou, em outras palavras, “fazer o novo de novo”. Nesse caso, não se pode colocar remendo de pano novo em tecido velho nem vinho novo em odres velhos (Mateus 9.16-17). O resultado é desastroso. Pinta-se o túmulo de branco, mas o túmulo continua a abrigar cadáveres (Mateus 23.27-28). Ora, pensa-se, hoje em dia, que renovação é o que se costuma chamar de renovação carismática e que renovação litúrgica é, em última análise, essa fuga das realidades terrestres para as

Batistas. Rio de Janeiro: Convenção Batista Brasileira, 2004. 95p.). Para o autor, os Princípios Batistas refletem e são essenciais na identificação de uma igreja batista. Por isso, defende que, assim como as doutrinas, eles devem fazer parte do ensino litúrgico.

¹⁸³ REYNAL, Daniel de. *Teologia da Liturgia das Horas*, p. 25.

¹⁸⁴ MARASCHIN, Jaci. *A beleza da santidade: ensaios de liturgia*, p. 49.

bem-aventuranças celestiais. Não se chegará a liturgias autênticas e autóctones a partir da renovação carismática, porque, em primeiro lugar, a renovação carismática não é litúrgica em essência, mas profundamente antilitúrgica. Ela tem predileção pela expressão individual. A liturgia, ao contrário, é, por natureza, coletiva, comunitária e geral. Em segundo lugar, porque a liturgia da igreja cristã é trinitária, nos seus fundamentos teológicos, e o movimento carismático tende a desequilibrar a economia da Santíssima Trindade ao privilegiar a pessoa do Espírito Santo, numa espécie de reedição da antiga heresia modalista que via a Trindade como se fora uma espécie de drama em três atos. Além disso, o movimento carismático dificilmente desembocaria numa liturgia autêntica e autóctone porque ele mesmo não é autóctone embora possa, muitas vezes, ser autêntico.¹⁸⁵

Precisa-se entender que os elementos da liturgia sempre têm a ver com forma. Elementos litúrgicos são uma questão de forma. Todavia, Liturgia não é só forma, mas também conteúdo.¹⁸⁶

O conteúdo da liturgia precisa ser os feitos de Deus através de Cristo, mas, esses mesmos feitos devem ser passados na ótica da crença batista. Cada grupo tem as suas próprias interpretações. Elas podem ser iguais às batistas, mas, sempre há particularidades.

5.4.3.

O valor do culto e sua liturgia para a membresia redimida em Cristo

Culto e liturgia não devem ser encarados de qualquer forma. Pensar o culto e elaborar uma liturgia requer tempo. É preciso oração. Também requer estudo. Uma liturgia preparada de qualquer maneira, em cima da hora, minutos antes de começar o culto, não foi levada a sério e levará a comunidade de fé a não dar o devido valor a ela.

Em muitas igrejas a liturgia é preparada pelo dirigente do culto. Não quer dizer que o mesmo não o faça bem, mas, será precária a sua produção em relação à vivência litúrgica da igreja como um todo. A preparação de uma liturgia precisa ser encarada como uma ação ministerial. É um privilégio prepará-la.

Como disse o reformador Lutero, “Cristo não constituiu impérios, nem potestades, mas ministérios em sua Igreja, como aprendemos do apóstolo, quando

¹⁸⁵ MARASCHIN, Jaci. *A beleza da santidade: ensaios de liturgia*, p. 57.

¹⁸⁶ *Ibid.*, p. 61.

diz: ‘assim nos considere o homem ministros de Cristo e despenseiros dos mistérios de Deus’ (1 Coríntios 4.1)”.¹⁸⁷

A liturgia não deve ser confiada a pessoas despreparadas para tal. Embora a elaboração em si da liturgia possa ser fácil, a sua qualidade depende de uma gama de conhecimentos consideráveis, a começar pelo conhecimento da própria história da igreja.

5.5.

Algumas Sugestões Práticas Para a Dinâmica do Culto Batista

Este conjunto de sugestões está voltado para a prática cotidiana da liturgia. Sua finalidade não é normativa. São idéias que poderão contribuir para a qualidade da liturgia, antes mesmo do culto coletivo começar.

5.5.1.

Música na Liturgia

Sendo a música um assunto controvertido no culto cristão, sugere-se o cuidado com a música na liturgia, pois ela tem sido a maior causadora de discordância entre os batistas, até mesmo pelo poder de persuasão, pois, um sermão é, em comparação à letras de uma música, facilmente esquecido.

A música fica mais fácil na mente. É uma arte que, utilizada de maneira apropriada, ajuda essencialmente na liturgia. João Faustini comenta o seguinte sobre o efeito da música no culto:

Podemos dizer que o papel primordial da música no culto seja o de expressão. Com a Reforma, a congregação pode novamente apresentar a Deus seus louvores diretamente, participando do culto através do canto, o que até então era feito principalmente pelos coros dos clérigos. O pregador espalha e prega a Palavra, mas, o cântico reúne os fiéis e congrega-os de maneira poderosa, nutrindo as almas frias e isoladas. (...) A finalidade da música na adoração, obviamente, não é teatral ou meramente artística. A arte perderá o seu valor se não estiver enaltecendo o espiritual, isto é, o seu conteúdo religioso. A arte é apenas serva a serviço do culto, e não a finalidade em si.¹⁸⁸

¹⁸⁷ LUTERO, Martin. *Do Cativeiro Babilônico da Igreja*. Trad. Martin N. Dreher. São Leopoldo: Sinodal, 1982, p. 89.

¹⁸⁸ FAUSTINI, João W. *Música e Adoração*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1973, p. 19, 24.

O pastor Nilson Dimárzio é enfático na sua defesa pelo estabelecimento de rígidos critérios na seleção musical para a liturgia:

Os ‘corinhos’ podem ter o seu lugar, porém nem mesmo estes devem substituir os belos e apropriados hinos do nosso Cantor Cristão e de outros hinários evangélicos. Também, quanto à música instrumental, nunca devemos preferir, para prelúdios e outros números, peças que não sejam essencialmente sacras. Precisamos ter muito critério na escolha da música a ser executada em nossas reuniões, para que se não degenere e, conseqüentemente, o culto de Deus perca a sua solenidade característica.¹⁸⁹

Um dos equívocos presentes na dinâmica da liturgia das igrejas é o chamamento do grupo de pessoas que conduzem os cânticos avulsos de “equipe de louvor”. Essa nomenclatura restringe ao grupo o que toda a comunidade o é. Todos louvam. Mas, esse nome nasce do entendimento de que louvar é cantar.

Temos dito que o louvor não se expressa somente através da música. No entanto, a linguagem hoje nas igrejas é que somente a música é louvor. É muito comum ouvirmos dos dirigentes de culto: ‘agora vamos passar ao nosso momento de louvor’. E então vem alguém para dirigir o momento musical. Isto quer mostrar que as orações, os textos bíblicos que são lidos nos cultos, não são louvor. Evidentemente, temos de admitir que a música é um dos mais extraordinários meios de louvor.¹⁹⁰

A música, como um belo meio para se louvar a Deus, precisa ganhar especial atenção na preparação da liturgia, pois, como observado, a sua mensagem é facilmente assimilada.

5.5.1.1.

Harmonia Entre Crença e Canto

Com muita convicção esse autor sugere a ênfase numa harmonia entre crença e canto. Parece que para alguns é natural defender algumas idéias e cantar outras. Ao se cantar, declara-se o se crê.

¹⁸⁹ DIMARZIO, Nilson. *Como cultivar a Deus*, p. 40.

¹⁹⁰ FERREIRA, Damy. *Teologia do Louvor*, p. 61.

Gourgues afirma que “ao bendizer a Deus, a Igreja declara, de certo modo, o recebimento das bênçãos que dele recebeu”.¹⁹¹ A igreja evidencia a sua relação com Deus, ou seja, a sua crença.

“O canto é na liturgia a expressão poética, comunitária e festiva de um povo feliz. Traduzindo o sentimento popular, o canto torna-se um sinal litúrgico que se encarna num rito”.¹⁹²

Muitas pessoas, ao cantarem, declaram inverdades. Cantam sobre o amor, mas, no fundo, têm ódio de várias pessoas. Cantam que a igreja é uma família, mas, não convivem com ninguém.

Todavia, reafirmando, o aspecto que fere a prática litúrgica e a não harmonia entre crença e canto. Damy Ferreira levanta, além de uma harmonia entre crença e canto, uma harmonia entre a forma desse canto.

Cresce hoje o entendimento de que o louvor é livre no culto e cada um deve proceder como quer. Assim, se alguém quer cantar batendo palmas, deve fazê-lo. Igualmente, se alguém sentir o desejo de dançar, deve dançar. Se quiser gritar ou emitir guinchados com a boca, ou assobiar, ou jogar-se no chão, deve proceder assim. É isso que se está aconselhando por aí, em diversos movimentos e em diversas igrejas. Mas não é isso que a Bíblia ensina. Desde o Velho Testamento, vamos notar o cuidado de Deus em prescrever a maneira de fazer as coisas no culto, com procedimentos adequados. Até mesmo entre os sacerdotes havia restrições para uns e para outros. Quando Nadabe e Abiu entraram no Santuário usando o fogo de maneira errada, não foram perdoados, mas morreram diante do Senhor (Levítico 10.1-11). E o povo tinha de proceder de acordo com as normas estabelecidas. Deus tratava o povo como congregação e todos tinham de cumprir as regras. No regime do Novo Testamento, antes de mais nada, o culto é do “Corpo de Cristo”, que é a igreja reunida. Os ensinamentos do apóstolo Paulo sobre o “corpo” já nos impõem a necessidade de ordem e regulamentação no culto. Entendemos, portanto, que o louvor congregacional deve ser posto dentro de certo padrão. Se cada um fizer o que quiser, haverá confusão e desordem, o que a Palavra de Deus condena.¹⁹³

5.5.1.2.

Revisão de Hinos e Cânticos

Sendo necessário também, devem-se revisar cânticos e hinos. Falar sobre revisão de cânticos pode ser mais fácil do que de hinos, mas, esse assunto precisa

¹⁹¹ GOURGUES, M. *Os hinos do Novo Testamento*. Trad. José Maria da Costa Villar. São Paulo: Paulus, 1995, p. 21.

¹⁹² GELINEAU, Joseph. *Em vossas assembleias: sentido e prática da celebração litúrgica*. São Paulo: Paulinas, 1975, vol. 1, p. 10.

¹⁹³ FERREIRA, Damy. *Teologia do Louvor*, p. 36-37.

ser aludido. Se um hino não estiver de acordo com o que a Bíblia diz e com a crença batista, deve ser revisado ou refutado.

É louvável, em vários aspectos, a atitude da comissão que elaborou o Hinário Para o Culto Cristão, pois fez correções necessárias nas letras de consagrados hinos do antigo Cantor Cristão.

Um exemplo dessa revisão aconteceu com o hino 381 do Cantor Cristão, que, num determinado momento, traz a expressão “olhar com simpatia os erros de um irmão”. A comissão alterou e corrigiu na versão do Hinário Para o Culto Cristão, que, assim o traz: “humildes perdoando as faltas de um irmão”. E nessa linha prossegue.

É preciso ter coragem e revisar os hinos que estão equivocados em sua mensagem, bem como os cânticos.

Já dizia Damy Ferreira que

hoje alguns hinetos trazem declarações erradas sobre o Espírito Santo, sobre a Teologia da Prosperidade, sobre Declaração Positiva, e vários outros temas em voga no nosso mundo religioso. É preciso examinar pela Bíblia se a letra do louvor que o cristão está cantando agrada ou não a Deus. Além disso, é preciso saber se toda a congregação concorda com aquela letra. O que ocorre é que muitos hinetos cantados em nossas igrejas nós nem sabemos quem os fez. E então ficamos cantando um “enlatado” que nem sabemos, de início, se concordamos ou não com o seu conteúdo.¹⁹⁴

Tudo o que contraria a crença deve ser refutado, numa demonstração de seriedade e compromisso com a harmonia entre crença e canto.

5.5.1.3.

Composições

Faltam compositores no meio batista. Muitos problemas, principalmente com os cânticos contemporâneos, seriam solucionados se os batistas compusessem músicas de acordo com a sua crença e colocassem à disposição das igrejas. O problema entre crença e canto diminuiria consideravelmente.

Vemos as dificuldades dos músicos em não encontrarem textos adequados a uma criação rica e bela, o descuido de pessoas responsáveis em formar os cantores, dirigentes de assembléia, instrumentistas e corais. Por falta de formação ou respon-

¹⁹⁴ FERREIRA, Damy. *Teologia do Louvor*, p. 42.

sabilidade, quantos pastores não têm permitido a banalização do canto, a adoção de músicas de rádio ou televisão, imperando a lei do menor esforço?¹⁹⁵

5.5.2.

Capacitação de Dirigentes de Culto

Ao se falar de sugestões práticas, é preciso destacar a capacitação dos dirigentes de culto, isso porque em muitas igrejas batistas o pastor não dirige a liturgia, como as próprias pesquisas mostraram. Ela é dirigida por membros ou outros pastores que auxiliam o titular.

As pessoas que conduzem a liturgia, portanto, precisam ser capacitadas. Compete ao pastor o treinamento dessas pessoas, passando a sua visão, uma vez que é o responsável pela vivência litúrgica da igreja.

Muitas pessoas assumem um púlpito e conduzem uma congregação na liturgia sem reconhecer pelo menos as partes da mesma.¹⁹⁶ Não compreendem que há um momento de chamada à adoração, não conseguem fazer a liturgia transcorrer como um todo. Às vezes, fazem vários comentários desnecessários e até quebram o sentido da liturgia. Isso, por falta de orientação.

Se o pastor deseja compartilhar a direção das liturgias, deve, no mínimo, orientar as pessoas por ele escaladas para assim o fazê-lo. É preciso destacar também que há pastores que não sabem dirigir um culto. Passam anos num seminário e não aprendem o básico do assunto. Das duas uma, ou os seminários não estão cumprindo bem a missão da formação pastoral ou tais alunos não estudaram como deveria.

A igreja pode oferecer aos seus membros e interessados de outras comunidades cristãs, um curso de direção de culto, visando capacitação para o próprio

¹⁹⁵ GELINEAU, Joseph. *Em vossas assembléias: sentido e prática da celebração litúrgica*, p. 10.

¹⁹⁶ Muitos desconhecem a estrutura básica da liturgia. Messias Valverde apresenta a estrutura do culto, conforme legado bíblico, desenvolvida dentro dos seguintes parâmetros: invocação (que é o reconhecimento de que o culto só se inicia de verdade com a convicção de Deus e os fiéis ocupam o mesmo espaço para o diálogo cúllico); confissão (não somente como formalidade litúrgica, obviamente); louvor (fruto de uma adoração sincera); edificação (é o mesmo que proclamação. Quando o pregador expõe a Bíblia); dedicação (momento de desafios para a colocação da vida à serviço de Deus); bênção (momento de encerramento, quando o ministro impõe as mãos sobre a comunidade e a despede para o serviço a Deus). VALVERDE, Messias. *Liturgia e Pregação*. São Paulo: Exodus, 1996, p. 26-32.

proveito da igreja. O pastor, ou alguém preparado para tal, pode elaborar um programa e lecionar, selecionando boas leituras e apresentando as sugestões.

Neste curso, deve ser ensinado como elaborar uma liturgia, dando os subsídios básicos e mostrando a sua história no meio cristão. Por mais que tal proposta seja trabalhosa, a vivência litúrgica da igreja merece esse investimento. O pastor, principal responsável por isso, precisa olhar para essa necessidade.

Ir à uma igreja e encontrar um dirigente de culto despreparado, transformando a liturgia num desconexo momento de falares isolados ou em pândega, é, no mínimo, vergonhoso. Isso faz mal à uma mente pensante.

Não é justo o argumento de que Deus capacita e de que o culto é para Deus e do jeito que a pessoa o fizer está bom. Por mais que se possa crer que um culto é para Deus, o preparo faz parte desse oferecimento.

A capacitação de dirigentes também, e, principalmente para este autor, é uma questão de respeito aos participantes do culto.

5.5.3.

Postura no Púlpito

A comunidade tende a seguir o exemplo do seu líder. Aquilo que ela constantemente vê acaba por repetir. Se o pastor e aqueles que estão no púlpito têm uma boa postura o povo a assimilará.

O pastor precisa ter consciência de que todas as suas ações comunicam. Se a comunidade está cantando um hino, por exemplo, e por uma determinada questão o pastor não está cantando, a tendência é que os seus ouvintes pensem que ele está reprovando a música.

É preciso admitir também que não dá mais para que um dirigente de culto assumira uma postura militarizada diante da congregação, com ásperas ordens de comando, como “fiquem de pé”, “sentem-se” ou “cantem”. No mínimo, essas expressões deveriam ser na primeira pessoa do plural, para que o dirigente se incluía nelas. Ou melhor, que venham acompanhadas de palavras como “por favor” ou “por gentileza”.

O povo merece respeito. Tudo já é tão difícil e sem educação nos diversos ambientes, pelo menos na igreja não deve ser assim. Parece que alguns líderes não conseguem pedir, só mandar. São incapazes de dizer “irmãos e irmãs, por gentileza, fiquem de pé”. A postura refinada no púlpito influencia a postura da congregação. Um povo gentil cumpre melhor a missão.

O domínio básico da língua faz parte dessa postura refinada. Geralmente, os pastores batistas passaram por um seminário e comprovaram, para tal, a formação exigida. Alguém que lida com público, mediante a palavra, precisa pelo menos se esforçar para detectar seus possíveis problemas e procurar corrigi-los.

5.5.4.

Horário

Outro aspecto prático relacionado à liturgia é o horário, que precisa ser respeitado. Para alguns, horário é algo que existe por mera tradição. São aqueles cultos que, além de não começarem à hora, não têm horário para terminar.

Obviamente que horário sempre deve ser um assunto flexível em se tratando de liturgia, principalmente. Mas, com um bom preparo, não será preciso passar do estabelecido e as pessoas, em contrapartida, se organizarão melhor.

Se há um horário preestabelecido para o início do culto, que seja cumprido, independente da quantidade de pessoas que para ele tenham chegado. Afinal, os pontuais precisam ser respeitados.

Que o mesmo seja feito com o horário de encerramento. Nem sempre será pela quantidade extensa de tempo da liturgia que esta será capaz de expressar qualidade.

5.5.5.

Sonorização

As igrejas se utilizam de recursos para a sonorização do seu local de culto. Mesmo sendo um serviço voluntário em sua maioria absoluta, os operadores de som precisam receber orientações técnicas. A igreja precisa investir nessa pessoa.

Muitas vezes, principalmente no momento de cânticos acompanhados por bandas, os decibéis vão além do necessário. Isso, além de prejuízos comprovados para a saúde dos ouvintes, manifesta-se em falta de respeito com os vizinhos do prédio da igreja e com os próprios frequentadores.

A tendência de um músico, por exemplo, é querer sempre ouvir o instrumento que executa acima dos demais. Em contrapartida, cada músico vai aumentando o volume do som do seu instrumento e os microfones acabam por precisar sofrer aumento de volume também. O ambiente fica impraticável, ainda mais se nele houver crianças de colo, com audição super sensível.

Um ambiente bem sonorizado evita problemas com volume. As igrejas precisam investir nessa área. Muitas vezes há aparelhos além do necessário, com alto custo de manutenção. Uma orientação técnica faz diferença nessa questão.

5.5.6.

Iluminação

Num ambiente frequentado por pessoas de diversas idades, é necessária uma atenção especial à iluminação. Muitos ambientes de igrejas são escuros ou claros demais, dificultando a visibilidade na hora da leitura bíblica, por exemplo.

Sugere-se uma consulta técnica também nessa área. O auxílio de um competente profissional ajudará a resolver isso.

5.5.7.

Produção Gráfica

A maioria das igrejas adota um boletim informativo, contendo ou não a liturgia. Essas publicações, geralmente dominicais, precisam de um mínimo de qualidade.

É importante buscar a qualidade gráfica, tendo um boletim apresentado com uma boa diagramação, que saiba combinar a utilização de fontes, tamanhos, negritos e itálicos. Nada exagerado, nem aquém. Muitos boletins apresentam letras minúsculas em espaçamentos quase inexistentes. Isso às vezes ocorre pela necessidade de economia por parte do tamanho do próprio boletim. Se este for o caso, as informações devem ser melhor selecionadas e distribuídas.

Outro aspecto é a qualidade das cópias. O informativo acaba virando o cartão de visita da igreja. Os visitantes recebem e levam para as suas casas esse material. Boletins manchados e com letras falhadas acabam depreciando a igreja. Melhor não os ter a oferecê-los nessas condições.

Também é preciso cuidar da ortografia. Quantos erros de português nos informativos! O próprio pastor deve revisá-lo, mas, se precisar, deve contar com o auxílio de alguém que possua formação ou domínio básico da língua. Os boletins precisam ser revisados.

Todos esses cuidados não devem se restringir aos boletins, mas, às produções gráficas da igreja em geral. Quantas vezes são feitos panfletos de determinados eventos divulgando o horário numa escrita totalmente fora dos padrões, dentre outros erros comuns. Um pouco mais de cuidado nessa área melhorará e muito a dinâmica da igreja.

5.5.8.

Anúncios

Um dos momentos mais desastrosos na liturgia das igrejas têm sido os anúncios. É lastimável quando uma celebração é interrompida por causa deles.

Muitas vezes a liturgia está trabalhando um tema e este é cortado simplesmente para falar de cantina, mutirão de obras etc.

O ideal é que os anúncios venham bem redigidos no boletim ou bem projetados no *datashow*, para que, nos casos mais necessários, sejam feitos apenas destaques pelo pastor, antes da liturgia propriamente começar ou nos minutos finais do culto, sendo a primeira opção a melhor, para não fazer as pessoas saírem do culto com anúncios na cabeça, ao invés do aprendizado do culto.

Há cultos que são feitos de anúncios, entremeados com hinos, orações, solos e mensagem. O pastor precisa orientar a igreja e trabalhar o valor da liturgia, para que esta não seja “corrompida” por anúncios, muitos deles repetitivos, que o povo está “cansado” de saber.

5.5.9.

Prelúdio e Poslúdio

Compete ao pastor conscientizar a igreja dos momentos de prelúdio e poslúdio numa liturgia. Em muitas igrejas o prelúdio é uma música para embalar a conversa das pessoas. Não se está afirmando que as pessoas não devem se relacionar, mas, quando o prelúdio acontece é o momento de todos pararem e voltarem-se exclusivamente para o culto da comunidade. Também é um momento propício para orações em silêncio e individuais.

O prelúdio já é momento litúrgico. Assim como o poslúdio ainda o é. Poslúdio não é o mesmo que recessional. Não é música de saída. A solenidade com que a liturgia deve começar e terminar é corroborada pelo prelúdio e o poslúdio. Esses elementos são de grande contribuição para a beleza do momento e podem ser bastante criativos.

Num determinado culto, o prelúdio pode ser cantado, pela congregação ou pelo coro. Pode ser tocado por uma banda, ou simplesmente pelo piano. Pode ser uma música instrumental gravada. Enfim, há inúmeras maneiras de serem realizados os prelúdios e os poslúdios. Que os pastores “abram os olhos” para esses momentos litúrgicos, assim como o devem fazer em toda a liturgia.

6.

Conclusão

Retomando os postulados iniciais, essa tese dedicou-se a estudar o culto das igrejas batistas litorâneas fluminenses, tendo por objetivo central, após analisar a realidade litúrgica, apresentar princípios para o resgate da centralidade cristológica no referido culto, além de oferecer algumas sugestões práticas para a dinâmica do mesmo.

Todo esse caminho percorrido “pôs na mesa” um ponto nevrálgico das igrejas batistas, especialmente diante da “questão litúrgica”: o princípio da autonomia da igreja local. Por mais que seja um dos princípios batistas mais valiosos e que mais identificam a denominação, essa autonomia é um aspecto sensível, uma “dor de cabeça” em potencial.

Todavia, sempre ficou claro que esse trabalho não teve por propósito questionar tal princípio. Ele é uma realidade apreciada e defendida por esse autor. A tese fez-se relevante à denominação batista justamente por não ferir um princípio essencial, mas por afirmar-se no meio de um conflito inevitável. A autonomia abre espaço para desvios, mas não é uma regra, no sentido de que toda igreja batista se desviará da doutrina por causa dela. É plenamente possível manter um culto cristológico, mesmo sendo uma congregação local autônoma. Uma coisa não está obrigatoriamente ligada à outra. Essa é a esperança que moveu toda a produção textual.

Assim como não se questionou o princípio batista da autonomia da igreja local, também não se questionou outra realidade patente: a pluralidade litúrgica. Uma realidade litúrgica plural não será daninha, desde que não comprometa princípios teológicos essenciais ao culto cristológico. Pluralidade sem comprometer a centralidade cristológica do culto é bem-vinda. Mas, faz-se necessário voltar a reafirmar que o contexto plural somado à autonomia da congregação local favorece os desvios cristológicos, dentre outros. Em nenhum momento na tese esqueceu-se disso.

Uma vez que cada igreja batista litorânea fluminense é uma congregação local autônoma e que não há uma padronização litúrgica na denominação batista, evidenciou-se uma parte responsável pela pluralidade litúrgica passível de esvaziamento de centralidade cristológica, formando o que pode ser chamado de um “círculo vicioso”: ausência de padronização litúrgica gera pluralidade litúrgica e pluralidade litúrgica gera ausência de padronização. Com isso, o culto das igrejas batistas litorâneas fluminenses tornou-se extremamente acessível a influências que, uma vez assimiladas, comprometem a essência teológico-doutrinária, principalmente em termos cristológicos, ou em outras palavras, a prática cultual influencia a doutrina “ortodoxa” batista.

Foi comprovada a influência do modelo litúrgico neopentecostal no culto das igrejas batistas litorâneas fluminenses. Há predomínio do culto no padrão litúrgico livre, tomado pelos cânticos avulsos, no chamado “momento de louvor”. Já foi afirmado que o problema não está necessariamente em cantar cânticos avulsos, mas na seleção dos mesmos. Algo que já foi amplamente tratado no decorrer do trabalho.

Onde reside o prejuízo? A prática evidencia que as igrejas batistas influenciadas pelo modelo litúrgico neopentecostal passam a ter problemas com o esvaziamento da centralidade cristológica no culto, assumindo uma postura mercadológica, clientelista, descaracterizando doutrina e princípios denominacionais. O culto ao invés de cristocêntrico, ganha contornos “afetivos/terapêuticos”, buscando em primeiro plano satisfazer as pessoas, numa relação comercial e catártica.

Como anular essas influências negativas? Por que elas acabam chegando, e com força, nas igrejas batistas litorâneas fluminenses? Como resgatar a centralidade cristológica no culto dessas igrejas? Para oferecer essas respostas, a tese caminhou no sentido que fora apresentado.

O segundo capítulo foi desenvolvido na perspectiva de um resgate histórico-teológico da Teologia do Culto Cristão, visitando, inclusive, tradições que antecedem a tradição batista. Para os batistas, em geral, é importantíssimo conhecer essa Teologia, por ser basilar para se entender o que é culto e como elaborar e zelar pela liturgia. O culto é muito mais do que cantar e ouvir um sermão entre

quatro paredes. Culto é “lugar” da vivência de fé e nunca a sua Teologia poderá ser desprezada, muito menos desconhecida.

Após conduzir o leitor à Teologia do Culto Cristão, num resgate histórico-teológico, nasceu o terceiro capítulo, que promoveu o diálogo dessa riqueza teológica com a Igreja Batista. Esse diálogo fortaleceu a construção das respostas, pois apresentou a liturgia batista, ou seja, defendeu que há uma “fé batista”, há um “culto batista”. O que acontece nele? O que é central nele e quais as influências que são problemáticas? Esse diálogo foi fundamental para chegar a respostas. Nesse capítulo também foi possível elencar os reflexos na prática litúrgica das igrejas batistas litorâneas fluminenses e desenvolver o que foi chamado de “legado batista”. Há um estilo cútico e foi precioso para esse capítulo cotejá-lo com a Teologia do Culto Cristão.

A partir daí, havia maturidade conceitual, bagagem histórico-teológica da Teologia do Culto Cristão e da liturgia batista, para, então, ser feita uma leitura da prática litúrgica das igrejas batistas litorâneas fluminenses. Razão pela qual o quarto capítulo se ocupou de apresentar e analisar dados advindos de entrevistas, frutos de pesquisa de campo. Tais informações foram importantíssimas para comprovação e formulação de linhas teológico-práticas que foram oferecidas às igrejas batistas litorâneas fluminenses no quinto capítulo, versando um culto cristológico.

As linhas apresentadas no quinto capítulo firmaram-se num equilíbrio trinitário, a partir da centralidade cristológica. Por isso, foi afirmado que um culto cristológico é aquele que apresenta o Deus de Jesus Cristo, que atualiza palavras e gestos salvíficos de Jesus Cristo, que é conduzido pelo Espírito de Cristo e que promove a reunião da membresia redimida por Cristo. Também foram oferecidas algumas sugestões práticas para a dinâmica do culto batista litorâneo fluminense.

A realidade das igrejas batistas litorâneas fluminenses certamente pode ser estendida ao Brasil batista, por amostragem. Todas as igrejas cristãs históricas também passam por esse tipo de problema de influência neopentecostal em seus

cultos. É uma questão que atinge as denominações históricas, e, em pouco tempo, até mesmo as mais novas¹⁹⁷.

É claro que o presente trabalho tem suas limitações. Uma delas foi a quantidade reduzida de fontes batistas sobre o assunto. Não há vasta produção de tradição batista na área, ainda mais se propondo ao resgate histórico-teológico da Teologia do Culto Cristão em tradições diferentes. Há muitas fontes noutras tradições, mas, as escolhas foram feitas para que também fosse privilegiada a tradição eclesial do autor. Até porque a presente tese pretende-se uma relevante contribuição para os batistas, primeiramente.

Durante toda a produção textual, foi necessário conviver com a escassez de fonte na tradição batista. Isso mostra o pioneirismo do trabalho. Foi preciso percorrer um caminho para se buscar o que outras tradições cristãs históricas pensam e praticam em termos de culto, o que exigiu maior tempo de pesquisa e produção intelectual.

Daí derivou-se a extensão da pesquisa. Esta não é uma tese extensa, mas, consciente e responsabilmente, procurou visitar várias fontes, contudo, mantendo a fidelidade acadêmica ao endereço eclesial do autor. Foi um preço pago que, embora alto, tornou-se prazeroso ao contemplar o que foi realizado.

A partir deste trabalho, novas pesquisas podem nascer, pois há outras riquezas a serem exploradas. Há outras contribuições que podem ser oferecidas à comunidade acadêmica. Podem ser feitos outros cortes geográficos, bem como entrevistas noutros seminários de confissão batista no Brasil.

Há temas que, pelas limitações já apresentadas e por não fazerem parte do foco da pesquisa, não foram enfatizados e que dariam pesquisas relevantes, como: desenvolvimento de uma pneumatologia para o culto cristão diante do atual avanço do neopentecostalismo; o que é culto no Espírito; formação de líderes, com valorização do preparo continuado. Ainda há uma mina que não foi explorada nesta tese e poderá ser em trabalhos futuros.

¹⁹⁷ Essa é a razão pela qual alguns pentecostais, inclusive, não se identificam mais com os neopentecostais.

Mas, o proposto foi feito. A tese chegou aonde queria chegar, cumpriu a jornada para a qual se lançou: a importância da Teologia do Culto Cristão e a necessidade de um culto cristológico. A tese augura despertar o interesse para outras pesquisas, aprofundando-se, ainda mais, no assunto. Ao se pensar em culto e ao se fazer uma liturgia, aqui há princípios fundamentais que ajudarão no resgate e na manutenção da centralidade cristológica no culto. Não como um “manual”, mas como princípios capazes de provocar uma sólida reflexão sobre o tema.

Culto é assunto seríssimo e pensar a liturgia dentro de uma denominação é pensar uma história e uma tradição, como também lançar olhares à contextualização. Os batistas possuem um conjunto de crenças; foi a partir dessas crenças que nasceram as propostas, sem contrariá-las, mas, desafiando as igrejas batistas litô-râneas fluminenses a uma contextualização e, ao mesmo tempo, a um retorno.

Não existe liturgia sem teologia. A liturgia é a realização mais perfeita da experiência da vida da igreja com Deus. Move-se, pois, entre o espaço da experiência e o espaço da revelação. Nesse movimento, estão presentes a história, portadora da tradição, a cultura, que expressa os desejos humanos, e a arte, manifestação do poder criativo do ser humano. Porque a liturgia é esse movimento, modifica-se segundo as exigências do tempo e do espaço. Não se pode ter no século XX a mesma liturgia do primeiro século pelas mesmas razões que não se pode repetir agora a teologia do passado. Vê-se então que ela oscila entre aquilo que sempre foi e aquilo que precisa ser agora. A igreja celebra o culto consciente dessa constante tensão. É do fundo dessa tensão que a liturgia se abre para o momento presente.¹⁹⁸

Através da liturgia se desenvolve o serviço cristão. Por isso, foram sugeridas ações de envolvimento de todo o povo numa ação comunitária. É claro que as igrejas são compostas de muitos membros e cada um traz a sua bagagem e o seu entendimento, mas, pela consciência de servo, como discorre Carrol, é preciso prosseguir.

A importância da resposta reveladora do Senhor – “Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele darás culto” – é vista na ordem que apresenta: primeiro, adoração; depois, serviço. A adoração vem sempre antes do serviço. E observe: “só a ele darás culto”. Mas, você poderia dizer “eu sirvo à minha igreja”. Não, você serve basicamente ao Senhor na sua igreja. Você poderá sentir-se insatisfeito com algumas coisas que acontecem na sua igreja; mas você não pode sentir-se insatisfeito com o Senhor. Ele o colocou na igreja onde está para servi-lo.¹⁹⁹

¹⁹⁸ MARASCHIN, Jaci. *A beleza da santidade: ensaios de liturgia*, p. 67.

¹⁹⁹ CARROLL, Joseph S. *Como adorar o Senhor Jesus Cristo*. 2 ed. São José dos Campos: Fiel, 1999, p. 39.

Em síntese, o culto cristológico precisa apresentar o Deus de Jesus Cristo, o Deus cristão, enfatizando os seus feitos. Precisa celebrar os eventos cristãos. Obviamente que também precisa haver equilíbrio, pois, múltiplas são as tendências. O equilíbrio traz a consciência de que a igreja e a sua celebração litúrgica é para todos, numa visão da integralidade do culto.

Como responsável pela igreja, o pastor também o é pela liturgia e não deve se eximir desse compromisso. Até porque na própria liturgia devem ser ensinadas as doutrinas batistas.

É importante também o resgate dos símbolos cristãos, que corroboram para o entendimento da congregação que deve encarar a liturgia como algo de profunda seriedade. Esses conceitos e posturas podem ser ensinados na própria liturgia, que tem valor sócio-educativo.

O culto cristológico também precisa atualizar as palavras e gestos salvíficos de Jesus, sendo, de igual forma, conduzido pelo Espírito, reunindo, consequentemente, a membresia redimida. Razão pela qual as igrejas precisam enfatizar a coletividade na liturgia. A ênfase na individualidade deve ser equacionada. A salvação cristã é individual, mas a pessoa a experimenta dentro e com uma comunidade.

Evidentemente, sobre a temática, há muito que se refletir. Mas, por hora, fica o ideal para o qual esta pesquisa foi nascida: reafirmar o valor do culto cristão e fomentar nas igrejas batistas litorâneas flumienses maior dedicação ao tema, sempre no ideal de que o culto seja verdadeiramente cristológico.

7.

Referências Bibliográficas

AIGNER, Ricardo. **Caminhos para uma atualização do repertório coral evangélico**. Rio de Janeiro, 2006. 202p. Dissertação (Especialização em Composição Musical) – Universidade do Rio de Janeiro.

ALBUQUERQUE, Amaro Cavalcanti et. al. **Música brasileira na liturgia**. São Paulo: Paulus, 2005.

ALLMEN, J. J. Von. **O culto cristão: teologia e prática**. Trad. Dirson Glênio Vergara dos Santos. São Paulo: Aste, 1968.

ALVES, Rubem (org.). **CultoArte: celebrando a vida: advento, natal, epifania**. Campinas, SP: CEBEP; Petrópolis: Vozes, 1999.

ANGIULI, Vito. **Educazione Come Mistagogia**. Roma: Centro Liturgico Vincenziano, 2010.

AUGÉ, Matias. **Liturgia**. São Paulo: Ave Maria, 1992.

AZEVEDO, Israel Belo de. **A Celebração do Indivíduo** – a formação do pensamento batista brasileiro. São Paulo: Vida Nova, 2004.

_____. **O Prazer da Produção Científica**. 10 ed. São Paulo: Hagnos, 2001.

BAGGIO, Sandro. **Música cristã contemporânea**. São Paulo: Vida, 2005.

BAIRD, Charles W. **A Liturgia Reformada: ensaio histórico**. Trad. Marcia Serra Ribeiro Viana. Santa Bárbara d'Oeste: SOCEP, 2001.

BECKHAUSER, A. **Celebrar a vida**. Petrópolis: Vozes, 1988.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: nova versão internacional. São Paulo: SBI, 2000.

BOFF, Leonardo. **Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1975.

BOROBIO, D. (org.). **A celebração da Igreja**. Vol 1. Liturgia e sacramentologia fundamental. São Paulo: Loyola, 1990.

_____. **A Celebração da Igreja**. Vol 2. Sacramentos. São Paulo: Loyola, 1993.

_____. **A Celebração da Igreja**. Vol 3. Ritmos e tempos de celebração. São Paulo, Loyola, 2000.

BOSCH, David J. **Missão Transformadora**: mudanças de paradigma na teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

BOTTE, Bernard. **O movimento litúrgico**. Trad. Solange Latour Nogueira. São Paulo: Paulinas, 1978.

BRAGA, Henriqueta Rosa Fernandes. **Música Sacra Evangélica no Brasil**. Rio de Janeiro: Kosmos, 1961.

BRUNNER, Peter. **Worship in the name of Jesus**: English edition of a definitive work on Christian worship in the congregation. St. Louis: Concordia, 1968.

CALDAS, Carlos. **O Último Missionário**. São Paulo: Mundo Cristão, 2001.

CAMPOS, Adhemar de. **Adoração e Avivamento**. São Paulo: W4ENDOnet, 2002.

CAROTHERS, Merlin. **Louvor em Ação**. São Paulo: Vida, 1987.

_____. **O poder do louvor**. Trad. Emma Anders de Souza Lima. Belo Horizonte: Betânia, 1986.

CARROLL, Joseph S. **Como adorar o Senhor Jesus Cristo**. 2 ed. São José dos Campos: Fiel, 1999.

CASTRO, Jilton Moraes de. **Púlpito: pregação e música** – palavra e música unidas na pregação da Palavra. Rio de Janeiro: JUERP, 2002.

CODINA, V. - IRARRAZAVAL, D. **Sacramentos de iniciação**. Petrópolis: Vozes, 1991.

COELHO FILHO, Isaltino Gomes. **A Questão da Liturgia**. Toledo, 1996. I v. não paginado, mimeografado.

COCKSWORTH, Christopher. **Santo, Santo, Santo: o culto ao Deus trinitário**. São Paulo: Loyola, 2004.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição “Sacrosanctum Concilium” sobre a sagrada liturgia** (04/12/1963). 10 ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

CONSELHO MUNDIAL DAS IGREJAS. **Batismo, Eucaristia, Ministério**. Rio de Janeiro: CEDI, 1984.

CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. **Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira.** Disponível em: <http://batistas.com/index.php?option=com_content&view=article&id=15&Itemid=15>. Acesso em: 26 fev. 2006.

CORBON, J. **A fonte da liturgia.** Lisboa: Paulinas, 2004.

CORNWALL, Judson. **Adoração como Jesus ensinou.** Trad. Myrian Talitha Lins. Belo Horizonte: Betânia, 1995.

CORRÊA, Ricardo M. **O Ofício do Adorador.** São Paulo: Hosana, 1999.

COSTA, Valeriano Santos. **Viver a Ritualidade Litúrgica Como Momento Histórico da Salvação.** São Paulo: Paulinas, 2005.

COSTAS, Orlando. **El protestantismo en America Latina hoy: ensayos del camino.** San José: INDEF, 1975.

CULLMAN, Oscar. **Cristologia do Novo Testamento.** São Paulo: Liber, 2001.

DATTLER, Frederico. **Léxico Bíblico Litúrgico.** Petrópolis: Vozes, 1972.

DAVIES, J. G. **Culto e Missão.** Trad. Luiz Marcos Sander. São Leopoldo: Sino-dal, 1977.

DIMARZIO, Nilson. **Como cultuar a Deus.** 3 ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1987.

DUCHESNEAU, C. **A celebração na vida.** São Paulo: Paulinas, 1977.

DUFRESNE, P. **Liturgia da Igreja doméstica.** São Paulo: Paulinas, 1976.

EASTMAN, Dick. **Digno de Louvor**. Trad. Myrian Talitha Lins. Belo Horizonte: Betânia, 1987.

EVDOKIMOV, P. **O Sacramento do amor**. São Paulo: Paulinas, 1998.

FAUSTINI, João W. **Música e Adoração**. São Paulo: Imprensa Metodista, 1973.

FERLAY, P. **Jesus, nossa Páscoa**. São Paulo: Paulinas, 1978.

FERREIRA, Damy. **Louvor a Deus... será?** São Paulo: Editora Batista Regular, 1997.

_____. **Teologia do Louvor**. Rio de Janeiro: Horizontal, 2004.

FERREIRA, Ebenézer Soares. **Manual da Igreja e do Obreiro**. 10 ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1995.

FITTS, Bob. **O mover do Espírito Santo na Adoração**. Trad. Gerson Ortega. São Paulo: W4ENDOnet, 2002.

FREDERICO, Denise Cordeiro de Souza. **Cantos Para o Culto Cristão**. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

_____. **Liturgia: das origens até os batistas brasileiros**. Porto Alegre: EST, 1994.

_____. **O Que é Liturgia?** Rio de Janeiro: MK, 2004.

GELINEAU, Joseph. **Canto e Música no Culto Cristão**. Trad. Maria Luíza Jardim de Amarante. Petrópolis: Vozes, 1968.

_____. **Em vossas assembléias: sentido e prática da celebração litúrgica**. Vol. 1. São Paulo: Paulinas, 1975.

_____. **Em vossas assembléias:** sentido e prática da celebração litúrgica. Vol. 2. São Paulo: Paulinas, 1974.

_____. **O amanhã da liturgia.** São Paulo: Paulinas, 1977.

GIRAUDO, Cesare. **Num Só Corpo:** tratado mistagógico sobre a eucaristia. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2014.

GORBON, Jean. **Liturgia de fonte.** Trad. M. Cecília de M. Duprat. São Paulo: Paulinas, 1981.

GOSSETT, Don. **A Força Explosiva do Louvor.** Trad. Maria Antonieta Kanji. Florida: Vida, 1987.

GOURGUES, M. **Os hinos do Novo Testamento.** Trad. José Maria da Costa Villar. São Paulo: Paulus, 1995.

GUIMARÃES, Marcelo. **Dia do Senhor:** guia para as celebrações das comunidades. Vol. 6. São Paulo: Paulinas, 2005.

HAHN, Carl Joseph. **História do Culto Protestante no Brasil.** Trad. Antonio Gouvêa Mendonça. São Paulo: Aste, 1989.

HAIGHT, Roger. **Jesus, Símbolo de Deus.** Trad. Jonas Pereira dos Santos. São Paulo: Paulinas, 2003.

HOON, Paul Waitman. **The integrity of worship:** ecumenical and pastoral studies in Liturgical Theology. Nashville: Abingdon, 1971.

HUSTAD, Donald P. **Jubilate! A música na igreja.** Trad. Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 1986.

ICHTER, Bill H. (org.). **A música e seu uso nas igrejas**. Rio de Janeiro: JUERP, 1977.

_____. **A música sacra e sua história**. Rio de Janeiro: JUERP, 1976.

KILPP, Nelson (org.). **Proclamar Libertação**. Suplemento 1. 2 ed. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

KIRST, Nelson. **A Liturgia Toda: parte por parte**. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

_____. **Nossa Liturgia: das origens até hoje**. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

_____. Liturgia. In: HARPPRECHT, Christoph Schneider (org.). **Teologia Prática no Contexto da América Latina**. São Paulo: ASTE, 2005.

KLEIN, Carlos Jeremias. **Os Sacramentos na Tradição Reformada**. São Paulo: Fonte Editorial, 2005.

KNEBELKAMP, Ari & TREIN, Hans Alfred. **Liturgia: como se faz**. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

KONINGS, Johan. **Espírito e Mensagem da Liturgia Dominical**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. **Liturgia dominical: mistério de Cristo e formação dos fiéis**. Petrópolis: Vozes, 2003.

KRAABEL, Alf M. **Dez Estudos Sobre os Sacramentos**. Trad. Henrique Goltz. São Paulo: Luterana, 1961.

LEBON, J. **Para viver a liturgia**. São Paulo: Loyola, 1983.

LÉONARD, Émile G. **O Protestantismo Brasileiro**. 3 ed. Trad. Linneu de Camargo Schützer. São Paulo: Aste, 2002.

LIESCH, Barry. **Nova Adoração**: dos hinos tradicionais aos cânticos congregacionais. Trad. Jorge Camargo. São Paulo: Ecclesia, 2003.

LIMA JÚNIOR, Joviano de. **A eucaristia que celebramos**: explicação popular da missa. São Paulo: Paulinas, 1982.

LUCAS, Kleber; VILAÇA, Luciano. **Vinde Adoremos**. Niterói: Proclama, 1999.

LUTERO, Martin. **Do Cativo Babilônico da Igreja**. Trad. Martin N. Dreher. São Leopoldo: Sinodal, 1982.

LUTZ, Gregório. **Liturgia**. São Paulo: Paulinas, 1981.

_____. **Liturgia – a família de Deus em festa**. São Paulo: Paulinas, 1978.

MAERTENS, Thierry. **Reúne o meu povo**: a assembléia cristã da teologia bíblica à pastoral do século XX. Trad. Affonso Ritter e Ney Paranhos. São Paulo: Paulinas, 1977.

MARASCHIN, Jaci Correia (ed.). **Culto Protestante no Brasil**. Vol. 2. São Bernardo do Campo, SP: Imprensa Metodista, 1985.

_____. **A beleza da santidade**: ensaios de liturgia. São Paulo: Aste, 1996.

MARTIMORT, A. G. **A Igreja em Oração**. Vol. 1. Princípios da liturgia. Petrópolis: Vozes, 1988.

_____. **A Igreja em Oração**. Vol. 2. A Eucaristia. Petrópolis: Vozes, 1989.

_____. **A Igreja em Oração**. Vol. 3. Os Sacramentos. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. **A Igreja em Oração**. Vol. 4. A Liturgia e o tempo. Petrópolis: Vozes, 1992.

MARTÍN, J. L. **No Espírito e na Verdade**. Vol. I. Introdução teológica à liturgia. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **No Espírito e na Verdade**. Vol. II. Introdução antropológica à liturgia. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARTIN, Ralph P. **Adoração na Igreja Primitiva**. Trad. Gordon Chow. São Paulo: Vida Nova, 1982.

MAXWELL, William D. **El Culto Cristiano**: su evolución e sus formas. Buenos Aires: Methopress, 1963.

MENDONÇA, Anônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O celeste porvir**: a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: Paulinas, 1984.

MOLTMANN, Jürgen. **O Espírito da vida**: uma pneumatologia integral. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **Teologia da Esperança**. São Paulo: Teológica, 2003.

MONLOUBOU, L. et. al. **A Eucarista na Bíblia**. São Paulo: Paulinas, 1985.

MONTEIRO, Simeide Barros. **O Cântico da Vida** – análise e conceitos fundamentais expressos nos cânticos das igrejas evangélicas no Brasil. São Bernardo do Campo: Aste, 1991.

MORAES, Antônio José de; MIRANDA, Mário França de. **Análise da estrutura literário-teológica das orações eucarísticas para missas com crianças: um estudo a partir da metodologia mistagógica de Cesare Giraudo**. 2009. 151 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2009.

MUHLEN, H. **Fé cristã renovada**. São Paulo: Loyola, 1980.

NEUNHEUSER, B. et. al. **A Liturgia – momento histórico da salvação**. São Paulo: Paulinas, 1986.

OWENS, Ron. **Retorno à Adoração**. Trad. Durval de Almeida Godoy Filho et. al. TENNESSE: Broadman e Holman, 1999.

PARISSE, Luciano. **A Liturgia e o Homem**. Petrópolis: Vozes, 1967.

PHILIPPE, M. D. **Um só Deus adorará**s. Trad. Teresa de Araujo Penha. São Paulo: Flamboyant, 1960.

PORTO, Humberto. **Liturgia Judaica e Liturgia Cristã**. São Paulo: Paulinas, 1997.

REYNAL, Daniel de. **Teologia da Liturgia das Horas**. Trad. Maria Ruth Alves e Joviano de Lima Jr. São Paulo: Paulinas, 1981.

RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo no Brasil Monárquico, 1822-1888: aspectos culturais de aceitação do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Pioneira, 1973.

SANCHES, Sidney de Moraes. **Hebreus: espiritualidade e missão**. Belo Horizonte: Lectio, 2003.

SANTE, C. **Liturgia judaica**. São Paulo: Paulus, 2004.

SCHMAUS, M. **A fé da Igreja**. Vol. 5. Petrópolis: Vozes, 1980.

SILVA, J. A. **O Movimento Litúrgico no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1974.

SOUZA, Marcelo de Barros et. al. **Estudos Bíblicos: Liturgias do Povo de Deus**. Vol. 35. Petrópolis e São Leopoldo: Vozes e Sinodal, 1992.

SOUZA, Sócrates Oliveira de (org.). **Pacto e Comunhão – Documentos Batistas**. Rio de Janeiro: Convenção Batista Brasileira, 2004.

TABORDA, Francisco. **Nas Fontes da Vida Cristã**. São Paulo: Loyola, 2001.

_____. **Lex orandi-lex credendi**. Origem, sentido e implicações de um axioma teológico. In: *Perspectivas Teológicas 95*. Belo Horizonte, 2003.

TESCHE, Silvio S. **Vestes litúrgicas: elementos de prodigalidade ou dominação?** São Leopoldo: Sinodal, 1995.

VAGAGGINI, Cipriano. **O sentido teológico da liturgia**. São Paulo: Loyola, 2009.

VALENTINI NETO, Antônio. **Liturgia: fonte vital da comunidade**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

VALVERDE, Messias. **Liturgia e Pregação**. São Paulo: Exodus, 1996.

WHITE, James F. **Introdução ao Culto Cristão**. Trad. Walter Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

WITT, Marcos. **Adoremos**. Trad. Elida Sarraf. Belo Horizonte: Betânia, 2001.

YOUSSEF, Michael. **Fortalecidos pelo louvor**. Trad. Fausto Roberto Castelo Branco. Belo Horizonte: Betânia, 2005.

8.

Anexos

8.1.

Entrevista com Pastores**PESQUISA DE CAMPO**

Estimado pastor,

A presente pesquisa de campo faz parte da produção da minha tese de doutorado na PUC-Rio, sob orientação do Prof. Dr. Abimar Oliveira de Moraes. Estou tratando sobre liturgia batista e, para um panorama da realidade atual, a sua ajuda respondendo as questões abaixo será de grande valor.

Esclareço que a sua identidade, bem como de sua igreja, será plenamente preservada. As respostas formarão um quadro estatístico apenas.

A finalidade da pesquisa está exclusivamente vinculada à tese. Nenhum dado servirá para outro propósito. Nesse entendimento, reafirmo a importância das suas respostas como matéria prima da tese.

Agradecido,

Elildes Junio Macharete Fonseca

INSTITUCIONAL

Quantos anos de organização tem a igreja?

- () Até 10 anos
 () 11 a 20 anos
 () 21 a 30 anos
 () 31 a 40 anos
 () 41 a 50 anos
 () Acima de 50 anos

Quantos membros?

- () Até 100 membros
 () 101 a 200 membros
 () 201 a 300 membros
 () 301 a 400 membros
 () 401 a 500 membros
 () Acima de 500 membros

Faixa etária predominante

- () Até 30 anos
 () 31 a 50 anos
 () 51 a 65 anos
 () Acima de 65 anos

Renda mensal estimada da membresia

- acima de R\$ 6.000,00
- entre R\$ 6.000,00 e R\$ 4.000,00
- entre R\$ 4.000,00 e R\$ 2.000,00
- entre R\$ 2.000,00 e R\$ 1.000,00
- abaixo de R\$ 1.000,00

PRÉ-CULTO

Quem faz a ordem de culto?

- pastor
- ministro de música
- equipe de liturgia
- outros

A ordem de culto vem impressa no boletim?

- sim
- não

O CULTO

O que se canta no culto?

- CC – Cantor Cristão
- HCC – Hinário Para o Culto Cristão
- cânticos
- outros hinários

Participam do culto:

- solistas
- conjuntos
- corais [c/ divisão de vozes e regente]
- quartetos
- grupos coreográficos
- bandas de equipes de cânticos
- orquestra

Como classifica o culto da sua igreja?

- Solene**

O coro veste becas, o oficiante usa terno escuro e o culto não tem partes

anunciadas, pois, tudo está no boletim. A hora de sentar e de levantar estão designadas por asterisco no boletim. Tudo está determinado e não há variações. Canta-se Cantor Cristão e HCC.

- Tradicional**

Este é diferente do anterior pelo fato de haver uma ordem de culto preparada, mas, não com tanta rigidez. Há coros com becas, há hora de sentar e levantar, mas, há mais pessoalidade no culto. Canta-se Cantor Cristão e HCC. Canta-se cânticos, mas, com regência e não com equipes ou bandas.

- Contemporâneo**

Há uma ordem de culto, não necessariamente impressa. Cantam-se cânticos, com participação de bandas e equipes, geralmente de jovens. Cantam-se hinos do Cantor Cristão e do HCC, pelo menos uma vez no culto. Há participação de coros, conjuntos e grupos coreográficos.

- Livre**

Há uma ordem de culto não impressa em boletim. Cantam-se cânticos, com participação de bandas e equipes. Há participação de grupos coreográficos, conjuntos e solistas.

LOGÍSTICA DO CULTO

Qual o tempo de duração do culto dominical?

- até 1 hora
- entre 1 e 2 horas
- acima de 2 horas

Qual o tempo, em média, da pregação?

- até 20min
 de 21 a 30min
 de 31 a 45min
 de 46 a 60min

Quantos cânticos, em média, são cantados em cada culto?

- 1
 2
 3
 4
 5
 6

Quantos hinos, em média, são cantados em cada culto?

- 1
 2
 3
 4
 5
 6

Quem dirige o culto?

- pastor
 ministro de música
 escala entre os membros da igreja

A ordem de culto é preparada de acordo com o tema ou assunto da pregação?

- sim
 não

Tudo está ligado (mesmo assunto/tema) no culto: pregação, hino, leitura bíblica, cântico e solo ou coral?

- sim
 não

Há culto evangelístico com apelo?

- sim
 não

Há culto de estudo bíblico e doutrina?

- sim
 não

No domingo de manhã o culto é (ênfase):

- doutrinário
 estudo bíblico
 evangelístico

No domingo à noite o culto é (ênfase):

- doutrinário
 estudo bíblico
 evangelístico

No meio de semana o culto é (ênfase):

- oração
 doutrinário
 estudo bíblico
 evangelístico

A sua igreja realiza "culto jovem"?

- sim
 não

A igreja segue algum calendário litúrgico para os temas do culto?

- sim
 não

A igreja segue o calendário denominacional (missões, dia da Bíblia, mês da EBD etc.)?

- sim
 não

8.2.

Entrevista com Membros**PESQUISA DE CAMPO**

Estimado(a) irmão(ã),

A presente pesquisa de campo faz parte da produção da minha tese de doutorado na PUC-Rio, sob orientação do Prof. Dr. Abimar Oliveira de Moraes. Estou tratando sobre o culto batista e, para um panorama da realidade atual, a sua ajuda respondendo as questões abaixo será de grande valor.

Esclareço que a sua identidade, bem como de sua igreja e pastor, será plenamente preservada. As respostas formarão um quadro estatístico apenas.

O seu pastor, inclusive, tem conhecimento desta pesquisa e me concedeu a autorização para este contato.

Desejo que Deus abençoe a sua vida e reafirmo que a sua contribuição será exclusivamente para o propósito da produção da tese.

Agradecido,

Elildes Junio Macharete Fonseca, pr.

IDENTIFICAÇÃO*Idade*

- () Até 18 anos
 () 19 a 35 anos
 () 36 a 64 anos
 () A partir de 65 anos

Grau de escolaridade

- () Alfabetização
 () Ensino Fundamental
 () Ensino Médio
 () Nível Superior
 () Pós-Graduação

ATUAÇÃO NO CULTO

Você atua no culto como

- () dirigente
 () coral
 () conjunto
 () solo
 () instrumentista
 () introdutor
 () conselheiro
 () outros

SOBRE O CULTO

O que deve ter sempre no culto

- oração
- pregação
- solo
- coral
- conjunto
- quarteto
- Cantor Cristão
- HCC – Hinário Para o Culto

Cristão

- cânticos
- poesia
- coreografia
- testemunho
- palestra
- filme
- estudo
- jogral
- apelo

O que tem normalmente no culto da sua igreja

- oração
- pregação
- solo
- coral
- conjunto
- quarteto
- Cantor Cristão
- HCC – Hinário Para o Culto

Cristão

- cânticos
- poesia
- coreografia
- testemunho
- palestra
- filme
- estudo
- jogral
- apelo

Quanto tempo você acha que deve durar um culto?

- Até 1 hora
- Entre 1 e 2 horas
- Acima de 2 horas

Quanto tempo é suficiente para uma pregação?

- Até 20min
- Entre 21 e 30 min
- Entre 31 e 45 min
- Entre 46 e 60 min

Quantos cânticos são suficientes num culto?

- 1 2 3 4
- 5 6

Quantos hinos são suficientes no culto?

- 1 2 3 4
- 5 6

Quanto tempo, em média, tem o culto na sua igreja?

- Até 1 hora
- Entre 1 e 2 horas
- Acima de 2 horas

Quanto tempo tem, em média, a pregação?

- Até 20min
- Entre 21 e 30 min
- Entre 31 e 45 min
- Entre 46 e 60 min

Quantos cânticos são cantados?

- 1 2 3 4
- 5 6

Quantos hinos são cantados?

- 1 2 3 4
- 5 6

Quanto tempo dura o período de cânticos (“momento de louvor”)?

- Até 20min
- Entre 21 e 30 min
- Entre 31 e 45 min
- Entre 46 e 60 min

Você acha necessário a ordem de culto vir impressa no boletim?

- sim
- não

Na sua igreja a ordem de culto vem impressa no boletim?

- sim
 não

O culto da sua igreja é muito formal?

- sim
 não

Como você classifica o culto na sua igreja?

- tradicional
 contemporâneo
 “avivado”

Quem dirige o culto da sua igreja?

- pastor
 ministro de música
 membros da igreja

A ordem de culto é de acordo com o tema ou assunto da pregação?

- sim
 não

Tudo está ligado (mesmo assunto/tema) no culto da sua igreja: pregação, hino, leitura bíblica, cântico e solo ou coral?

- sim
 não

Você aprende sobre a denominação batista (princípios e doutrinas) no culto de sua igreja?

- sim
 não

Você gosta mais de:

- hinos
 cânticos

Você acha necessário no domingo um culto de manhã e outro à noite?

- sim
 não

Você frequenta os dois cultos dominicais?

- sim
 não

Você frequenta regularmente os cultos do meio de semana?

- sim
 não

8.3.

Entrevista com Seminaristas**PESQUISA DE CAMPO**

Estimado(a) seminarista,

A presente pesquisa de campo faz parte da produção da minha tese de doutorado na PUC-Rio, sob orientação do Prof. Dr. Abimar Oliveira de Moraes. Estou tratando sobre liturgia batista e, para um panorama da realidade atual, a sua ajuda respondendo as questões abaixo será de grande valor.

Esclareço que a sua identidade, bem como de sua igreja, será plenamente preservada. As respostas formarão um quadro estatístico apenas.

A finalidade da pesquisa está exclusivamente vinculada à tese. Nenhum dado servirá para outro propósito. Nesse entendimento, reafirmo a importância das suas respostas como matéria prima da tese.

Agradecido,

Elildes Junio Macharete Fonseca, pr.

IDENTIFICAÇÃO

Idade

- () 18 a 30 anos
 () 31 a 45 anos
 () 46 a 64 anos
 () A partir de 65 anos

Até o momento, está encontrando no seminário todos os conhecimentos que veio buscar?

- () Sim () Não

Considerando o aprendizado no seminário, você está se sentindo devidamente preparado para encarar o ministério na prática (pastor batista)?

- () sim () não

FORMAÇÃO TEOLÓGICA

Por que você está cursando Teologia (propósito/finalidade)?

- () Vocação pastoral/ministerial
 () Busca de conhecimento
 () Outro

Você aprendeu sobre culto/liturgia batista (como fazer, conteúdo etc.)?

- () sim () não

Qual o seu período (semestre)?

- () 1º () 2º () 3º () 4º
 () 5º () 6º () 7º () 8º

Recebeu todas as instruções sobre princípios e doutrinas batistas (identidade batista)?

- () sim () não

SOBRE O CULTO

Você atua prioritariamente em qual área no culto?

- () direção
 () pregação
 () música
 () aconselhamento
 () recepção
 () educação
 () outro

O que deve ter sempre no culto

- () oração
 () pregação
 () solo
 () coral
 () conjunto
 () quarteto
 () Cantor Cristão
 () HCC – Hinário Para o Culto

Cristão

- () cânticos
 () poesia
 () coreografia
 () testemunho
 () palestra
 () filme
 () estudo
 () jogral
 () apelo

O que tem normalmente no culto da sua igreja

- () oração
 () pregação
 () solo
 () coral
 () conjunto
 () quarteto
 () Cantor Cristão
 () HCC – Hinário Para o Culto

Cristão

- () cânticos
 () poesia
 () coreografia
 () testemunho
 () palestra
 () filme

- () estudo
 () jogral
 () apelo

Quanto tempo você acha que deve durar um culto?

- () Até 1 hora
 () Entre 1 e 2 horas
 () Acima de 2 horas

Quanto tempo é suficiente para uma pregação?

- () Até 20min
 () Entre 21 e 30 min
 () Entre 31 e 45 min
 () Entre 46 e 60 min

Quantos cânticos são suficientes num culto?

- () 1 () 2 () 3 () 4
 () 5 () 6

Quantos hinos são suficientes no culto?

- () 1 () 2 () 3 () 4
 () 5 () 6

Quanto tempo, em média, tem o culto na sua igreja? () Até 1 hora

- () Entre 1 e 2 horas
 () Acima de 2 horas

Quanto tempo tem, em média, a pregação?

- () Até 20min
 () Entre 21 e 30 min
 () Entre 31 e 45 min
 () Entre 46 e 60 min

Quantos cânticos são cantados?

- () 1 () 2 () 3 () 4
 () 5 () 6

Quantos hinos são cantados?

- () 1 () 2 () 3 () 4
 () 5 () 6

Quanto tempo dura o período de cânticos (“momento de louvor”)?

- Até 20min
 Entre 21 e 30 min
 Entre 31 e 45 min
 Entre 46 e 60 min

Você acha necessário a ordem de culto vir impressa no boletim?

- sim não

Na sua igreja a ordem de culto vem impressa no boletim?

- sim não

O culto da sua igreja é muito formal?

- sim não

Como você classifica o culto na sua igreja?

- tradicional
 contemporâneo
 “avivado”

Quem dirige o culto da sua igreja?

- pastor
 ministro de música
 membros da igreja

A ordem de culto é de acordo com o tema ou assunto da pregação?

- sim não

Tudo está ligado (mesmo assunto/tema) no culto da sua igreja: pregação, hino, leitura bíblica, cântico e solo ou coral?

- sim não

Você aprende sobre a denominação batista (princípios e doutrinas) no culto de sua igreja?

- sim não

Você gosta mais de:

- hinos
 cânticos

Você acha necessário no domingo um culto de manhã e outro à noite?

- sim não

Você frequenta os dois cultos dominicais?

- sim não

8.4.

A Confissão de Fé da Guanabara²⁰⁰

Segundo a doutrina de S. Pedro Apóstolo, em sua primeira epístola, todos os cristãos devem estar sempre prontos para dar razão da esperança que neles há, e isso com toda a doçura e benignidade, nós abaixo assinados, Senhor de Villegaig-non, unanimemente (segundo a medida de graça que o Senhor nos tem concedido) damos razão, a cada ponto, como nos haveis apontado e ordenado, e começando no primeiro artigo:

I. *Cremos em um só Deus*, imortal, invisível, criador do céu e da terra, e de todas as coisas, tanto visíveis como invisíveis, o qual é distinto em três pessoas: o Pai, o Filho e o Santo Espírito, que não constituem senão uma mesma substância em essência eterna e uma mesma vontade; o Pai, fonte e começo de todo o bem; o Filho, eternamente gerado do Pai, o qual, cumprida a plenitude do tempo, se manifestou em carne ao mundo, sendo concebido do Santo Espírito, nasceu da virgem Maria, feito sob a lei para resgatar os que sob ela estavam, a fim de que recebêssemos a adoção de próprios filhos; o Santo Espírito, procedente do Pai e do Filho, mestre de toda a verdade, falando pela boca dos profetas, sugerindo as coisas que foram ditas por nosso Senhor Jesus Cristo aos apóstolos. Este é o único Consolador em aflição, dando constância e perseverança em todo bem.

Cremos que é mister somente adorar e perfeitamente amar, rogar e invocar a majestade de Deus em fé ou particularmente.

II. *Adorando nosso Senhor Jesus Cristo*, não separamos uma natureza da outra, confessando as duas naturezas, a saber, divina e humana nele inseparáveis.

III. *Cremos, quanto ao Filho de Deus e ao Santo Espírito*, o que a Palavra de Deus e a doutrina apostólica, e o símbolo, nos ensinam.

IV. *Cremos que nosso Senhor Jesus Cristo virá julgar os vivos e os mortos*, em forma visível e humana como subiu ao céu, executando tal juízo na forma

²⁰⁰ http://www.monergismo.com/textos/credos/confissao_guanabara.htm. Texto incluído como anexo simplesmente por ter sido citado no subtópico “Primeiro Culto Protestante no Brasil”.

em que nos predisse no capítulo vinte e cinco de Mateus, tendo todo o poder de julgar, a Ele dado pelo Pai, sendo homem.

E, quanto ao que dizemos em nossas orações, que o Pai aparecerá enfim na pessoa do Filho, entendemos por isso que o poder do Pai, dado ao Filho, será manifestado no dito juízo, não todavia que queiramos confundir as pessoas, sabendo que elas são realmente distintas uma da outra.

V. *Cremos que no santíssimo sacramento da ceia*, com as figuras corporais do pão e do vinho, as almas fiéis são realmente e de fato alimentadas com a própria substância do nosso Senhor Jesus, como nossos corpos são alimentados de alimentos, e assim não entendemos dizer que o pão e o vinho sejam transformados ou transubstanciados no seu corpo, porque o pão continua em sua natureza e substância, semelhantemente ao vinho, e não há mudança ou alteração.

Distinguimos todavia este pão e vinho do outro pão que é dedicado ao uso comum, sendo que este nos é um sinal sacramental, sob o qual a verdade é infalivelmente recebida. Ora, esta recepção não se faz senão por meio da fé e nela não convém imaginar nada de carnal, nem preparar os dentes para comer, como santo Agostinho nos ensina, dizendo: “Porque preparas tu os dentes e o ventre? Crê, e tu o comeste.”

O sinal, pois, nem nos dá a verdade, nem a coisa significada; mas Nosso Senhor Jesus Cristo, por seu poder, virtude e bondade, alimenta e preserva nossas almas, e as faz participantes da sua carne, e de seu sangue, e de todos os seus benefícios.

Vejam os a interpretação das palavras de Jesus Cristo: “Este pão é meu corpo.” Tertuliano, no livro quarto contra Marcião, explica estas palavras assim: “este é o sinal e a figura do meu corpo.”

S. Agostinho diz: “O Senhor não evitou dizer: — Este é o meu corpo, quando dava apenas o sinal de seu corpo.”

Portanto (como é ordenado no primeiro cânon do Concílio de Nicéia), neste santo sacramento não devemos imaginar nada de carnal e nem nos distrair no pão e no vinho, que nos são neles propostos por sinais, mas levantar nossos espíritos ao céu para contemplar pela fé o Filho de Deus, nosso Senhor Jesus, sentado à destra de Deus, seu Pai.

Neste sentido podíamos jurar o artigo da Ascensão, com muitas outras sentenças de Santo Agostinho, que omitimos, temendo ser longas.

VI. *Cremos que, se fosse necessário pôr água no vinho*, os evangelistas e São Paulo não teriam omitido uma coisa de tão grande conseqüência.

E quanto ao que os doutores antigos têm observado (fundamentando-se sobre o sangue misturado com água que saiu do lado de Jesus Cristo, desde que tal observância não tem fundamento na Palavra de Deus, visto mesmo que depois da instituição da Santa Ceia isso aconteceu), nós não podemos hoje admitir necessariamente.

VII. *Cremos que não há outra consagração senão a que se faz pelo ministro, quando se celebra a ceia*, recitando o ministro ao povo, em linguagem conhecida, a instituição desta ceia literalmente, segundo a forma que nosso Senhor Jesus Cristo nos prescreveu, admoestando o povo quanto à morte e paixão do nosso Senhor. E mesmo, como diz santo Agostinho, a consagração é a palavra de fé que é pregada e recebida em fé. Pelo que, segue-se que as palavras secretamente pronunciadas sobre os sinais não podem ser a consagração como aparece da instituição que nosso Senhor Jesus Cristo deixou aos seus apóstolos, dirigindo suas palavras aos seus discípulos presentes, aos quais ordenou tomar e comer.

VIII. *O santo sacramento da ceia não é alimento para o corpo como para as almas* (porque nós não imaginamos nada de carnal, como declaramos no artigo quinto) recebendo-o por fé, a qual não é carnal.

IX. *Cremos que o batismo é sacramento de penitência, e como uma entrada na igreja de Deus, para sermos incorporados em Jesus Cristo*. Representa-nos a remissão de nossos pecados passados e futuros, a qual é adquirida plenamente, só pela morte de nosso Senhor Jesus.

De mais, a mortificação de nossa carne aí nos é representada, e a lavagem, representada pela água lançada sobre a criança, é sinal e selo do sangue de nosso Senhor Jesus, que é a verdadeira purificação de nossas almas. A sua instituição nos é ensinada na Palavra de Deus, a qual os santos apóstolos observaram, usando de água em nome do Pai, do Filho e do Santo Espírito. Quanto aos exorcismos, abjurações de Satanás, crisma, saliva e sal, nós os registramos como tradições dos homens, contentando-nos só com a forma e instituição deixada por nosso Senhor Jesus.

X. *Quanto ao livre arbítrio*, cremos que, se o primeiro homem, criado à imagem de Deus, teve liberdade e vontade, tanto para bem como para mal, só ele conheceu o que era livre arbítrio, estando em sua integridade. Ora, ele nem apenas guardou este dom de Deus, assim como dele foi privado por seu pecado, e todos os que descendem dele, de sorte que nenhum da semente de Adão tem uma centelha do bem.

Por esta causa, diz São Paulo, o homem natural não entende as coisas que são de Deus. E Oséias clama aos filho de Israel: “Tua perdição é de ti, ó Israel.” Ora isto entendemos do homem que não é regenerado pelo Santo Espírito.

Quanto ao homem cristão, batizado no sangue de Jesus Cristo, o qual caminha em novidade de vida, nosso Senhor Jesus Cristo restitui nele o livre arbítrio, e reforma a vontade para todas as boas obras, não todavia em perfeição, porque a execução de boa vontade não está em seu poder, mas vem de Deus, como amplamente este santo apóstolo declara, no sétimo capítulo aos Romanos, dizendo: “Tenho o querer, mas em mim não acho o realizar.”

O homem predestinado para a vida eterna, embora peque por fragilidade humana, todavia não pode cair em impenitência.

A este propósito, S. João diz que ele não peca, porque a eleição permanece nele.

XI. *Cremos que pertence só à Palavra de Deus perdoar os pecados*, da qual, como diz santo Ambrósio, o homem é apenas o ministro; portanto, se ele condena ou absolve, não é ele, mas a Palavra de Deus que ele anuncia.

Santo Agostinho, neste lugar diz que não é pelo mérito dos homens que os pecados são perdoados, mas pela virtude do Santo Espírito. Porque o Senhor dissera aos seus apóstolos: “recebei o Santo Espírito;” depois acrescenta: “Se perdoardes a alguém os seus pecados,” etc.

Cipriano diz que o servo não pode perdoar a ofensa contra o Senhor.

XII. *Quanto à imposição das mãos*, essa serviu em seu tempo, e não há necessidade de conservá-la agora, porque pela imposição das mãos não se pode dar o Santo Espírito, porquanto isto só a Deus pertence.

No tocante à ordem eclesiástica, cremos no que S. Paulo dela escreveu na primeira epístola a Timóteo, e em outros lugares.

XIII. *A separação entre o homem e a mulher legitimamente unidos por casamento não se pode fazer senão por causa de adultério*, como nosso Senhor ensina (Mateus 19:5). E não somente se pode fazer a separação por essa causa, mas também, bem examinada a causa perante o magistrado, a parte não culpada, se não podendo conter-se, deve casar-se, como São Ambrósio diz sobre o capítulo sete da Primeira Epístola aos Coríntios. O magistrado, todavia, deve nisso proceder com madureza de conselho.

XIV. *São Paulo, ensinando que o bispo deve ser marido de uma só mulher*, não diz que não lhe seja lícito tornar a casar, mas o santo apóstolo condena a bigamia a que os homens daqueles tempos eram muito afeitos; todavia, nisso deixamos o julgamento aos mais versados nas Santas Escrituras, não se fundando a nossa fé sobre esse ponto.

XV. *Não é lícito votar a Deus, senão o que ele aprova*. Ora, é assim que os votos monásticos só tendem à corrupção do verdadeiro serviço de Deus. É também grande temeridade e presunção do homem fazer votos além da medida de sua vocação, visto que a santa Escritura nos ensina que a continência é um dom especial (Mateus 15 e 1 Coríntios 7). Portanto, segue-se que os que se impõem esta necessidade, renunciando ao matrimônio toda a sua vida, não podem ser desculpados de extrema temeridade e confiança excessiva e insolente em si mesmos.

E por este meio tentam a Deus, visto que o dom da continência é em alguns apenas temporal, e o que o teve por algum tempo não o terá pelo resto da vida. Por isso, pois, os monges, padres e outros tais que se obrigam e prometem viver em castidade, tentam contra Deus, por isso que não está neles o cumprir o que prometem. São Cipriano, no capítulo onze, diz assim: “Se as virgens se dedicam de boa vontade a Cristo, perseverem em castidade sem defeito; sendo assim fortes e constantes, esperem o galardão preparado para a sua virgindade; se não querem ou não podem perseverar nos votos, é melhor que se casem do que serem precipitadas no fogo da lascívia por seus prazeres e delícias.” Quanto à passagem do apóstolo S. Paulo, é verdade que as viúvas tomadas para servir à igreja, se submetiam a não mais casar, enquanto estivessem sujeitas ao dito cargo, não que por isso se lhes reputasse ou atribuísse alguma santidade, mas porque não podiam bem desempenhar os deveres, sendo casadas; e, querendo casar, renunciassem à vocação para a qual Deus as tinha chamado, contudo que cumprissem as promes-

sas feitas na igreja, sem violar a promessa feita no batismo, na qual está contido este ponto: “Que cada um deve servir a Deus na vocação em que foi chamado.” As viúvas, pois, não faziam voto de continência, senão porque o casamento não convinha ao ofício para que se apresentavam, e não tinha outra consideração que cumpri-lo. Não eram tão constrangidas que não lhes fosse antes permitido casar que se abrasar e cair em alguma infâmia ou desonestidade.

Mas, para evitar tal inconveniência, o apóstolo São Paulo, no capítulo citado, proíbe que sejam recebidas para fazer tais votos sem que tenham a idade de sessenta anos, que é uma idade normalmente fora da incontinência. Acrescenta que os eleitos só devem ter sido casados uma vez, a fim de que por essa forma, tenham já uma aprovação de continência.

XVI. *Cremos que Jesus Cristo é o nosso único Mediador*, intercessor e advogado, pelo qual temos acesso ao Pai, e que, justificados no seu sangue, seremos livres da morte, e por ele já reconciliados teremos plena vitória contra a morte.

Quanto aos santos mortos, dizemos que desejam a nossa salvação e o cumprimento do Reino de Deus, e que o número dos eleitos se complete; todavia, não nos devemos dirigir a eles como intercessores para obterem alguma coisa, porque desobedeceríamos o mandamento de Deus. Quanto a nós, ainda vivos, enquanto estamos unidos como membros de um corpo, devemos orar uns pelos outros, como nos ensinam muitas passagens das Santas Escrituras.

XVII. *Quanto aos mortos*, São Paulo, na Primeira Epístola aos Tessalonicenses, no capítulo quatro, nos proíbe entristecer-nos por eles, porque isto convém aos pagãos, que não têm esperança alguma de ressuscitar. O apóstolo não manda e nem ensina orar por eles, o que não teria esquecido se fosse conveniente. S. Agostinho, sobre o Salmo 48, diz que os espíritos dos mortos recebem conforme o que tiverem feito durante a vida; que se nada fizeram, estando vivos, nada recebem, estando mortos.

Esta é a resposta que damos aos artigos por vós enviados, segundo a medida e porção da fé, que Deus nos deu, suplicando que lhe praza fazer que em nós não seja morta, antes produza frutos dignos de seus filhos, e assim, fazendo-nos crescer e perseverar nela, lhe rendamos graças e louvores para sempre. Assim seja.

Jean du Bourdel, Matthieu Verneuil, Pierre Bourdon, André la Fon.